unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
**Faculdade de Filosofia e Ciências,**
**Campus de Marília - SP**

LUCILENE NUNES

# Epistemologia e Ciência da Informação: Um Estudo das Comunicações do GT1 do ENANCIB

MARÍLIA, SP
2009

LUCILENE NUNES

# Epistemologia e Ciência da Informação: Um Estudo das Comunicações do GT1 do ENANCIB

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista / UNESP – Campus de Marília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

**Área de concentração**: Informação, Tecnologia e Conhecimento.

**Orientador:** Dr. Eduardo Ismael Murguia.

**Linha de pesquisa:** Produção e Organização da Informação.

MARÍLIA, SP
2009

LUCILENE NUNES

# Epistemologia e Ciência da Informação: Um Estudo das Comunicações do GT1 do ENANCIB

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista / UNESP – Campus de Marília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

**Área de concentração**: Informação, Tecnologia e Conhecimento.

**Orientador:** Dr. Eduardo Ismael Murguia.
**Linha de pesquisa:** Produção e Organização da Informação.

**Data da defesa: 25 /09 /2009.**

**Banca Examinadora:**

---

**Orientador(a): Drª. Eduardo Ismael Murguia**

Profº do Departamento de Ciência da Informação

Faculdade Filosofia e Ciências, Campus de Marília

Universidade Estadual Paulista – UNESP

---

**Membro: Drª Ely Francina Tannuri de Oliveira**

Profª do Departamento de Ciência da Informação

Faculdade Filosofia e Ciências, Campus de Marília

Universidade Estadual Paulista – UNESP

---

**Membro: Drª Luciana de Souza Gracioso**

Profª do Departamento de Ciência da Informação

Centro de Educação e Ciências Humanas

Universidade Federal de São Carlos

**Local**: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Filosofia e Ciências

UNESP – Campus de Marília

## ~~DEDICATÓRIA~~

*~~Á Maria...~~*

Um dom, uma certa magia,
Uma força que nos alerta
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas agüenta.

*~~Á Maria...~~*

Pois, é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre...
É preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre.

*~~Á Maria...~~*

Pois, quem traz no corpo sua marca...
Maria, Maria...
Mistura a dor e a alegria.
Possui a estranha mania
De ter fé na vida.

**(MILTON NASCIMENTO)**

# *AGRADECIMENTOS*

*Agradeço primeiramente a **Deus** por me dar força e perseverança para concluir todos os meus projetos de vida e por chegar ao final de mais uma etapa da minha jornada.*

*Ao meu Prfº Orientador **Eduardo Murguia** pelas preciosas orientações e por me guiar pelos caminhos da pesquisa cientifica. Espero ter correspondido suas expectativas.*

*As agências que contribuíram financeiramente para essa pesquisa, sendo elas: **CNPq** e **CAPES**.*

*As professoras **Ely Francine** e **Luciana Gracioso** que gentilmente aceitaram fazer parte de minhas bancas de qualificação e defesa e pelas preciosas contribuições para o desenvolvimento dessa pesquisa.*

*A todos os **professores** e **funcionários** do departamento de Ciência da Informação da UNESP, pela formação e os ensinamentos, a alguns deles também pela amizade (em especial a Profª Mariângela Fujita por me dar apoio no momento que precisei e a Helen de Castro pela amizade, disponibilidade e atenção).*

*A minha querida irmã **Luciana**; por me ouvir e me aconselhar sempre: a distancia nunca separará nossos corações. E ao meu cunhado **Lucas**, pela ajuda com o "idioma estranho" e por cuidar da minha flor.*

*A minha mãe **Maria** pelo dom vida, apoio e amor incondicional da qual serei sempre grata.*

*A meu irmão **Edson** e minha cunhada **Ângela**, pela amizade e por me darem minhas jóias **Mariele, Maicon, Mariana** e a pequena **Maísa**.*

*A minha sogra **D. Cida**, meus cunhados **Adriana, Juliana, Leandro**, **Roberto** e **Romário** pelo carinho dedicado e por me receberem na família, à vocês minha eterna ternura.*

*A minhas eternas irmãs e amigas **Lucimara** e a **Marcelli** das quais eu sinto tanta falta, a vocês desejo todo sucesso e felicidade que a vida pode proporcionar*

*.*

*A minha comadre, vizinha e amiga **Cibelli** e sua mãe **D. Cida**, pela amizade, confiança e principalmente por me dar minha pequena **Eduarda** pra alegrar (e tumultuar) meus dias.*

*As minhas queridas e eternas amigas **Marta e Hevelyn,** por compartilhar comigo tantos momentos de alegria e de tristeza, tantas vitórias e derrotas. "Amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito", vocês estarão sempre lá com certeza.*

*Aos meus queridos amigos **Diego, Iuri (tiozão),** e **Juninho** pela amizade desinteressada, o carinho e*

*por "espantarem os ladrões"...rs*

*A todas as pessoas que conheci ao longo desses anos que tornaram minha caminhada mais alegre e que hoje posso chamá-los de amigos, alguns deles são:* ***Manu, Larissa, Fernando, Cíntia, Luci, Maira, Suzaninha, Mateus, Nando, Felipe, Lucas****...e tantos outros que não caberiam no papel.... imensas saudades de todos vocês.*

*Ao meu grande amor* ***Juliano****,colocado em minha vida por Deus para ser meu porto seguro. Obrigada pelo apoio no momento mais difícil de minha vida, por me amar, por cuidar de mim e me dar colo, carinho, conforto e força para superar as dificuldades que a vida nos apresenta. Se for pra falar de algo bom eu sempre vou me lembrar de você.Te amo muito!!!*

*Enfim, a todos aqueles que direta ou indiretamente fizeram parte dessa conquista o meu muito obrigada.*

***In memória de Lazaro Afonso de Campos exemplo de força e luta pela vida.***
***Onde quer que esteja sei que está feliz por minha vitória..***

> Da Ciência da Informação se espera, portanto, a definição do que propriamente pode ou não chamar-se *informação* e da reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação, o esclarecimento das condições de possibilidade de um conhecimento da informação que possa chamar-se de *científico*.
>
> (Gómez , 2001, p.6)

**RESUMO**

# Epistemologia da Ciência da Informação: Um estudo das comunicações do GT1 do ENANCIB.

Lucilene Nunes (Universidade Estadual Paulista – UNESP)

O presente trabalho se propõe a refletir sobre o desenvolvimento das pesquisas e o avanço do pensamento científico da área da Ciência da Informação. Com a finalidade de alcançar tal objetivo demarcamos como universo da pesquisa os anais do ENANCIB (Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação) especificamente, as comunicações do GT1 "Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação", abrangendo os 98 trabalhos distribuídos nas seis edições compreendidas pela pesquisa. Nosso objetivo consiste também em verificar em que medida as pesquisas apresentadas nesse grupo vão ao encontro dos pressupostos anunciados pela ementa, tratando de identificar os temas que vêm sendo realizados nos últimos oito anos nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil. Para assim, podermos evidenciar as preocupações epistemológicas dos pesquisadores da área. Buscou-se a base teórica na literatura de Ciência da Informação compreendendo seu nascimento, desenvolvimento e mudanças paradigmáticas, bem como a história do ensino de Biblioteconomia no Brasil, para enfim discutir o aparecimento da Pós-Graduação e as agências vinculadas a ela como o CNPq. O método utilizado tomou como base a fragmentação da ementa do GT1 em sete categorias de assunto nas quais distribuímos as 323 palavras-chaves dos 98 trabalhos. Entre os vários pontos conclusivos aos quais chegamos evidenciamos o GT1 como um espaço que propicia os avanços sobre o pensamento científico da área e desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do campo. É necessário, portanto, dedicar a devida atenção no sentido de ir ao encontro das necessidades que o campo demonstra, além de verificar o rumo que suas pesquisas estão tomando.

**Palavras-chaves:** Epistemologia da Ciência da Informação. Ensino de Biblioteconomia. ENANCIB. Pós-Graduação.

## ABSTRACT:

**Epistemology of Information Science: A study of communications in GT1 ENANCIB**

The present work proposes to think the development of the research and the innovation of the scientific thought on the field Information Science. In order to reach the achieve this goal we defined as the survey of the annals of ENANCIB (National Meeting on Research in Information Science) specifically, the communications GT1 “Historical Studies and Epistemological Information”, comprehend in the 98 works distributed in six issues included in the research. We intend to also check the extent to presented in this group are in line with the assumptions announced by the matter of concern, trying to identify the subjects of research that has been made over the last eight years on the Postgraduate Programs in Information Science in Brazil. To do so, we highlight the epistemological concerns of researchers in the field. We tried to establish theoretical literature based of the information science, understanding the birth, development, paradigm shifts, and the history of education in Library Science in Brazil, to finally discuss the emergence of Postgraduate Programs and agencies linked to it as the CNPq and CAPES. The method employed this work were based on the fragmentation of the matter of concern of GT1 in seven subject categories, in which was distributed in the 323 keywords in 98 jobs. The conclusions in the end, confirm the GT1 as a space that provides the progress of scientific thought of the area and plays a key role in developing the Field. It is necessary, therefore, due attention in order to prioritize the needs that the field shows, and check the direction to which your research is heading.


**Keywords:** Epistemology, Information Science, School of Librarianship, ENANCIB, Postgraduate.

**LISTA DE QUADROS:**

**QUADRO 1**
**V ENANCIB -** Títulos e Palavras-Chaves.....83

**QUADRO 2**
**VI ENANCIB -** Títulos e Palavras-Chaves .....84

**QUADRO 3**
**VII ENANCIB -** Títulos e Palavras-Chaves.....85

**QUADRO 4**
**VIII ENANCIB -** Títulos e Palavras-Chaves.....86

**QUADRO 5**
**IX ENANCIB -** Títulos e Palavras-Chaves.....87

**QUADRO 6**
**Categoria 1**- Paradigmas da Ciência da Informação .....95

**QUADRO 7**
**Categoria 2 -** Campo científico - Ciência da Informação.....96

**QUADRO 8**
**Categoria 3 -** Estudos epistemológicos em Ciência da Informação.....96

**QUADRO 9**
**Categoria 4 -** Disciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade.....97

**QUADRO 10**
**Categoria 5 -** Estudos do Conhecimento em Ciência da Informação.....98

**Quadro 11**
**Categoria 6 -** Estudos históricos em Ciência da Informação .....98

**Quadro 12**
**Categoria 7 -** Palavras chaves que não se encaixam na ementa .....99

**Quadro 13**
**Categoria A -** Estudos Metodológicos em Ciência da Informação.....111

**Quadro 14**
**Categoria B -** Estudos do objeto da Ciência da Informação.....111

**Quadro 15**

**Categoria C -** Estudos Tecnológicos para a Ciência da Informação .....112

**Quadro 16**
**Categoria D -** Graduação e Pós-Graduação em Ciência da Informação – Pesquisas .....112

**Quadro 17**
**Categoria E -** Imagem e Memória .....113

**Quadro 18**

**Categoria 7.1 -** Palavras chaves que não se encaixam na ementa.....113

**LISTA DE GRÁFICOS**

**GRÁFICO 1**
Distribuição das Palavras-Chaves .....101

**GRÁFICO 2**
Porcentagem de Distribuição das Palavras-Chaves .....101

**GRÁFICO 3**
Categoria 1 – Paradigmas da Ciência da Informação .....102

**GRÁFICO 4**
Categorias 2 – Campo Científico – Ciência da Informação .....102

**GRÁFICO 5**
Categorias 3 – Estudos Epistemológicos da Ciência em Informação.....102

**GRÁFICO 6**
Categorias 4 – Disciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade.....103

**GRÁFICO 7**
Categorias 5 – Estudos do Conhecimento em Ciência da Informação.....103

**GRÁFICO 8**
Categorias 6 – Estudos Históricos em Ciência da Informação.....103

**GRÁFICO 9**
Categoria 7 – Palavras que não se encaixam na ementa.....104

**GRÁFICO 10**
Distribuição das categorias por ano: 2003.....104

**GRÁFICO 11**
Distribuição das categorias por ano: 2005.....105

**GRÁFICO 12**
Distribuição das categorias por ano: 2006.....105

**GRÁFICO 13**
Distribuição das categorias por ano: 2007.....105

**GRÁFICO 14**
Distribuição das categorias por ano: 2008.....106

LISTA DE SIGLAS

**ABNT** - Associação Brasileira de Normas Técnicas
***ADI*** *- American Documentation Insitute*
**ANCIB** - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
***ASIS*** *- American Society of Information Science*
**C&T** - Ciência e Tecnologia
**CAPES -** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
**CATC -** Comissão de Assessoramento Técnico-Científico
**CBBD** - Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
**CBO –** Classificação Brasileira de Ocupações
**CCN -** Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas
**CD -** Conselho Deliberativo
**CDC -** Curso de Especialização em Informação e Documentação
**CDU** - Classificação Decimal Universal
**CI** - Ciência da Informação
**CNE -** Conselho Nacional de Educação
**CNPq** - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
**COBRG -** Coordenação do Programa de Pesquisa em Biotecnologia e Recursos Genéticos
**COCHS -** Coordenação do Programa de Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.
**COGEC -** Coordenação de Gestão em Ecossistemas
**COMUT -** Programa de Comutação Bibliográfica
**COSAU -** Coordenação do Programa de Pesquisa em Saúde
**DEX -** Diretoria Executiva
**ENANCIB** - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
**EUA** – Estados Unidos da América
**FGV -** Fundação Getúlio Vargas
**FID** - Federação Internacional de Documentação
**FNDCT –** Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
**GT** - Grupos Temáticos
**IBBD** - Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
**IBICT** - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
**IEL/DF -** Instituto Euvaldo Lodi do Distrito Federal
**IIB** - *International Institute of Bibliography*
**INL -** Instituto Nacional do Livro
**MCT** - Ministério da Ciência e Tecnologia
**MCT -** Ministério da Ciência e Tecnologia
**OIB** - Escritório Internacional de Bibliografia
**P&D -** Pesquisa e Desenvolvimento
**PADCT –** Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
**Paeg -** Plano de Ação Econômica do Governo
**PBDCT –** I Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
**PEG -** Programa Estratégico de Crescimento
**PNBU -** Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias

**PND –** I Plano Nacional de Desenvolvimento
**PPGCI -** Programas e cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação
**RBU** - Repertoire Bibliographique Universel
**RHAE –** Programa de Capacitação de Recursos Humanos para o Desenvolvimento Tecnológico
**RNP -** Rede Nacional de Pesquisa
**SBPC -** Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
**UEL -** Universidade Estadual De Londrina **/** PR
***UFBA* -** Universidade Federal da Bahia
**UFF -** Universidade Federal Fluminense
**UFMG -** Universidade Federal de Minas Gerais
**UFPB -** Universidade Federal da Paraíba
**UFPE -** Universidade Federal De Pernambuco **/** PE
**UFRJ -** Universidade Federal do Rio de Janeiro
**UNB -** Universidade de Brasília
**Unesco -** Organização das Nações Unidas pela Educação, a Ciência e a Cultura
**UNESP** – Universidade Estadual Paulista
**Unisist -** Sistema Mundial de Informação Cientifica e Tecnológica
**USP – ECA -** Universidade de São Paulo - Escola de Comunicação e Artes

**SUMÁRIO**

**1 INTRODUÇÃO** ..... **16**
**2 ELEMENTOS HISTÓRICOS DA CIENCIA DA INFORMAÇÃO** ..... 24
**2.1** Otlet e a Documentação: princípios para a Ciência da Informação ..... 24
**2.2** A Ciência da Informação ..... 30
**2.3** Ciência da Informação: Alguns conceitos ..... 36
3 BIBLIOTECONÔMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL ..... **47**
**3.1** A Biblioteconomia e a formação do bibliotecário no Brasil ..... 52
**3.2** O IBICT e a Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil ..... 64
**3.2.1** IBICT – Breve Histórico ..... 64
**3.2.2** A Pós-Graduação em Ciência da Informação ..... 65
**3.3** O CNPq ..... 69
**3.4** Políticas de informação para a Ciência e tecnologia no Brasil ..... 71

**4 UNIVERSO DA PESQUISA** ..... 79
**4.1** A ANCIB e o ENANCIB ..... 79
**4.2** População Estudada - O GT1 do ENANCIB ..... 81
**4.3** Córpus da pesquisa. ..... 83

**5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS** ..... 89

**6 ANÁLISE E DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS** ..... 95
**6.1** Distribuição das palavras-chaves ..... 95
**6.2** Apresentação dos resultados ..... 106

**7 CONSIDERAÇÕES FINAIS** ..... 115

**REFERÊNCIAS** ..... 121

**APÊNDICES** ..... 125
Apêndice 1- Quadro geral de palavras-chaves ..... 125

## INTRODUÇÃO

O estudo que se apresenta insere-se na linha de Produção e Organização da Informação, no tema Epistemologia da Ciência da Informação e foi desenvolvido no Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação da Unesp – Campus de Marília. Possui como panorama as questões epistemológicas acerca da Ciência da Informação suscitadas ao longo de sua história e o desenvolvimento do pensamento científico na área. Nossa proposta é reunir elementos que possam servir como fio condutor para uma análise crítica e histórica do desenvolvimento das pesquisas e estruturação do campo.

Assim, esta pesquisa traça alguns elementos históricos sobre o nascimento e desenvolvimento da Ciência da Informação, voltando ao surgimento da Documentação e de seu principal fundador, Paul Otlet, para enfim chegar ao contexto histórico que propiciou o desenvolvimento da Ciência da Informação e dividiu-a em duas correntes distintas, a européia e a estadunidense. A corrente européia prega os princípios da Documentação enquanto que a estadunidense pode ser considerada a criadora da Ciência da Informação.

No decorrer dos capítulos veremos, também, algumas das principais conceituações de Ciência da Informação, além dos temas de pesquisa desenvolvidos ao longo dos anos. Contextualizamos o aparecimento da Ciência da Informação no Brasil, os primeiros eventos que marcaram seu nascimento, em especial a criação do IBBD, o desenvolvimento do curso de Biblioteconomia no país e a formação do profissional bibliotecário para, finalmente, falarmos da criação e influência da Pós-Graduação em Ciência da Informação.

Ao longo da história das ciências muitas áreas foram desenvolvidas com o objetivo de organizar e tratar a informação e o documento, entre as quais destacam-se a Biblioteconomia, a Bibliografia, a Documentação e a Ciência da Informação. Das as quatro citadas, a Biblioteconomia pode ser considerada a mais antiga, pois desde o início da escrita já se buscavam técnicas eficazes para organizar os documentos e formar acervos. A Bibliografia, por sua vez, nasceu como uma técnica dentro da Biblioteconomia destinada a descrever o conteúdo dos documentos organizados, mais precisamente, através da elaboração de bibliografias que reuniam informações acerca destes documentos. Com a cisão de ambas (Biblioteconomia e Bibliografia) no final do século XIX, os avanços ocorridos com as técnicas bibliográficas e o advento dos periódicos científicos, a própria Bibliografia proporcionou insumo para o desenvolvimento da Documentação, que cresceu e se expandiu principalmente na Europa.

Vista como o processo de reunir, classificar e difundir documentos em todos os campos da atividade humana, a Documentação teve como principal representante o pesquisador belga Paul Otlet, um dos responsáveis por grandes criações como: Repertoire Bibliographique Universel (RBU), o Instituto Internacional de Bibliografia, a Classificação Decimal Universal (CDU) e o Tratado de Documentação, entre outros.

A partir da metade do séc. XX, com o fim da Segunda Guerra Mundial, os EUA, assim como a maioria dos países, passaram a demonstrar uma maior interesse em tecnologia e informação enquanto fator de crescimento e desenvolvimento das nações, o que deu ensejo a que uma nova corrente começasse a ganhar força no país: a Ciência da Informação, que caracterizava-se pela combinação de muitas das técnicas da documentação com as modernas tecnologias eletrônicas, de informação e de automação.

Como área científica há indícios de que a Ciência da Informação data de década de 1960, tendo surgido como uma necessidade da sociedade e em resposta aos problemas gerados por essa no que dizia respeito à organização e recuperação de um número sempre crescente de informações científicas e tecnológicas, conseqüentemente ao aumento na geração de documentos. Entre alguns de seus conceitos mais significativos destacamos o desenvolvido nas conferências do Georgia Institute of Technology em 1961 e 1962 por Shera*,( 1977, apud BRAGA, 1995), Borko (1968)*, Goffman (1970, apud SARACEVIC, 1996), e outros mais atuais, como Le Coadic (1996), Saracevic (1996), Barreto (2002) e outros.

No Brasil, o desenvolvimento dessa ciência se deu atrelado à Documentação e possibilitado por ela, especialmente após a criação, em 1954, do IBBD (Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação), concebido como órgão de produção e acumulação de informações bibliográficas. Através dele o Brasil, e principalmente a Biblioteconomia brasileira, iniciou um novo período tanto no que se refere ao tratamento documentário como a novas construções teóricas e, sobretudo, à postura profissional.

Em 1968 o próprio IBBD começa a promover no Brasil eventos que visam discutir os princípios tecnológicos da Ciência da Informação, mas sua manifestação definitiva, no entanto, se deu com o surgimento do primeiro mestrado em Ciência da Informação do Brasil, criado em 1970 também pelo IBBD. O mestrado transformou o ensino de Biblioteconomia no país e consolidou definitivamente a Ciência da Informação Brasileira.

O caminho traçado pelas pesquisas realizadas ao longo dos anos dentro da área demonstra uma ampla variedade de temas, bem como um considerável leque de

possibilidades de atuação profissional. Entretanto, no que diz respeito às conceituações da área verificamos a impossibilidade de acordo causado pelas diversas correntes de pensamento que se inter-relacionam.

Por tratar-se de uma ciência que pode ser considerada relativamente jovem já que seu surgimento data apenas de cerca de meio século, as pesquisas de cunho teórico e histórico á ela vinculadas podem contribuir muito para o fortalecimento de suas bases e para descrever a história de sua criação.

É pensando no nascimento e desenvolvimento da Ciência da Informação que a presente pesquisa visa reunir elementos que possam servir com fio condutor para uma reflexão crítica e histórica acerca do andamento das investigações e da estruturação dessa ciência no contexto das ciências atuais, sustentando-se, para isso, nas comunicações do GT1 do ENANCIB.

Entre os elementos históricos que colaboraram para o desenvolvimento da Ciência da Informação no Brasil ao longo dos anos, evidenciaremos e abordaremos nesta pesquisa o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), criado em 1954 com a antiga denominação de Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD).

Atualmente, o IBICT se configura como um centro nacional de pesquisa, de intercâmbio científico, de formação, treinamento e aperfeiçoamento de pessoal científico, com a finalidade de contribuir para o avanço da ciência, da tecnologia e da inovação tecnológica do País por intermédio do desenvolvimento da comunicação e informação nessas áreas.

Outra agência de fundamental importância para as pesquisas em Ciência da Informação no Brasil é o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Tal agência destina-se ao fomento da pesquisa científica e tecnológica e à formação de recursos humanos para a pesquisa no país, promovendo, para isso, diversos instrumentos de apoio, como bolsas de estudo e pesquisa, auxílios e programas.

Essa duas instituições são os principais meios de fomento à pesquisa no país. Suas ações são direcionadas pelas políticas de informação em Ciência e Tecnologia, que, por sua vez, são definidas pelo Estado através dos Ministérios e Conselhos de pesquisa.

E por último, mas não menos importante, citamos a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), sociedade civil que se destina a acompanhar e estimular as atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa em Ciência

da Informação no Brasil desde 1989 e que também faz parte da história do desenvolvimento da Ciência da Informação no Brasil.

Entre as atividades estruturadas pela ANCIB, destacamos neste trabalho a criação do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – O ENANCIB – uma vez que o mesmo representa o mais importante forum brasileiro de debates e reflexões acerca da Ciência da Informação em nível de pós-graduação. Tal evento reúne pesquisadores interessados em temas especializados da Ciência da Informação visando agregar pesquisadores e programas de pós-graduação brasileiros e promover um espaço privilegiado para o debate da pesquisa conduzida pela Ciência da Informação.

Realizado desde 1994, o ENANCIB já conta com nove edições realizadas. Sua organização compreende a divisão dos temas de pesquisas em grupos temáticos (GT), sendo que, atualmente, os grupos encontram-se divididos da seguinte maneira:

GT1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação.

GT2 – Organização e Representação do Conhecimento.

GT3 – Mediação, Circulação e Uso da Informação.

GT4 – Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações.

GT 5 – Política e Economia da Informação.

GT6 – Informação, Educação e Trabalho.

GT7 – Produção e Comunicação da Informação em CT&I.

GT8 – Informação e Tecnologia.

GT9 – Museu, Patrimônio e Informação.

Esta pesquisa compreende todos os trabalhos apresentados no GT1 (“Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação”), desde sua criação no IV ENANCIB, realizado no ano 2000, até a sua 9ª edição no ano de 2008, abrangendo, dessa maneira, seis edições do referido encontro.

O presente trabalho se propõe a refletir sobre o desenvolvimento das pesquisas e o avanço do pensamento científico na área da Ciência da Informação. Com esta finalidade demarcamos como universo da pesquisa os anais do ENANCIB, especificamente, as comunicações do GT1, abrangendo noventa e oito trabalhos distribuídos nas seis edições compreendidas pela pesquisa. Nosso objetivo consiste também em verificar em que medida as pesquisas apresentadas nesse grupo vão ao encontro dos pressupostos anunciados pela ementa, bem como em identificar os temas das pesquisas que vêm sendo realizadas nos

últimos oito anos nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil, para assim podermos evidenciar as preocupações epistemológicas dos pesquisadores da área.

O material utilizado para a realização deste estudo foram os anais publicados ao final de cada uma das edições do ENANCIB. Os trabalhos selecionados, como já dissemos, foram os noventa e oito apresentados no GT1 "Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação". O método utilizado tomou como base para a análise a ementa do GT1, bem como as Palavras-chaves de cada um desses trabalhos. Quando necessário, recorríamos também aos títulos e resumos.

Assim, fragmentamos a ementa do GT1 do ENANCIB em seis palavras-chaves, ou seja, seis grandes categorias de assunto. As palavras-chaves dos artigos, por sua vez, somaram 323 termos simples ou compostos, os quais distribuímos pelas seis categorias de assunto determinadas segundo a ementa. Aquelas palavras que não se encaixavam em nenhuma das seis categorias foram destinadas a uma sétima classe de palavras.

Esse método foi escolhido porque acreditamos que as palavras-chaves de um artigo devem sintetizar, ou seja, condensar o assunto desenvolvido e porque cremos ainda ser o autor uma autoridade competente para representar sua própria obra.

Dessa maneira, salientamos que as questões de natureza epistemológica em Ciência da Informação configuram-se em especulações fundamentais no processo de construção do conhecimento e essenciais para uma reflexão sobre a natureza e os princípios básicos que norteiam essa mesma ciência, aos quais cada pesquisador deve dar sua contribuição através da investigação científica. O presente trabalho pretende dar essa contribuição traçando uma linha evolutiva do pensamento científico da área utilizando-se para isso de seu mais importante encontro de pesquisadores e forum de debate em nível nacional, colaborando assim para que a Ciência da informação possa escrever a história de seu desenvolvimento teórico.

Na tentativa de se obter uma melhor compreensão a respeito do assunto o primeiro capítulo apresenta uma breve introdução do que tem sido realizado nesta pesquisa, oferecendo assim ao leitor uma visão geral dos temas abordados e introduzindo-o nas temáticas em questão.

O segundo capítulo aborda a Ciência da Informação enquanto área científica, sua origem, evolução e mudanças, iniciando nosso relato pela antiga Biblioteconomia em conjunto com a Bibliografia e pela cisão sofrida entre elas. Discorre acerca do surgimento da

Documentação, sua finalidade e seu principal fundador, Paul Otlet, para enfim chegar ao contexto histórico que propiciou o desenvolvimento da Ciência da Informação e dividiu-a em duas correntes distintas, a Européia que prega os princípios da Documentação, e a Estadunidense, que criou a Ciência da Informação (embora, muitas vezes, essas duas cheguem a confundir-se uma com a outra em razão de suas semelhanças). O capítulo também traz alguns dos principais eventos que marcaram a sedimentação da Ciência da Informação no mundo, o contexto mundial em que surgiu e as mudanças de paradigmas refletidos nos temas de pesquisa ao longo dos anos. Refere ainda, por fim, algumas tentativas de conceituações, tais como aquelas formuladas nas conferências do Georgia Institute of Technology em 1962, Borko em 1968, Goffman em 1970, Le Coadic em 1994, Saracevic em 1996 e Barreto em 2002.

O terceiro capítulo, por sua vez, busca contextualizar o aparecimento da Ciência da Informação no Brasil, trazendo os primeiros eventos que marcaram seu nascimento. Relata como foi a relação da Ciência da Informação com a Documentação no país, bem como da criação e influência do IBBD como novo marco no tratamento documentário brasileiro, tratando ainda à respeito do órgão que introduziu novas construções teóricas e principalmente uma postura profissional totalmente diferenciada. Discorremos também, nesse mesmo capítulo, sobre a criação e desenvolvimento do curso de Biblioteconomia no país e a formação do profissional bibliotecário desde o primeiro curso criado em 1915 pela Biblioteca Nacional, passando pela criação das várias escolas de Biblioteconomia, pela formulação do primeiro currículo mínimo obrigatório para o curso e pela criação e influência do primeiro mestrado em Ciência da Informação em 1970 chegando finalmente o perfil do profissional da informação hoje. O desenvolvimento e a importância do IBICT (antigo IBBD) na atualidade são abordados na seqüência do terceiro capítulo, e como esse foi o principal instituto responsável pela introdução do ensino de Ciência da Informação em nível de pós-graduação no Brasil, pontuamos a criação do mestrado e as fases pelas quais passou a Pós-Graduação nessa área em seu início. Por fim, discorremos sobre o CNPq como a principal agência de financiamento a pesquisa científica do Brasil, financiada por sua vez, pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Destaca-se sua estrutura funcional e os tipos de auxílios prestados. Por último serão abordadas as políticas de informação para a Ciência e tecnologia no Brasil e a importância destas para o crescimento e desenvolvimento econômico, cultural e científico do país. Para isso, discorre-se sobre os últimos 50 anos de sistema governamental

no país e sua influência determinante nas políticas públicas de Ciência, Tecnologia e Informação.

No quarto capítulo evidenciamos a criação, importância e representatividade da ANCIB como instituição cujo objetivo é acompanhar e estimular as atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil projetando-se dentro e fora do país como uma instância de representação científica e política importante para o debate das questões pertinentes à área de informação. Tratamos o ENANCIB, por sua vez, como uma das principais atividades da ANCIB e como forum de debates e reflexões que agrega pesquisadores e programas de pós-graduação brasileiros, além de promover um forum privilegiado para o debate da pesquisa conduzida pela Ciência da Informação evidenciando o histórico de suas edições. Este capítulo foca também a criação e o desenvolvimento do GT1. Este GT tem como tema central a "Epistemologia da Informação" e discute pesquisas que tratem dos paradigmas da Ciência da Informação, da constituição do seu campo científico e questões epistemológicas subjacentes, incluindo discussões sobre disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade da área, bem como sobre a construção do conhecimento em Ciência da Informação do ponto de vista histórico. Por fim, o quarto capítulo apresenta os trabalhos que comporão o corpus da presente pesquisa, ou seja, as apresentações realizadas no GT1 desde a V edição em 2003, quando o GT1 ainda era GT8, até aquelas realizadas no IX encontro em 2008. Lembramos que o IV ENANCIB no ano 2000 não fizeram parte dessa tabela por não apresentarem palavras-chaves, ou seja, nossa principal fonte de análise.

O quinto capítulo descreve os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Nele observamos que para alcançar os objetivos traçados nesse estudo, além de buscarmos na bibliografia da área uma base teórico/conceitual sobre os assuntos em questão, utilizamos como método a fragmentação da ementa do GT1 em seis palavras-chaves, ou seja, seis grandes categorias de assunto. As palavras-chaves dos artigos, por sua vez, somaram 332 termos (simples ou compostos), total que distribuímos então por seis categorias determinadas. Aqueles termos que não correspondiam a nenhuma dessas seis categorias, foram reagrupados numa sétima categoria, denominada "palavras que não se encaixam na ementa". Dessa maneira, pudemos verificar quais os principais assuntos pesquisados nos últimos anos sobre "epistemologia da Ciência da Informação", verificar em que medida a ementa vai ao encontro dos temas pesquisados no GT1 e quais os assuntos apresentados nesse GT que não são

contemplados pela ementa, indo assim, ao encontro de nossos principais objetivos. Apresentamos também as sete categorias e a definição de cada uma delas, ou seja, os critérios utilizados para a distribuição das palavras-chaves em cada categoria. Optamos por esse método por acreditarmos que as palavras-chaves de um artigo devem representar o assunto contido nele e por entendermos ser o autor uma autoridade competente para representar sua própria obra. Quanto ao termo "assunto", consideraremos a definição de Borko e Benier, que o definem como "o tema para o qual a atenção e os esforços do autor foram direcionados" conceituação sobre a qual falaremos mais detalhadamente no capítulo cinco.

No sexto capítulo trabalhamos a análise e distribuição dos dados, apresentando as palavras-chaves dispostas em quadros para melhor visualização da distribuição além de gráficos comparativos. No tópico subseqüente analisamos cada categoria, destacando os assuntos envolvidos, as palavras agrupadas e os resultados alcançados.

E finalmente no sétimo e último capítulo apresentamos nossas considerações finais, não apenas recorrentes da análise dos dados, mas da pesquisa como um todo. Verificamos, entre outras coisas, que o GT1 do ENANCIB representa um espaço que propicia os avanços do pensamento científico da área. Como forum de debates, desempenha um papel fundamental para o desenvolvimento não só do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), como também para o crescimento da área como um todo e suas discussões enriquecem e ajudam a desenvolver o campo. No entanto, é necessária a devida atenção não só de suas autoridades como dos pesquisadores que o compõem no sentido de ir ao encontro das necessidades que o campo demonstra, além de verificar o sentido para o qual suas pesquisas estão caminhando.

# 2 ELEMENTOS HISTÓRICOS DA CIENCIA DA INFORMAÇÃO

## 2.1 Otlet e a Documentação: princípios para a Ciência da Informação

Este capítulo tem por objetivo traçar alguns elementos históricos conceituais sobre o nascimento e desenvolvimento da Ciência da Informação (CI) e apresentar sua relação histórica com a Biblioteconomia e Documentação, além de dar ênfase a algumas das correntes teóricas que a marcaram.

Para que um histórico da Ciência da Informação fosse feito de maneira detalhada, seria necessário voltarmos até os primórdios da história das bibliotecas, o início da documentação com Otlet e La Fontaine e

relembrarmos nomes como Raganatan, Dewey e outros, além de todo o contexto do pós-guerra até chegarmos aos dias atuais para enfim, delinearmos as raízes do surgimento da CI. Isso porque, entendemos que a criação desse campo foi visionada, de alguma maneira, em cada um desses períodos, para finamente, ser formalizada por volta da década de 60. Entretanto, neste trabalho, temos como objetivo delinear as mudanças paradigmáticas da área depois que ela foi formalizada como campo de estudos científicos e difundida em todo o mundo.

É evidente, também, que não temos a pretensão de abarcar toda a gama de indagações que o tema sugere, mas apenas de sintetizar algumas questões suscitadas ao longo da trajetória da CI. Dessa maneira, nos limitaremos a considerar a origem da CI conforme Saracevic (1996), para quem seu nascimento foi marcado pela revolução técnico-científica posterior à Segunda Guerra Mundial em resposta à mudança do papel social da informação para o mundo.

Antes de seguirmos, é necessário lembrarmos, de onde veio e quais as raízes dessa área que hoje tem adeptos em todo o mundo. Muitos são os questionamentos acerca da origem da Ciência da Informação e de suas relações com a Documentação e Biblioteconomia. Consideramos a Ciência da Informação uma disciplina que se relaciona conceitual e historicamente com ambas as áreas citadas (Documentação e Biblioteconomia), visto que, o surgimento de cada uma delas encontra-se atrelado às demais.

Para muitos autores como Ortega (2007), a Ciência da Informação é proveniente

de um conjunto de processos antes denominado “Documentação”, uma vez que, “a consolidação da Documentação indica a existência de objeto construído histórica e conceitualmente que se relaciona à abordagem de Ciência da Informação...”. (ORTEGA, 2007, p.1).

Rayward (1997) compartilha desse pensamento e vai mais além ao afirmar que as diretrizes da documentação antecipam as preocupações atuais da Ciência da Informação. Para ele, “os aspectos importantes das origens da Ciência da Informação como nós hoje a compreendemos já estavam contidos ou tornaram-se uma extensão da formação discursiva que nós designamos por ‘documentação’”. (RAYWARD, 1997)

Com base nesse pressuposto, precisamos lembrar, primeiramente, que a Biblioteconomia apresenta uma história antiga, quase tão antiga quanto a própria escrita. Era dela a responsabilidade de organizar e conservar os documentos e com esse fim abrigava entre suas atividades a arte de representar os documentos existentes em seu acervo através das técnicas desenvolvidas pela bibliografia.

No final do século XIX, no entanto, a Biblioteconomia sofre uma cisão com a bibliografia em razão de interesses diferentes defendidos por cada uma delas, com veremos adiante. Dessa maneira, entende-se por Bibliografia, em acordo com Ortega (2004, p.1) “a atividade de geração de produtos que indicam os conteúdos dos documentos, independente dos espaços institucionais em que esses se encontrem”. Já a Biblioteconomia, Ortega (2004, p. 1) define “no seu sentido restrito, como a área que realiza a organização, gestão e disponibilização de acervos de Bibliotecas” (muito embora acreditemos que essa definição já não represente mais as atividades dos profissionais dessa área).

A Documentação, por sua vez, como relata Robredo (1986), foi definida pela Federação Internacional de Documentação (FID), em 1931, durante a X Conferência Internacional de Bibliografia, celebrada em Haia, como o processo de reunir, classificar e difundir documentos em todos os campos da atividade humana. Para o autor “a documentação, da maneira como é vista hoje, tem como finalidade transformar em probabilidade suficiente a possibilidade que todo homem tem para obter, quando necessário, a informação que lhe interessa” (ROBREDO, 1986, p.2).

Dessa maneira, a Bibliografia foi a responsável pela criação das primeiras bibliografias (organização de conteúdo de documentos) relevantes ainda no final do século XV e, conseqüentemente, pela produção de catálogos de bibliotecas e bibliografias

especializadas que foram crescendo gradativamente a ponto de ser a atividade dessa ciência, considerada a origem da Documentação.

É importante abrirmos um parênteses neste momento para enfatizarmos o papel do precursor da Documentação no mundo**,** o belga Paul Otlet, que viveu entre 1868 e 1944. Otlet iniciou seus estudos em Bibliografia, em 1891, quando uniu-se a Sociedade para Estudos Sociais e Políticos recentemente fundada em Bruxelas. Lá começou a trabalhar com La Fontaine, que dirigia o programa bibliográfico da Sociedade, cujo nome conseguiram mudar em 1893, para "Escritório Internacional de Bibliografia Sociológica". Foi nesse período que Otlet aprofundou seus estudos em ferramentas e serviços bibliográficos, cooperação e padronização de publicações bibliográficas quando então teve a idéia de separar o conteúdo de livros em fichas que permitiam preenchimento contínuo e agrupá-las por assuntos, com a intenção de criar um catálogo universal de todo conhecimento. Assim, Otlet e La Fontaine, com apoio oficial do governo da Bélgica, organizaram, segundo Rayward (1997), a primeira Conferência Internacional de Bibliografia em 1895, que viria a ter ainda quatro outras edições tendo essa ocorrido, respectivamente em 1897, 1900, 1908 e 1910. Mas foi em sua primeira edição, em 1895, que ficou decidido criar o Instituto Internacional de Bibliografia (*International Institute of Bibliography* – IIB) com sede em Bruxelas no próprio Escritório Internacional de Bibliografia (OIB). A partir do surgimento desse instituto um extenso catálogo de fichas começa a ser criado por meio da cooperação internacional. Denominado *Repertoire Bibliographique Universel* (RBU), esse catálogo chegou, em 1934, a ter 16 milhões de fichas.

Todo o material referido a esse catálogo foi classificado por autor e título e baseado na Classificação Decimal Universal (*Classification Décimale Universél* - CDU), um grandioso sistema de classificação facetado que se tornou um dos principais instrumentos de classificação utilizado até os dias de hoje. O CDU, por sua vez, também foi criado por Otlet e La Fontaine que, para sua elaboração, buscaram insumos na, já existente, Classificação Decimal de Dewey.

Muitas outras foram ainda as criações que tiveram a participação de Otlet e La Fontaine. Entre alguns exemplos citados por Rayward (1997), destacamos a União de Associações Internacionais (*Union of International Associations*), o Palácio Mundial (*Palais Mondial*) espécie de museu internacional que posteriormente ganhou o nome de Mundaneum, a própria CDU, e finalmente sua obra mais fundamental, o Tratado de Documentação (*Traité*

*de Documentation*) datado de 1934, a maior e mais completa obra já publicada sobre Documentação. Esse tratado discute os problemas gerais da organização da informação e propõe o trabalho cooperativo internacional no desenvolvimento de práticas padronizadas, não só na organização interna de documentos como em todo o processo de criação, publicação e processamento dos mesmos. Além disso, Otlet dedicou uma parte dessa obra a descrição de sua visão revolucionária do futuro, idealizando grandes invenções que transformariam o mundo da documentação através de novos tipos de máquinas e procedimentos que tornariam mais rápido e econômico não apenas o trato com o documento como o próprio trabalho intelectual de pesquisa.

Dessa maneira, consideramos, de forma particular, que a corrente da Documentação teve seu início marcado pela criação, em 1895, do Instituto Internacional de Bibliografia. Quanto ao uso do termo, Ortega (2007) diz que Otlet inaugurou-o em 1905 ao designar com ele a atividade de coletar, processar, buscar e disseminar documentos no artigo *L'organization rationelle de L'information et de la documentation en matière economique*, apresentado no *Congrès International d'Expansion Economique Mondiale*.

Mas Otlet não considerava a Documentação apenas como um conjunto de técnicas para a organização de documentos e tampouco considerava como documento apenas o livro ou o periódico. Sua abordagem era muito mais ampla e moderna especialmente se considerada a época em que ele viveu. O autor via a documentação como um meio auxiliar e imprescindível para a pesquisa e para a própria educação, pois estava presente em todas as etapas de construção do conhecimento. Ele defendeu em seu Tratado de Documentação, citado anteriormente, a constituição de uma ciência e de uma técnica do livro e do documento distintos da Biblioteconomia, os quais viriam a ser a própria Documentação, que mais tarde Otlet veio a descrever como sendo:

> Constituída por uma série de operações distribuídas, hoje, entre pessoas e organismos diferentes. O autor, o copista, o impressor, o editor, o livreiro, o bibliotecário, o documentador, o bibliógrafo, o critico, o analista, o copilador, o leitor, o pesquisador, o trabalhador intelectual. A Documentação acompanha o documento desde o instante em que ele surge da pena do autor até o momento em que impressiona o cérebro do leitor. (OTLET, 1937 apud. ORTEGA, 2007, p.3).

Para demonstrar a amplitude da documentação conforme ele a defendia, Otlet dividiu-a em seis estágios que descrevemos a seguir, segundo Rayward (1997):

- 1º ) produção de trabalho,
- 2º ) coleções desses trabalhos,
- 3º ) análise para elaboração de resumos
- 4º ) redistribuição sistemática: as informações são separadas de forma a serem reagrupadas por similaridade nos arquivos.
- 5º ) codificação
- 6º ) enciclopédia, a incorporação daquilo que é original em cada obra em uma estrutura geral.

Podemos ver na complexidade desses estágios os campos de pesquisas da própria Ciência da Informação. Até mesmo o documento tinha uma conotação mais ampla e moderna aos olhos de Otlet, pois "sugeria ser uma nova disciplina intelectual a qual estava associada uma série de novas práticas e técnicas específicas" (RAYWARD, 1997). Quanto aos documentos, eram a fonte da documentação e podiam ser considerados tanto os escritos como, livros, periódicos, jornais e manuscritos, quanto as ilustrações, fossem elas, gravuras, desenhos ou fotografias, os ideogramas como mapas, plantas, quadros, sinópticos, diagramas e até mesmo a música (OTLET, 1907, apud RAYWARD, 1997).

Dessa maneira, podemos considerar Otlet um visionário na área da Documentação. A nosso ver, ele não apenas foi capaz de prever a criação de ferramentas atuais como a internet e o hipertexto como previu a criação da própria Ciência da Informação. Ou, ainda, criou uma Documentação tão elaborada com áreas de estudo tão bem definidas, que pode ser considerada precursora da Ciência da Informação ou pelo menos similar a ela, levando em consideração, é claro, as possibilidades tecnológicas da época.

Rayward também defende essa idéia, pois, para ele, a Documentação foi uma nova "formação discursiva" que envolveu a divulgação de novas idéias, mudanças nas práticas de linguagem e a elaboração de uma nova terminologia. Segundo o autor, o fato de que a terminologia específica Ciência da Informação não fosse utilizada na época não implica que seus principais conceitos não existissem. Para Rayward, eles já estavam implícitos na própria Documentação quando esta foi criada. Para ele, "o entendimento de Otlet de documentação e organização de documentação como sendo um campo de estudo e pesquisa está, de fato, compreendido em nosso termo Ciência da Informação" (RAYWARD, 1997, p. 19).

Entretanto, para que todo esse processo de criação da Documentação fosse

iniciado foi necessária antes uma transformação da antiga Bibliografia. Tal processo se deu quando esta sofreu uma cisão com a biblioteconomia, como já citamos antes. Essa cisão se deve principalmente ao aumento das publicações científicas e ao advento dos periódicos que se tornaram o principal meio de publicação em 1850, necessitando, portanto, da criação de um tratamento especializado que possibilitasse a análise de assunto e a elaboração de índices coletivos para sua posterior recuperação. Esse trabalho passou a ser realizado por grupos de documentalistas, que cresceram rapidamente e se subdividiram em dois grandes grupos, o dos bibliotecários, responsáveis pela organização e tratamento da biblioteca e dos documentalistas mais preocupados com uma análise profundo do conteúdo dos documentos.

Nesse mesmo período crescia na Inglaterra e nos Estados Unidos o movimento de disseminação das bibliotecas públicas como forma de acesso universal ao conhecimento, cultura e educação, valorizando-se o papel social desta como o do bibliotecário. Assim, os bibliotecários tradicionais se ocuparam do papel educacional representado pela biblioteca pública e foram influenciados pela corrente estadunidense enquanto os europeus deram continuidade aos estudos e progressos realizados com o tratamento documentário e mecanização dos processos envolvidos nesse tratamento.

Dessa maneira, nos Estados Unidos, a Documentação apresentou o que Ortega chamou de uma "breve passagem" em relação à Europa, uma vez que não há um amplo reconhecimento dela nesse país. Ortega ainda observa que o termo Documentação está presente no nome de associações, na prática profissional e na literatura desde o início do século XX, mas a partir de meados desse mesmo século ocorre um retorno ao interesse em modelos e em tecnologia nos Estados Unidos. Essa nova corrente começa a ganhar força no país e a substituir gradativamente o termo Documentação que ainda se encontrava carente de definição local. Esta corrente Estadunidense foi intitulada "*Information Science*" e caracterizava-se principalmente pelas novas tecnologias eletrônicas e de informação (de maneira especial as novas tecnologias na recuperação da informação e o surgimento das bases de dados)

De acordo com Fondin (2005, apud ORTEGA, 2007) a denominação *Information Science*, começou a ser usada visando-se substituir termos considerados inadequados para a cientifização da área como *Documetation* e *Information Retrieval.* Utilizada assim, no singular, essa nova designação passou a ser nomear a "área científica que engloba componentes aplicados centrados sobre o objeto "informação", contextualizado em sistemas,

serviços e ambientes orgânicos diversos e plurais." (ORTEGA, 2007)

Na Europa, por sua vez, o movimento da Documentação continua predominante até hoje. Expressões que utilizam o termo Documentation ainda prevalecem, tais como: *Ciências Documentais* (Portugal), *Ciencias de las Documentación* e *Ciencias de la Información* (Espanha) e *Sciences de la Information et de la Documentation* e *Sciences de la Information et de la Comunication* (França). Robredo (1986, p.1) diz que:

> Na Europa, o termo documentação, mais do que suas variantes, tais como ciências da documentação e documentologia, parece continuar bem estabelecido, enquanto que, nos Estados Unidos, a expressão ciência da informação representa a mesma idéia, abrindo novos horizontes a uma profissão que trata de adaptar-se aos novos conceitos e as novas demandas.

O autor prossegue lembrando que existe um predomínio da influência norte-americana sobre a cultura da européia, razão pela qual, na América Latina, existe uma tendência no sentido de se preferir a expressão ciência da informação ao termo documentação. Já na Europa, como dissemos, ainda hoje o termo documentação é bastante utilizado e, muitas vezes, a ciência que ele designa se confunde com a própria Ciência da informação (ORTEGA, 2004).

## 2.2 A Ciência da Informação

O nascimento da Ciência da Informação está ligado a um contexto histórico que torna sua criação uma necessidade urgente da sociedade. Uma forte corrente é a de que a Ciência da Informação teria sua gênese no período do pós-guerra, entre 1945 e 1948. O mundo estava passando por um momento em que a informação científica e tecnológica ganhava valor estratégico. Datam dessa época a produção da primeira bomba atômica, o advento dos computadores, a descoberta da penicilina, a modernização dos aviões mais velozes e a fundação da Unesco.

O mundo estava vivenciando a chamada "explosão informacional", acúmulo na geração de informações científicas e tecnológicas que resultava por sua vez no aumento da geração de documentos. A assim denominada "era da informação" preconizou o uso das

tecnologias, impulsionou o advento da internet e causou grandes mudanças culturais, econômicas e sociais em todo o mundo. O homem via-se diante do desafio de tornar disponível um número sempre crescente de informações e evitar que os esforços de pesquisadores fossem perdidos por falta de organização e ficassem desconhecidos por impossibilidade de recuperação e acesso. Nas palavras de Barreto (2002, p.18):

> A grande crise da época era, então, como lidar com o enorme volume de informação disponibilizada, utilizando-se os mecanismos e tecnologias acessíveis. Era necessário gerenciar e controlar o grande volume de informação, estocar e caracterizar seu conteúdo, priorizar o seu uso de acordo com as diferentes comunidades informacionais e promover uma divulgação seletiva e retrospectiva para evitar a duplicação do esforço de pesquisa e permitir que a sociedade conhecesse os avanços que haviam sido efetivados.

A resposta para esses problemas foi buscada nas novas tecnologias de informação através da criação de sistemas de organização e recuperação da informação. A atuação nestes sistemas de informação compreendia o trato com a informação desde sua geração, organização, recuperação, disseminação e uso. Estas atividades passaram a ser desenvolvidas por um profissional da informação que tinha de reunir capacidades tais que aliassem as tradicionais técnicas de organização e representação da Biblioteconomia e Documentação à agilidade e precisão das tecnologias agora já indispensáveis. Tinha inicio assim, a Ciência da Informação.

É claro, no entanto, que uma área não surge do dia para a noite. Para que ela possa se desenvolver e instituir-se como campo científico são necessárias pesquisas, discussões, reuniões e todo um respaldo científico paradigmático como pano de fundo. Uma nova ciência também não nasce do vazio, ela se desenvolve a partir do compartilhamento de idéias e princípios por membros de uma comunidade científica, os quais detectam um ou mais problemas relativos a uma determinada temática e se unem no trato dessas problemáticas dando origem assim a um conjunto de idéias e princípios. Tais idéias e princípios, por sua vez, se desenvolvem, normalmente, a partir de outros já existentes, pois "para que novos paradigmas emerjam é necessário justamente que haja algum paradigma, ou pelo menos um conjunto expressivo de contextos teóricos conceituais" (BRAGA, 1995, p. 87)

Com a Ciência da Informação não foi diferente. Para que seu nascimento fosse possível, foram necessárias diversas mudanças no pensamento científico e social de toda uma geração que levassem a mudanças paradigmáticas. Foi necessária ainda, a dedicação de

inúmeros cientistas e pesquisadores que se debruçaram sobre seus problemas, já que, tal como observa Saracevic (1996), uma ciência se define a partir dos problemas que busca resolver.

O período que compreende uma mudança paradigmática e o desenvolvimento do pensamento científico de uma comunidade rumo à criação de uma ciência pode ser bem longo. Trata-se de um processo lento que dificilmente pode ser delimitado ou demarcado com datas e referenciais exatos de tempo, mas pode ser investigado pelos marcos deixados na história da sua criação, seja através de eventos formalizados ou discretas mudanças que revelem o desenvolvimento do pensamento científico. Dessa maneira pretendemos percorrer essa linha que marcou o desenvolvimento do pensamento científico em CI evidenciando as principais mudanças ocorridas em seu contexto.

Para Braga (1995) a Ciência da Informação nasceu (oficialmente) em 1962, ao ser formalizada em uma reunião do *Georgia Institute of Technology* em que foi elaborada uma das primeiras definições de CI que permanece, ainda hoje, como uma das mais consensuais na área como veremos mais adiante.

Outros marcos importantes na sedimentação da Ciência da Informação, de acordo com Braga (1995), foram as mudanças nas denominações do A*merican Documentation Institute* em *American Society for Information Science* e do periódico *American Documentation* em *Journal of the American Society for Information Science* na década de 60. Essas e outras transformações, que não nos cabe detalhar aqui, aliadas aos avanços da computação, automação e outras tecnologias informacionais tornaram a Ciência da Informação muito ligada à tecnologia desde seu nascimento especialmente nos Estados Unidos.

Assim, foi a partir da década de 60 que começaram a ser elaborados os primeiros conceitos e definições referentes à Ciência da Informação e iniciaram-se debates e reflexões sobre suas origens e fundamentos teóricos. Mas isso não quer dizer, no entanto, que antes desse período já não houvesse indícios do nascimento da nova área, muito pelo contrário. Em 1945 o artigo de Vannevar Bush *"As we may think"* apontava o valor da informação após a Segunda Guerra, os problemas causados pela explosão informacional (como o crescimento desordenado da informação e de seus registros) e as possíveis dificuldades que haveria para organizar e repassar as informações à sociedade.

Wannevar Bush, nos anos de 1938 a 1942, foi responsável pelo *Office for Reserch and Development* que congregava cerca de 6.000 cientistas americanos e europeus. E embora

não tenha sido ele o responsável direto pela criação da CI, por meio da publicação de seu artigo ele deu início às discussões na área. Uma de suas maiores contribuições foi a introdução da noção de associação de conceitos ou palavras na organização da informação de maneira mecanizada.

Dessa maneira, já se anunciava o início de uma nova era no tratamento documental que foi definitivamente marcada pelo nascimento da Ciência da Informação. Caracterizaram-se assim grandes alterações no tratamento da informação e mudanças na filosofia documentária. Algumas mudanças marcantes foram a substituição do conceito de documento pelo de informação e o surgimento de um novo relacionamento entre o homem, a máquina e a informação. Nessa nova fase esses três elementos estão intimamente ligados e passam a caracterizar a Ciência da Informação, diferenciando-a da documentação e da Biblioteconomia e perpetuando para sempre a importância da informação no desenvolvimento dos países. Pois, como também afirma Saracevic (1996, p. 43).

> Uma vez que a ciência e a tecnologia são críticas para a sociedade (por exemplo, para a economia, saúde, comércio, defesa) é também crítico prover os meios para o fornecimento de informações relevantes para indivíduos, grupos e organizações envolvidas com a ciência e a tecnologia, já que a informação é um dos mais importantes insumos para se atingir e sustentar o desenvolvimento em tais áreas.

Desse modo, desde sua criação, diferentes profissionais de diferentes áreas se ocuparam da CI e dos problemas relativos a ela. Suas pesquisas tinham focos diferentes de acordo com a origem e formação profissional de cada um. Segundo Riecken (2006), de uma maneira geral, se a formação do pesquisador era em Biblioteconomia, Arquivologia e Documentação ele tendia a estudar a organização de acervos e documentos. Se precedia da Filosofia tendia a se preocupar com equações lógicas, Epistemologia e Taxonomia. E se sua formação possuía base em autores americanos tendia a uma visão mais estratégica e tecnicista da informação voltada para as tecnologias. Se tinha por base autores europeus seu foco era mais humano, direcionado a uma visão mais social e histórica da CI.

Assim, desde sua criação na década de 60 até os dias atuais, investiga-se em CI os problemas acerca da natureza, os efeitos e processos da informação com grande ênfase às tecnologias de informação. Podemos então, sintetizar brevemente algumas das preocupações que se deram na área em períodos diferentes. As décadas de 50 e 60, por exemplo, foram

marcadas, principalmente, pelos estudos referentes ao uso e recuperação da informação. Entre as questões suscitadas nesse período, Saracevic (1996) cita a natureza da informação, a estrutura do conhecimento e seus registros, o uso e os usuários, levando a estudos do comportamento humano frente à informação, a interação homem-computador, com ênfase no lado humano da equação, relevância, utilidade, obsolescência e outros atributos do uso da informação juntamente com medidas e métodos de avaliação dos sistemas de recuperação da informação; economia, impacto e valor da informação, entre outros.

Shera já evidencia que a década de 60 e início da década de 70 refletem, na literatura inglesa, uma Ciência da Informação muito voltada à teoria da comunicação, à automação de sistemas de recuperação da informação e de bases de dados, além dos problemas de semântica e representação da informação.

Saracevic (1996) também traça uma breve linha evolutiva do foco das pesquisas que se fizeram na área. Indo ao encontro de Shera, Saracevic aponta que no início de 1960 a maior preocupação dos pesquisadores era a respeito da recuperação da informação, sendo esse o caminho através do qual se direcionaram as pesquisas.

Já no início dos anos 70, Goffman (1970, apud PINHEIRO e LOUREIRO, 1995, p.43) afirma que o principal alvo da Ciência da Informação eram os processos comunicacionais e os sistemas de informação compreendendo todos os "fenômenos informacionais no âmbito biológico, na existência humana e na órbita tecnológica". Saracevic (1996) vem ao encontro desta posição ao afirmar que as preocupações e pesquisas na década de 70 se davam acerca dos usuários e suas interações e defender que os processos de comunicação humana eram à base da Ciência da Informação e que suas pesquisas visavam facilitar a comunicação de informação.

Ainda para Saracevic (1996), no início da década de 80 a administração também foi admitida como base da Ciência da Informação e se tornou mais um campo de atuação desses profissionais, direcionando também as pesquisas nessa área. Assim, as áreas que nos anos 90 concentravam as pesquisas, definições e abrangências da Ciência da Informação eram: Efetividade; Comunicação humana; Conhecimento; Registros do conhecimento; Informação; Necessidades de informação; Usos da informação; Contexto social; Contexto institucional; Contexto individual e Tecnologia da informação.

Dessa maneira, podemos notar que as preocupações das pesquisas refletiam bem o contexto histórico/social vivenciado pela área, pois na década de 50 e início da década de 60 a

recuperação da informação era o principal alvo das pesquisas. Esse foi um dos motivos que, como já comentamos, levou a criação da área já que o mundo estava vivenciando um forte acúmulo na geração de documentos que precisavam ser recuperados.

As décadas de 60 e 70 deram lugar aos processos comunicacionais uma vez que se reconheceu que a informação estava necessariamente ligada ao ato de comunicar. Foi também nesse período que uma importante figura foi reconhecida na área, o usuário, para quem se direcionaram as atenções nessa época, refletindo uma visão mais cognitiva. Desse modo as pesquisas se voltaram aos processos comunicacionais do homem, bem como aos processos mentais de assimilação da informação e a relação homem/máquina.

A década de 80, por sua vez, incorporou como "novidade" a administração como foco. Assim, a Ciência da Informação incorporou também profissionais dessa área além dos princípios e métodos formulados pela administração. Finalmente, a década de 90 demonstra temas mais diversificados, como já vimos, sendo que as pesquisas na atualidade se diversificam ainda mais ao mesmo tempo em que também se especializam (como pretendemos verificar nos corpus desta pesquisa por meio do ENANCIB).

Esse breve histórico dos paradigmas da Ciência da Informação ao longo dos anos nos permite perceber que as preocupações dos pesquisadores, refletidas nos temas de pesquisa foram se modificando substancialmente ao longo da história da CI, de maneira que o desenvolvimento dos mesmos tem ajudado a construir os referenciais teóricos da área. Entretanto, para que pesquisas sejam realizadas com segurança dentro de uma determinada área é necessário que o sistema de conceitos básicos dessa ciência e seu corpo conceitual de teorias já estejam, ao menos, previamente formulados. Como afirma Machado Neto (1987, p.1).

> Tais são os estudos dos pressupostos de cada ciência, isto é, dos conceitos que o cientista há de encontrar previamente elaborados e definidos, ao começo de sua tarefa propriamente cientifica, ou seja, desde quando se dirige para a teoria e a pesquisa científica, este campo já se há de ter delimitado – objeto -, o caminho que a ele pode conduzir já se há de ter desbravado – método-, e já deve ser possível, percorrendo tal caminho, descobrir no objeto ou campo científico aquela regularidade que chamamos leis, descoberta que constitui o objetivo teórico de toda ciência (MACHADO NETO, 1987, p.1).

Baseados em tais premissas discutiremos no tópico a seguir alguns conceitos de Ciência da Informação encontrados na bibliografia estudada.

## 2.3 Ciência da Informação: Conceitos.

Como vimos anteriormente, podemos dizer que a formalização da CI ocorreu na década de 60. Desde então muitos autores têm tentado conceituá-la e esclarecer as dúvidas conceituais que pairam sobre seu campo de estudos. Dessa maneira, a primeira formulação do que seria a CI foi a desenvolvida nas conferências do *Georgia Institute of Technology,* realizadas em 1961 e 1962. Nessa formulação a Ciência da Informação foi definida da seguinte maneira;

> A ciência que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam o fluxo da informação e os meios de processamento para acessibilidade e usabilidade ótimas. Os processos incluem a geração, disseminação, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação e uso da informação. A área é derivada de ou relacionada à matemática, lógica, lingüística, psicologia, tecnologia computacional, pesquisa operacional, artes gráficas, comunicações, biblioteconomia, administração e algumas outras áreas. (SHERA, 1977 apud BRAGA, 1995, p.86)

A década de 60 foi marcada por um clima de profunda insegurança por parte dos profissionais que lidavam com a informação, especialmente nas áreas de Biblioteconomia e Documentação. Havia muitas dúvidas a respeito do que era a nova área e sobre aquilo em que deveriam atuar seus profissionais.

Tal insegurança aumenta quando em 1968, o *American Documentation Institute (ADI)* muda o seu nome para *American Society of Information Science (ASIS).* Assim, na tentativa de amenizar as inquietações dos profissionais e estimular discussões acerca da natureza e do trabalho a ser realizado no novo campo, Borko escreve, nesse mesmo ano (1968), o artigo *"Information Science: What is it?*". Nessa artigo ele estrutura uma definição da Ciência da Informação que se assemelha muito à que vimos anteriormente criada nas conferências do *Georgia Institute of Technology* em 1961 e 1962, mas que apresenta no entanto uma diferença fundamental, que abriu a área para uma nova discussão: Borko afirma que a Biblioteconomia e a Documentação são componentes aplicados da CI.

> A Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem o fluxo informacional e os meios de processamento da informação para a optimização do acesso e

> uso. Está relacionada com um corpo de conhecimentos que abrange origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação. Isto inclui a investigação, as representações da informação tanto no sistema natural como no artificial, o uso de códigos para uma eficiente transmissão de mensagens e o estudo dos serviços e técnicas de processamento de informação e seus sistemas de programação. Trata-se de uma ciência interdisciplinar derivada e relacionada com vários campos como a matemática, a lógica, a lingüística, a psicologia, a tecnologia computacional, as operações de pesquisa, as artes gráficas, as comunicações, a biblioteconomia, a gestão e outros campos similares. Tem tanto um componente de ciência pura que indaga o assunto sem ter em conta sua aplicação, como um componente de ciência aplicada, que desenvolve serviços e produtos. (...) a Biblioteconomia e a Documentação são aspectos aplicados da Ciência da Informação. (BORKO, 1968, apud SILVA e RIBEIRO, 2002, p.53).

Embora essa definição nos pareça hoje abrangente e complexa demais, ela refletia exatamente a complexidade que o assunto representava há 40 anos. Segundo Borko (1968, p.2) "A Ciência da informação como disciplina tem como meta fornecer um corpus teórico sobre informação que propiciará a melhoria de várias instituições e procedimentos dedicados a acumulação e transmissão de conhecimento".

Além disso, essa definição apresenta preocupações não nítidas anteriormente como a representação da informação e o uso de instrumentos (códigos) para esse fim, além da preocupação com o tipo de ciência em que ela consiste (pura ou aplicada). Para Pinheiro e Loureiro (1995) essa conceituação diz ainda mais, pois sugere o quanto às definições de Ciência da Informação foram especificando mais seus fenômenos e processos, uma vez que Borko menciona o processamento da informação "para utilização e acesso ótimos" sem explicitar os aspectos tecnológicos. Tais processos começam então a ser melhor especificados nas definições que se seguiram, apesar de não terem acrescentado muitos elementos novos aos que essas duas já haviam formulado.

Depois das conceituações formuladas nas conferências do Georgia Institute of Technology e por Borko ambas na década de 60, Goffman (1970, apud, SARACEVIC, 1996, p.46), já na década de 70, busca especificar melhor os fenômenos e processos da CI e ao mesmo tempo parece fugir do modelo utilizado até então, pois ele não menciona os termos comumente utilizados na área, tais como: coleta, organização, armazenamento, recuperação, etc, tampouco busca definir as disciplinas com as quais a CI tem interface, como realizado até o momento.

> O objetivo da disciplina CI deve ser o de estabelecer um enfoque científico

> homogêneo para estudo dos vários fenômenos que cercam a noção de informação, sejam eles encontrados nos processos biológicos, na existência humana ou nas máquinas ... Conseqüentemente, o assunto deve estar ligado ao estabelecimento de um conjunto de princípios fundamentais que direcionam o comportamento em todo o processo de comunicação e seus sistemas de informação associados... (A tarefa da CI) é o estudo das propriedades dos processos de comunicação que devem ser traduzidos no desenho de um sistema de informação apropriado para uma dada situação física.

Podemos notar também que Goffman é mais cauteloso ao considerar o objetivo da CI como "o estudo dos fenômenos que cercam a noção de informação", tornando o objeto da área mais abrangente ao preferir ao termo informação a terminologia "noção de informação". tal transferência demonstra, a nosso ver, que a área já havia detectado dificuldades em definir o termo em questão como seu objeto de estudos.

Os trechos a seguir "esses fenômenos podem se dar tanto nos processos biológico quanto na existência humana" e "princípios fundamentais que direcionam o comportamento em todo o processo de comunicação" refletem, a nosso ver, o fato de que a área se voltou mais aos processos humanos de comunicação e a interação com o usuário e seu comportamento (informacional) o que vem de encontro ao que vimos no item anterior sobre os temas de pesquisa da década de 70.

Por fim, Goffman demonstra que todos esses aspectos devem ser investigados e se refletir no "desenho de um sistema de informação apropriado para uma dada situação física", indicando, dessa maneira, que a atuação em CI deve se refletir nos sistemas de informação. Consideramos que esses são aspectos totalmente novos em comparação com aqueles apresentados nas outras definições vistas anteriormente, o que sugere, embora não muito claramente, o quanto a abrangência da área vinha se definindo melhor entre seus cientistas.

Nos anos 90, vemos uma seqüência de definições elaboradas por diferentes autores, as quais também demonstram características peculiares em relação as anteriores. Notamos ainda certa diversidade nos enfoques especificados nessas definições e podemos dizer que isso vem conferir certa veracidade ao exposto anteriormente, que os temas de pesquisas nessa década foram os mais variados até então, já que isso se reflete também nas definições desse período.

Le Coadic, em 1994 (apud ROBREDO, 2003, p.66), estabeleceu uma

caracterização da CI evidenciando seus procedimentos e atividades relativos à informação. Para ele a CI "tem por objeto o estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos), ou seja, mais precisamente: i) a análise dos processos de construção, comunicação e uso da informação, e ii) a concepção dos produtos e sistemas que permitem sua construção, comunicação, armazenamento e uso".

Nota-se, dessa maneira, que Le Coadic evidenciou com maior ênfase nessa afirmação os aspectos relacionados a informação, demonstrando que o objeto de estudo da área ainda não havia sido definido em sua abrangência, por ainda representar uma preocupação dos pesquisadores. Saracevic, por sua vez, em 1996, parece estabelecer outras prioridades ao argumentar que em vista da sua "evolução" e enfoque contemporâneo, seria necessário redefinir a área. Dessa maneira o autor formula o seguinte conceito:

> A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO é um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento dessas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais. (SARACEVIC, 1996, p. 47).

Essa definição de Saracevic traz um novo elemento que consideramos fundamental, mesmo porque ele vai fazer parte de muitas discussões que se seguem na área, necessitando também de definição e tornando-se forte tendência nos dias atuais: trata-se do uso do conceito de conhecimento coexistindo com o de informação. No trecho "é um campo dedicado às questões científicas e a prática profissional" percebemos que o autor preocupa-se em definir o campo como teórico (questões científicas) e prático (prática profissional) já que este segundo aspécto traduz também um dos questionamentos da área. Saracevic insere ainda a área em todos os contextos da sociedade – social, institucional e individual – afirmando, dessa maneira que a CI não se restringe ao contexto científico, acadêmico ou institucional mas como uma necessidade social e de cada indivíduo. Por último o autor não deixa de lembrar, nem o poderia, o interesse da área pelas modernas tecnologias de informação, tão evidentes desde o surgimento da mesma.

O mesmo Saracevic (1996), delimita a Ciência da Informação com três características básicas. A primeira é sua natureza interdisciplinar, a segunda sua ligação direta com a tecnologia da informação e a terceira diz respeito a sua "participação ativa e deliberada

na evolução da sociedade da informação", lembrando, principalmente, sua forte dimensão social e humana. Para o autor, essas três características constituem um modelo para a compreensão da área e dos problemas que ela enfrenta.

Dando um pequeno salto na história, veremos a definição de Barreto (2002), para quem a Ciência da Informação é "a ciência que se preocupa com os princípios e práticas da produção (criação), organização e distribuição da informação, assim como, o estudo dos fluxos da informação, desde sua criação até a sua utilização, e a sua transmissão ao receptor em uma variedade de formas, através de uma variedade de canais" (BARRETO, 2002, p.23).

Vemos aí que Barreto é incisivo quando define os procedimentos ligados a informação como preocupação da CI, uma vez que ele cita a "produção, organização e distribuição da informação" tornando a fazer-lhes alusão no trecho "desde sua criação até a sua utilização" e acrescentando que tais procedimentos podem ocorrer em uma variedade de formas e canais.

Entretanto, o autor se mostra cauteloso ao complementar que não considera possível enunciar objetivos com permanência definitiva em CI por se tratar de uma área especial "conceitualmente dependente de uma tecnologia intensa" e, portanto com alto teor de inovação em contínua mutação. Neste ponto Barreto nos dá uma idéia do motivo pelo qual ainda hoje os limites da CI ainda não foram totalmente definidos e o estabelecimento de suas prioridades diferem tanto em cada tentativa de delimitação, embora os aspectos relativos à informação como seu objeto ainda são, de fato, os únicos aparentemente consensuais desde o surgimento da área.

Nesse sentido vale citar o trabalho realizado pelo pesquisador israelense Chain Zins entre os anos de 2003 e 2005. Utilizando o método Delphi Crítico, Zins buscou explorar os fundamentos teóricos da Ciência da Informação e elaborar "um mapa de conhecimento da Ciência da Informação" que pudesse definir um conceito para a mesma. Para isso, o autor investigou como o conceito de Ciência da Informação é entendido por dirigentes acadêmicos e pela comunidade acadêmica da área através de 57 participantes de 16 países utilizando-se de três questionários aplicados a eles. Ao final da pesquisa 49 participantes contribuíram com suas definições e reflexões a respeito da CI e demonstraram que cada um entende a área e seu objeto de maneira muito particular e que dessa forma o conceito de Ciência da Informação é um conceito ainda em constituição.

Dessa forma, podemos observar que apesar de nenhuma definição ter sido aceita

como oficial ou consensual no campo, todas elas traduzem mais ou menos os mesmos princípios norteadores, sendo que os principais e mais utilizados foram os aspectos referentes a informação, a afirmação da interdisciplinaridade e a forte ligação com as tecnologias de informação. De maneira especial esta última característica encontra-se hoje muito enfatizada na pesquisa científica da área. Uma demonstração desses novos nichos com os quais a CI e seus pesquisadores têm lidado encontra-se muito bem representadas na seguinte fala de Barreto (2002, p.23): "Em nossa interpretação, são realidades da Ciência da Informação, da sua geração e assimilação, o mundo objetivo dos aparatos, equipamentos e instrumentos com que opera a Ciência da Informação, e o mundo do Ciberespaço, da velocidade igual ao infinito, do tempo e o espaço zero."

Atualmente os aparatos tecnológicos vêm ganhando cada vez mais espaço na área e termos como ciberespaço, realidade virtual e hipertexto tornaram-se comuns entre os pesquisadores, sem falar que o tempo e o espaço deixaram de ser barreira à informação.

No entanto, além das pesquisas em tecnologia vemos que existe também um certo número de pesquisadores preocupados com a construção teórica da área. E embora esse número ainda seja relativamente pequeno se comparado ao das pesquisas de caráter técnico ou metodológico, essas investigações científicas têm sido muito importantes para a construção das teorias e conceitos na área.

A sociedade atual, dita "globalizada", é caracterizada pelos grandes fluxos de informação a nível mundial, isso porque a informação assumiu papel fundamental no crescimento e desenvolvimento econômico, social, político e cultural da humanidade. Um dos desafios do mundo atual é defini-la como um bem cultural de acesso universal, como direito de todos os cidadãos ou trata-la como um produto de valor comercial e mercadológico, o que justificaria disputas entre diferentes nações com o propósito de protegê-la como sua propriedade ou buscar sua apropriação quando se encontra sob o domínio de outro. (KOBASHI e TÁLAMO, 2003).

Toda essa complexidade ao tratar a informação hoje justifica-se à medida que a enxergamos como fator fundamental na produção de conhecimento. De uma maneira genérica, a falta de informação de uma determinada sociedade ou segmento dela implica forçosamente em escassez de conhecimento produzido ou consumido por esse segmento, ou sociedade, supondo-se que o processo de troca de informação gere a construção de conhecimento.

No campo das ciências não é diferente, a informação também é tida como recurso fundamental para o seu crescimento e desenvolvimento, tornando-se objeto de estudo de muitas delas Isso porque, segundo Kobashi e Tálamo (2003), assim como reconhece-se a importância da informação, bem como a de sua produção, circulação e consumo, reconhece-se também a complexidade de abordá-la e para tanto torna-se necessária a criação de disciplinas voltadas exclusivamente para o estudo e compreensão desta.

Todas essas questões relativas ao valor e ao uso da informação hoje caracterizam uma sociedade dita "pós-moderna" pelos estudiosos. Kobashi e Tálamo (2003, p.12), explicam que "nos anos 1980, os movimentos de refundação de inúmeras disciplinas, tanto no âmbito das ciências ditas exatas, como nos das ciências sociais e das humanidades, ao se distanciarem dos princípios da ciência moderna, passam a ser referidas como ciências pós-modernas". Dessa maneira o período pós-moderno é marcado, principalmente, pela informação, pela comunicação e pela tecnologia.

Entre as características dessas "ciências pós-modernas" estaria a natureza interdisciplinar. O diálogo com várias disciplinas forneceria enriquecimento mútuo, resultando na criação de um objeto novo, mas que preservaria, no entanto, os interesses bem como a autonomia e identidade de cada uma delas.

Outra característica que essa sociedade pós-moderna adquiriu foi uma supervalorização das tecnologias, levando toda a sociedade e as universidades, que refletem nos cursos de pós-graduação, a um tecnicismo que muitas vezes pode prejudicar o desenvolvimento de ações sociais e de reflexões críticas acerca do desenvolvimento e uso dessas próprias tecnologias. É necessária uma conscientização, principalmente por parte das universidades, de que as tecnologias que vêm sendo criadas, embora muito importantes, devem ser encaradas apenas como um meio, um instrumento, e não como um fim em si mesmas.

Tendo em vista o exposto acima, muitos autores parecem concordar que a Ciência da Informação não se enquadra nos parâmetros de uma ciência clássica, mas corresponde a uma nova ciência ou uma "ciência pós-moderna", como já vimos. Para Wersig (1993, apud PINHEIRO e LOUREIRO, 1995, p.44), "a Ciência da Informação não deve ser pensada em termos de uma ciência clássica, mas como protótipo de uma nova ciência". Para ele essa nova ciência se construiria por meio de abordagens estratégicas voltadas para a solução ou trato de problemas. Loureiro (1995) compartilha dessa posição quando afirma que:

> a Ciência da Informação, dadas suas características intrínsecas, não se configuraria como parte das Ciências Sociais e Humanas, e por conseguinte do quadro das ciências tradicionais, mas, como propõe Wersig (1993, p.231), não seria a Ciência da Informação um novo tipo de ciência surgida no bojo daquilo que denominam pós modernidade! Não poderia a Ciência da Informação se constituir em uma nova modalidade de produção do conhecimento! Nem Ciência humana, nem social, mas heterológica, plural e inter-relacional quanto a multidimensionalidade dos saberes.

Dessa maneira a CI se colocaria numa espécie de "metaciência", ou seja, está acima de todas as outras, pois a todas diz respeito. É então "Em suma a ciência capaz de recolher e dar às outras ciências o material de que elas precisam para avançarem na produção do seu conhecimento." (Silva e Ribeiro, 2002, p.66).

Wersig (1997, apud ORTEGA, 2004) recorda que a Ciência da Informação como uma ciência pós-moderna implicaria em um entendimento da noção de conhecimento totalmente novo, pois:

> Diferente da ciência clássica, que é baseada na pesquisa do completo entendimento de como as palavras trabalham, a ciência pós moderna trata do desenvolvimento de estratégias para resolver em particular aqueles problemas causados pelas ciências clássicas e pelas tecnologias. Wersig define Ciência da Informação como o conjunto de modelos, desenvolvidos sob o ponto de vista do problema do uso do conhecimento nas condições pós modernas de informatização. (ORTEGA, 2004 apud WERSIG, p.11).

Desta maneira, concluímos que a Ciência da Informação nasceu das necessidades de uma sociedade pós-moderna e em resposta aos problemas gerados por ela, portanto deve buscar maneiras de organizar os complexos fluxos de informação que são próprios dessa sociedade. Ela (a CI) tenta explicar o estudo de um objeto totalmente novo e para isso deve buscar maneiras também inovadoras, já que até então esses problemas não existiam, pelo menos não em tal complexidade.

E como criadora de novas soluções para novos problemas a CI não é, nem o poderia ser, uma ciência estática com fórmulas e conceitos estáticos, uma vez que seu objeto, assim como seus problemas, também não são estáticos, mas estão em constante mutação, modificando-se conforme modifica-se a sociedade que a criou.

Face ao exposto, consideramos a Ciência da Informação uma ciência nova com pesquisas que ainda estão desbravando trilhas, abrindo caminhos para explicar um objeto tão grande em sua complexidade como em sua importância frente a uma sociedade que já se diz uma "sociedade da informação". Dessa maneira, tão grande não é a responsabilidade dessa

que ainda pode ser considerada uma ciência "aprendiz" em seu tão pouco tempo de existência, mas com avanços tão grandes no que diz respeito a suas pesquisas (tão inovadoras) e aos complexos problemas que busca resolver.

Mas, para que seus objetivos sejam alcançados e suas ações melhor desempenhadas ela deve "[...] enquanto campo disciplinar autônomo, delimitar suas fronteiras, constituir sua metalinguagem, desenvolver técnicas apropriadas ao seu objeto, construir modelos, conceitos, teorias. Ao lado disso, é fundamental manter aberto o diálogo com outras disciplinas para renovar continuamente os modos de olhar seu objeto" (KOBASHI E TÁLAMO, 2003, p.18).

Em resumo, o que objetivamos neste segundo capítulo é traçar alguns elementos históricos sobre o nascimento e desenvolvimento da Ciência da Informação. Para tanto, voltamos ao surgimento da Documentação e de seu principal fundador, o belga Paul Otlet.

Otlet viveu entre os anos de 1868 e 1944. E iniciou seus estudos em 1891 junto com La Fontaine aprofundando-se em temas como: ferramentas e serviços bibliográficos, cooperação e padronização de publicações bibliográficas. Entre suas principais realizações citamos: o Escritório Internacional de Bibliografia Sociológica; o Repertoire Bibliographique Universel (RBU); as cinco edições da Conferência Internacional de Bibliografia durante uma das quais, em 1895, criou o Instituto Internacional de Bibliografia, que chegou a ter 16 milhões de fiches, a Classificação Decimal Universal (CDU), a União de Associações Internacionais, o Palácio Mundial (*Palais Mondial ou* Mundaneum), o Tratado de Documentação e outros.

Para Otlet, que consideramos um grande visionário da Documentação - e por que não dizer, da própria Ciência da Informação - o entendimento sobre a organização de documentos era mais que uma técnica ou um conjunto delas. Ele a via como sendo um campo de estudo e pesquisa que acreditamos, assim como Rayward (1997, p. 19), que "está, de fato, compreendido em nosso termo Ciência da Informação"

Quanto às distintas correntes: a Estadunidense e a Européia, podemos dizer que a dos Estados Unidos originou-se do movimento das bibliotecas públicas (acesso universal ao conhecimento, cultura, educação, papel social do bibliotecário) enquanto que a da Europa resultou dos crescentes estudos e progressos realizados com o tratamento documentário e mecanização desses processos.

Assim, a partir da metade do séc. XX, os EUA aumentam o interesse em

tecnologia e nova corrente começa a ganhar força no país, a "*Information Science*", que caracterizava-se pelas novas tecnologias eletrônicas e de informação (recuperação da informação e surgimento das bases de dados).

O contexto histórico em que se dá a criação dessa nova corrente revela grandes acontecimentos, tais como: a produção da primeira bomba atômica, o advento dos computadores e da internet, a descoberta da penicilina, a modernização dos aviões e a fundação da Unesco.

A informação científica e tecnológica ganhava valor estratégico, resultando na chamada "explosão informacional", caracterizado pelo uso das novas tecnologias como a internet e por grandes mudanças culturais, econômicas e sociais. Fortalecia-se ainda mais essa nova corrente, que agora já ganhava adeptos em todo o mundo e de todas as áreas.

Como vimos, muitas foram as tentativas de conceituações para a Ciência da Informação sem que nenhuma delas pudesse ser considerada consensual ou definitiva. Mas quando comparamos aquelas primeiras definições, como a desenvolvida nas conferências do Georgia Institute of Technology em 1961 e 1962, com outras mais atuais, como a de Saracevic em 1996, percebemos o quanto a área vem se modificando e principalmente conhecendo a si mesmo.

Em 1962 a CI estava no auge de sua criação, a dúvida sobre o que era esse novo campo, sobre aquilo de que se ocupava seus problemas e seus profissionais era ainda um fantasma a assombrar os pesquisadores. Percebemos na definição do Georgia Institute a grande preocupação em definir os processos com os quais a Ciência da Informação se ocupava, especialmente no seguinte trecho: "A ciência que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam o fluxo da informação e os meios de processamento para acessibilidade e usabilidade ótimas. Os processos incluem a geração, disseminação, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação e uso da informação" (SHERA, 1977 apud BRAGA, 1995, p.86).

Há ainda o cuidado de se definir as ciências com as quais ela faz fronteira: "A área é derivada de ou relacionada à matemática, lógica, lingüística, psicologia, tecnologia computacional, pesquisa operacional, artes gráficas, comunicações, biblioteconomia, administração e algumas outras áreas." (SHERA, 1977 apud BRAGA, 1995, p.86)

Percebemos a crise de identidade dos profissionais da CI, já que muitos vinham de diversas áreas do conhecimento. Então, mais do que definir a área, aquilo que o Georgia

Institute e Borko (pouco mais a frente em 1968) procuravam eram acalmar, estimular e esclarecer esses profissionais.

Atualmente, na definição de CI de Saracevic, percebemos argumentos, a nosso ver, muito mais centrados, concretos, podemos dizer até mais confiantes. Isso é demonstrado tanto em sua conceituação quanto na divisão da área em três características básicas: natureza interdisciplinar; ligação com a tecnologia da informação; participação na sociedade da informação principalmente em dimensão social e humana.

Consideramos a visão de Saracevic (1996) uma das mais realistas e que mais se aproximam da realidade vivenciada hoje pela Ciência da Informação, mesmo assim acreditamos, tal como Barreto (2002), não ser possível enunciar objetivos com permanência definitiva na CI por se tratar de uma área especial, "conceitualmente dependente de uma tecnologia intensa" e, portanto com alto teor de inovação e em contínua mutação.

Afinal consideramos a Ciência da Informação uma ciência relativamente nova, que ainda está desbravando caminhos, criando trilhas por meio da pesquisa científica. Por isso enfatizamos, mais uma vez, a importância desses estudos que buscam olhar criticamente e historicamente o campo dessa ciência ajudando assim a descrevê-lo, compreendê-lo e desenvolver seus princípios.

Ao final deste capítulo queremos observar que o nosso objetivo foi o de caracterizar a área de Ciência da Informação enquanto um campo de estudos científicos repleto de variações paradigmáticas ao longo de sua história, embora acreditemos serem essas variações a mola propulsora para o crescimento epistemológico da área.

Dessa maneira, assim como já contextualizamos a Documentação, justifica-se que falemos no próximo capítulo sobre a Biblioteconomia, que, como vimos, faz parte das raízes da Ciência da Informação, além de ser uma das responsáveis pela formação profissional de cientistas que, mais tarde, contribuirão com suas pesquisas para o crescimento e desenvolvimento da CI enquanto área cientifica.

Além disso, os avanços no ensino de Biblioteconomia e na formação desses profissionais serão importantes nesta pesquisa, por buscarmos contextualizar as modificações ocorridas na Ciência da Informação e estudar o aparecimento e desenvolvimento da pós-graduação. É, portanto, condição imprescindível estudarmos as relações históricas da área com o IBICT e o CNPQ enquanto instituições de fundamental importância no desenvolvimento das pesquisas em Ciência da Informação.

# 3 BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

Como vimos no capítulo anterior, diante dos vários problemas surgidos na década de 1960, o grande desafio da sociedade era lidar de maneira eficaz com o enorme número de informações sempre crescente. Dessa maneira, diversos profissionais de diversas áreas do conhecimento vinham se ocupar desses problemas e formar uma nova área interdisciplinar.

A resposta para esses problemas foi buscada nas novas tecnologias de informação através da criação de sistemas de organização e recuperação da informação, compreendendo o trato com a informação desde sua geração, organização, recuperação, disseminação e uso.

Dessa maneira, o novo profissional da informação tinha de reunir capacidades tais que envolvessem as tradicionais técnicas de organização e representação da Biblioteconomia e Documentação aliadas à agilidade e precisão das tecnologias agora já indispensáveis na organização e recuperação da informação.

Entre esses novos profissionais, o bibliotecário foi uma figura sempre presente na estruturação do campo, sua profissões foi um das mais influenciadas pelo surgimento da Ciência da Informação especialmente depois da criação da Pós-Graduação, mantendo sua colaboração e crescimento mútuo até os dias de hoje.

Por essas razões, neste capítulo abordaremos alguns temas fundamentais para a pesquisa em questão. Primeiramente, falaremos de alguns aspectos históricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil, evidenciando a criação e desenvolvimento dos cursos e as principais características dos profissionais envolvidos nesse campo. Entre os principais fatores que influenciaram, e ainda influenciam a formação em Biblioteconomia, evidenciamos a criação em 1970 do primeiro curso de pós-graduação em Ciência da Informação, seguido de outros que muito contribuíram para o crescimento da área. E não podemos deixar de citar também a participação de agências financiadoras como o IBICT.

Por ora, iniciaremos falando um pouco das primeiras manifestações da Ciência da Informação no Brasil (que representa apenas uma das várias concepções existentes). Em seguida detalharemos melhor o crescimento e expansão da Biblioteconomia como antecessora da Ciência da Informação no País.

No Brasil, assim com em toda a América Latina, a Ciência da Informação também surgiu muito relacionada à automatização da informação e ao emprego de computadores nos seus processos técnicos. Mostafá (1985, p.6) destaca que os anos 1930 e 1940 foram para a Ciência da Informação um período "incubatório" para despertar como tecnologia consolidada nos anos seguintes: "em nenhuma fase ciência e tecnologia guardaram uma ligação tão intrínseca dentro de uma área quanto nessa fase da nascente Ciência da Informação".

No início do século XX, a influência européia era predominante no país, refletindo-se, principalmente, no curso de formação profissional da Biblioteca Nacional, como veremos mais detalhadamente no próximo item. Já nos anos 30, no entanto, ir aos Estados Unidos estudar Biblioteconomia se tornou uma prática comum entre os brasileiros, que ao retornar ao Brasil aplicavam o modelo estadunidense de ensino em nossos cursos e conseqüentemente em nossas bibliotecas, fazendo predominar assim, a influência norte-americana no país em contraposição a européia.

Nesse período, o termo Biblioteconomia ainda era bastante utilizado, especialmente nesses cursos profissionalizantes. Já por volta dos anos 50 e 60 alguns princípios da Documentação de cunho essencialmente europeu voltaram a influenciar os cursos brasileiros. E, apesar de não superarem os moldes americanos, foram suficientes para colocar a Documentação como denominação de cursos, eventos e instituições junto com a Biblioteconomia ou separadamente.

O principal exemplo surgido nesse período foi a criação do IBBD – Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação – como órgão de produção e acumulação de informações bibliográficas. A criação do IBBD foi apoiada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e marcou um novo período tanto no que se refere ao tratamento documentário como as novas construções teóricas e principalmente à postura profissional. Refletindo uma tendência essencialmente européia, o IBBD preconizou uma nova maneira de encarar o tratamento da informação, não mais através dos dados da publicação somente, mas por meio do conteúdo do documento. Sobre esse período Oddone (2006) faz um breve, porém rico resgate histórico no qual nos basearemos a seguir.

Oddone (2006) fala que as atividades do IBBD foram marcadas pela influência ao mesmo tempo da Biblioteconomia, Documentação e do (moderno) conceito de informação

científica, instituindo, segundo ela, um novo regime de informação no Brasil. Entre as atividades do IBBD destacamos sua política de formação de recursos humanos, através da criação do curso de Documentação Científica/Curso de Especialização em Informação e Documentação (CDC), que orientava muitos bibliotecários, além de pessoas de outras áreas, do Brasil e de vários países da América Latina no desenvolvimento de "sofisticadas técnicas de documentação". Esse curso tinha o propósito de "disseminar conhecimentos sobre os processos de geração, tratamento, recuperação e disseminação da informação científica e tecnológica, tornando-se, nos anos seguintes, espaço de reflexão e discussão sobre os caminhos da informação no Brasil e do objeto de trabalho do IBBD" (CHRISTOVÃO, 1995 apud MARTINS, 2004, p.3).

Através desses cursos o IBBD também preparava os bibliotecários para lidar com as novas técnicas de eletrônica e informática crescentes no país e principalmente fora dele, adotando, dessa maneira, uma nova postura profissional nos serviços de informação exigida pelo próprio IBBD. Outra mudança na postura desses profissionais foi a participação deles em eventos científicos, como Simpósios de Bibliografia, por exemplo, e também sua participação na Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), e na criação e colaboração do Comitê de Documentação, entre outros. Essa política, além de incentivar um novo perfil do bibliotecário agora mais consciente, dinâmico e participativo, incentivou, conseqüentemente, a ascensão das bibliotecas públicas (especialmente através do Instituto Nacional do Livro – INL), que passaram a ser mais presentes no país, tanto nas cidades quanto nas universidades, e órgãos públicos em geral (OLIVEIRA, 1994 apud ODDONE, 2006).

Através de todas essas iniciativas o IBBD introduziu uma nova postura na atuação dos profissionais da área e mudou radicalmente a visão da Biblioteconomia no país. É com base nesse cenário que Oddone (2006, p.10) afirma então que "O IBBD não apenas cumpriu seu papel de instituição centralizadora das atividades de bibliografia e documentação no país mas preencheu o espaço de um dispositivo propriamente político, investido de saber e de poder, no ordenamento da área e na definição de suas normas, práticas, padrões, competências, posturas e discursos".

Nesse período, portanto, parece ter havido uma aliança entre a Biblioteconomia e a Documentação no Brasil produzida pelo IBBD e em resposta as recomendações da FID (Federação Internacional de Documentação). Essa aliança contrariava o cenário mundial de

divergência entre as duas disciplinas. Tal cumplicidade foi marcada inclusive pela incorporação do ensino de documentação nos currículos de Biblioteconomia.

Fato curioso nos traz Nova (1983 apud ODDONE, 2006, p. 7) ao relatar que apesar de toda a aparente afinidade entre a Biblioteconomia e a Documentação, em 1980 a Biblioteconomia brasileira reuniu esforços na tentativa de incorporar definitivamente a Documentação em seus domínios, o que lhe foi formalmente negado:

> [...] Parece assim ao relator desnecessário que os bibliotecários sejam explicitamente chamados de documentalistas, uma vez que isso já está expressamente no campo de sua profissão. E ainda porque parece conveniente eludir uma possível perplexidade, que poderia nascer de uma terminologia inovada: Bibliotecário e Documentalista, uma vez que a primeira profissão inclui a segunda, mas a recíproca não é, forçosamente, verdadeira.[...].

O Brasil estava vivenciando, nesse período, uma nova visão da Biblioteconomia brasileira e o reconhecimento da importância das bibliotecas para veiculação da informação, o que levou a realização, em 1963, do 4º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBD) sob o tema "A Biblioteca como fator de progresso", na qual foram discutidos temas relativos a informação. Após esse evento o uso da eletrônica e da informática no dia-a-dia desses profissionais era crescente. O IBBD estava sendo cada vez mais influenciado pelos novos princípios da Ciência da Informação e em 1968 promove o "Seminário de Informática", primeiro evento destinado a abrir espaço para a discussão de tais princípios e que ficou conhecido como um dos primeiros marcos da Ciência da Informação no Brasil. Com esse seminário, o IBBD pretendeu chamar a atenção de bibliotecários e documentalistas à aplicação de processos automáticos de informação e à importância dessa prática para a Biblioteconomia. Esse encontro lançou novas perspectivas a esses profissionais e influenciou o ensino nas escolas de Biblioteconomia do Brasil, como salienta Zaher (1974, p.56):

> O enclave ficou, assim, como um marco na biblioteconomia brasileira: representou a dinamização de seus processos com auxílio de equipamento automático, criando a conseqüente necessidade de reformulação dos métodos convencionais face a esse novo elemento da documentação.

Já em 1969 houve a IX Reunião e II Congresso Regional sobre Documentação.

Também neste evento foram incluídos temas como o uso de computadores na recuperação da informação científica e estudo de usuários. Segundo Foskett (1980) a denominação Ciência da Informação só foi definitivamente adotada no Brasil em 1970, pelo IBBD, através da criação do mestrado em Ciência da Informação. Para isso o IBBD convidou vários professores dos Estados Unidos e Inglaterra e, segundo Martins (2004), buscou apoio financeiro na Unesco, Consulado Americano, Fundação Ford, Conselho Britânico e Comissão Fullbright. De acordo com o mesmo autor, o mestrado formou, através dos anos, "pesquisadores e profissionais, oriundos de diversas áreas do conhecimento, com trabalhos voltados para outras áreas de aplicação da CI que não a Biblioteconomia" (MARTINS, 2004, p. 5)

A criação do mestrado em Ciência da Informação foi um marco para a Biblioteconomia e Documentação brasileiras, pois além de influenciar as práticas diárias da biblioteca e dos bibliotecários introduzindo uma nova corrente que pregava o uso das novas tecnologias de informação e automação nas tarefas diárias, influenciou também os currículos dos cursos de formação em Biblioteconomia existentes e deu início a um processo de mudança radical na terminologia da área.

Todas essas mudanças nos tratamentos documentais caracterizaram uma grande mudança na filosofia documentária, pois marcaram a transformação do conceito de documento para o conceito de informação, e a desta última de instrumento de trabalho para objeto de estudos de uma nova área. Caracterizaram também um novo relacionamento entre o homem, a máquina e a informação, uma nova fase em que esses três elementos estão intimamente ligados e passam a representar a Ciência da Informação, diferenciando-a da Documentação.

Outra grande mudança deu-se no que diz respeito aos estudos dentro da área: passou-se a pesquisar o "comportamento de usuários", suas necessidades de informações, os métodos e os sistemas de tratamento da informação. Com a criação de cursos que visavam estudar o comportamento dessa informação e, principalmente, com a atuação de especialistas de outras áreas, estava praticamente consolidada a Ciência da Informação no Brasil, como no conta Zaher (1974, p.63):

> Dessa forma, iniciou-se na América Latina a formação adequada de elementos capazes de desenvolver a nova ciência da informação e atrair a pesquisa nesse campo, especialistas de outras áreas, a fim de formar equipes altamente capacitadas ao estabelecimento de sistemas de informação científica, infra-estrutura para os programas de desenvolvimento técnico,

científico, econômico e social do país.

Atualmente, no Brasil, os estudos sobre Ciência da Informação e Documentação são representados principalmente pelas universidades que abrigam os cursos de mestrado e doutorado na área. A criação e desenvolvimento desses cursos serão tratados mais a frente. Por ora, continuaremos a tratar da Biblioteconomia no Brasil, já que a formação do bibliotecário afeta diretamente a área da Ciência da Informação e esta, por sua vez, influencia também a formação do bibliotecário.

## 3.1 A Biblioteconomia e a formação do bibliotecário no Brasil.

"Biblioteconomia", de acordo com Le Coadic (1996), é um termo formado pela união de duas palavras - biblioteca e economia – e que tem no sentido de organização, administração, gestão. Para Vieira (1980, apud CYSNE, 1993, p.56), a Biblioteconomia pode ser conceituada como "uma técnica social voltada para o tratamento dos suportes materiais da informação com vistas a sua disseminação".

De qualquer maneira, o fazer biblioteconômico pode ser considerado uma das "artes" mais antigas realizadas no mundo, pois mesmo antes da invenção do papel já existiam técnicas de organização e representação de documento. Apesar disso a Biblioteconomia como disciplina científica[1] (como, de fato, nos interessa) só foi regulamentada em 1963 como resultado de um longo processo de lutas da classe.

Cysne (1993), por meio de outros autores como Laura G. M. Russo e Francisco das Chagas de Sousa, entre outros, faz um breve histórico sobre o ensino de Biblioteconomia no Brasil, levantando alguns aspectos importantes que marcaram o nascimento e desenvolvimento da profissão no país. A autora nos conta que o primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil foi estruturado em 1911 pelo Decreto Federal nº 8.835, de 11 de julho, e começou a funcionar em 1915 na Biblioteca Nacional. Esse curso, no entanto, não tinha pretensões de atender a sociedade através do ensino superior ou legitimar a classe, seu objetivo era formar mão-de-obra especializada para atender as necessidades da própria Biblioteca Nacional. Dessa maneira tinha duração apenas de um ano e seu currículo era

[1] Neste trabalho entenderemos ciência e disciplina científica como sinônimos.

formado por disciplinas técnicas como Paleografia e Diplomática, Iconografia, Numismática e Bibliografia, esta última englobando os conteúdos técnicos de catalogação, classificação, organização e administração de bibliotecas.

Mas muito antes da criação deste primeiro curso de Biblioteconomia a mesma Biblioteca Nacional realizou, em 1º de julho de 1879, o primeiro concurso público para o preenchimento de uma vaga de "oficial de biblioteca". Para Fonseca (1992), esse concurso "foi o marco inicial da formação profissional do bibliotecário no Brasil". O autor cita que as matérias das provas que caíram nesse concurso foram: História Universal, Geografia, Literatura, Filosofia, Bibliografia (que abrangia, na época, a Bibliologia e a Biblioteconomia), Iconografia, Classificação de Manuscritos e traduções do Latim, inglês e francês. A intenção era conciliar a cultura geral com a técnica e o instrumental lingüístico, produzindo o que seria para a época o bibliotecário ideal[2].

Fonseca (1992) lembra que o segundo curso brasileiro de Biblioteconomia nasceu a partir da reorganização da Biblioteca Municipal de São Paulo em 1936, realizada pelo Departamento de Cultura através de Rubens Borba de Moraes. Mandado aos Estados Unidos, Moraes estudou a organização e funcionamento das bibliotecas e ao regressar reorganizou a Biblioteca Municipal e deu início ao curso de Biblioteconomia.

Sousa (1990, apud CYSNE, 1993) confirma essas informações e complementa que essa prática se tornou comum no Brasil, pois além de Rubens Borba de Moraes muitos brasileiros iam aos Estados Unidos estudar Biblioteconomia e ao retornar ao Brasil aplicavam seus estudos em nossas bibliotecas e cursos. Dessa maneira, a influência norte-americana cresceu cada vez mais no país e superou os moldes europeus predominantes até o momento.

Até então, no Brasil, as bibliotecas eram dirigidas por poetas, escritores ou pessoas comuns, sem nenhuma técnica ou preparo específico para a organização dessas instituições. Cysne (1993) destaca que foi por meio dessa influência americana que teve início a segunda fase do ensino profissional de Biblioteconomia no país, um período que se desenvolveu entre 1929 e 1962 e foi marcado por elementos como:

- divisão da carreira de bibliotecário em bibliotecário e bibliotecário auxiliar (mais precisamente em 1940)
- criação de vários cursos em São Paulo (inclusive um curso intensivo com duração de seis meses)

[2] Neste concurso ingressou no quadro de funcionários da Biblioteca Nacional o historiador Capistrano de Abreu.

– predominância de disciplinas voltadas para a organização de bibliotecas como a catalogação, a classificação, referência e organização (refletindo a orientação americana).

Esse período pode ser considerado de grande desenvolvimento e expansão para a Biblioteconomia, pois refletia a proliferação dos cursos e dava grande ênfase às técnicas. O intuito era formar de maneira rápida e em grande escala profissionais aptos a lidar com a organização e recuperação de documentos em bibliotecas.

Para demonstrar tal crescimento, Russo (1968 apud CYSNE, 1993) traz uma lista dos cursos regulares criados nesse período:

- 1915 - Curso da Biblioteca Nacional

–1936 – Escola de Biblioteconomia de São Paulo

–1942 - Escola de Biblioteconomia e Documentação da Universidade da Bahia

–1944 - Escola de Biblioteconomia da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae"

–1945 - Escola de Biblioteconomia da Universidade Católica de Campinas

–1947 - Escola de Biblioteconomia e Documentação da Universidade do Rio Grande do Sul

–1948 - Escola de Biblioteconomia da prefeitura do Recife

–1948 - Escola de Biblioteconomia "Nossa Senhora do Sion"

–1950 – Escola de Biblioteconomia e Documentação da Universidade do Recife

–1951 - Curso de Biblioteconomia do Instituto "Caetano de Campos"

–1952 - Curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade do Paraná

–1957 - Curso de Biblioteconomia e Documentação do Instituto "Santa Ursula"

–1959 - Curso de Biblioteconomia e Documentação de São Carlos

–1962 - Curso de Biblioteconomia e Documentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis

–1965 - Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará

Observe que em um período de dez anos, entre 1942 e 1952, foram criados nove cursos de Biblioteconomia no Brasil, quase um curso por ano. Mesmo assim a regulamentação da profissão na categoria de profissionais de nível superior só aconteceu em 30 de junho de 1962, através da lei 4084, que dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício:

Ela (a profissão) foi regulamentada pelo decreto nº56.725 de 16 de agosto de

> 1965. De acordo com os referidos dispositivos legais é privativo dos bacharéis em biblioteconomia o exercício de cargos de direção de bibliotecas e serviços de documentação, da execução de tarefas bibliotecárias e de ensino de Biblioteconomia. (FONSECA, 1992, p. 114).

Todas essas conquistas tornaram a década de 60 um marco na história da Biblioteconomia brasileira. Entretanto, essa rápida expansão da Biblioteconomia provocou também algumas deficiências nos programas recém criados. A falta de professores para atender a demanda dos cursos e a pouca especialização em nível de pós-graduação são algumas delas. Além disso, com a influência do pensamento norte-americano houve também um super-dimensionamento do conteúdo das disciplinas técnicas que provocou um certo estereótipo do bibliotecário como sendo um profissional excessivamente tecnicista, imagem que o acompanha até os dias atuais como destaca Targino (2006, p.156):

> [...] A técnica é mitificada e mistificada em prol de um pseudo-progresso da área. Detém-se mais na forma do que no conteúdo, mais na aparência do que na essência. Privilegia o processamento técnico ao lado do gerenciamento dos serviços informacionais e do uso de novas tecnologias em detrimento do seu relacionamento com a realidade social, política e econômica [...].

Foi apenas com a criação dos cursos de pós-graduação na década de 70 que os cursos de graduação em Biblioteconomia passaram a refletir-se sobre o ensino profissional em seus programas e sobre a necessidade de reformulação de seus currículos mínimos, já que muitas mudanças vinham ocorrendo nos quadros políticos, social e tecnológico do país e o currículo mínimo vigente até então não acompanhava tais mudanças.

Discorre que, até 1962, cada escola ou curso determinava o programa curricular que aplicaria a seus alunos, não havendo um currículo mínimo comum a todos eles. Castro (2002) faz um histórico sobre o desenvolvimento dos currículos mínimos em Biblioteconomia no Brasil e afirma que até essa data não havia um currículo mínimo para a profissão em razão da ausência de unidade de ponto de vista entre as escolas de Biblioteconomia. Faltava ainda um consenso sobre quais disciplinas deveriam fazer parte da formação desses profissionais, principalmente no que dizia respeito à formação humanística cultural em detrimento da formação técnica.

Castro (2002) diz que o primeiro currículo mínimo obrigatório para o curso de Biblioteconomia foi estabelecido pelo conselho federal de educação pela Resolução de 16/11/1962 que dizia o seguinte:

Art. 1 – O currículo mínimo do curso de Biblioteconomia compreenderá as

seguintes matérias:

–História do livro;

–História da literatura;

–História da arte;

–Introdução aos estudos históricos;

–Evolução do pensamento filosófico e científico;

–Organização e administração de bibliotecas;

–Catalogação e classificação;

–Bibliografia e referencia;

–Documentação;

–Paleografia.

Art. 2 – A duração do curso será de três anos letivos.

Art. 3 – É obrigatória a observância dos Art. 1 e Art. 2 a partir do ano letivo de 1963.

Esse currículo, no entanto, "não chegou a satisfazer os professores e a classe bibliotecária, uma vez que não correspondia às expectativas dos profissionais e às exigências dos avanços tecnológicos, sociais e educacionais da época" (CASTRO, 2002, p.43).

Assim, a partir de 1973 muitas ações começaram a ser desenvolvidas com o intuito de examinar e atualizar esse currículo. Por meio de um longo percurso com a formação de muitas comissões, e da realização de muitos eventos que visavam discutir os problemas da biblioteconomia brasileira e a formação de seu currículo mínimo, em 1982 foi aprovado pelo CFE o segundo currículo mínimo, com as seguintes disciplinas:

–Comunicação;

–Aspectos Sociais, políticos e econômicos do Brasil contemporâneo;

–História da cultura;

–Lógica, língua e literatura portuguesa;

–Métodos e técnicas de pesquisa;

–Informação aplicada à Biblioteconomia;

–Formação e desenvolvimento de coleções;

–Controle bibliográfico dos registros do conhecimento;

–Disseminação da informação;

–Administração de bibliotecas.

Apesar da formação profissional do bibliotecário ter sido alvo de constantes discussões e reflexões durante toda a sua história, ainda hoje esses profissionais sofrem com duras críticas com relação a sua formação e atuação. Tarapanoff (1997), por exemplo, em pesquisa realizada em parceria com o Instituto Euvaldo Lodi do Distrito Federal (IEL/DF) e o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), investigou o perfil do profissional da informação no Brasil. A autora afirma que:

> A maior crítica que se faz aos currículos da área refere-se a defasagem, inadequação e incompetência de preparar o profissional para o mercado atual e futuro. A impressão é que os cursos têm se prendido a um perfil profissional, levantado já há algum tempo e fazem remendos e adições sobre ele, cada vez que novas temáticas ou abordagens são necessárias para a profissão, numa ação inteiramente reativa e não proativa. Este problema se reflete no currículo "remendado", que pretende ser tudo para todos e acaba não sendo adequado para ninguém. (TARAPANOFF, 1997, p. 50)

Entretanto, acreditamos que o contexto social, tecnológico e econômico da sociedade nos dias atuais tenha inserido as bibliotecas em um contexto completamente diferenciado do até então vivido. Essas instituições configuram-se como espaços muito mais modernos e dinâmicos. Isso se deve às constantes mudanças da sociedade e a modernização dos sistemas de organização e recuperação da informação através das novas tecnologias de informação. Dessa maneira, "urge sobrepor a idéia da biblioteca como o armazenamento ou a organização do saber, para assimilar que, no contexto da modernidade, a biblioteca é, preferencialmente, uma rede de serviços de informação, um centro organizado de informações, e não mais a coleção estática de impressos e/ou de audiovisuais". (TARGINO, 2006, p.72).

Dessa maneira, é urgente pensarmos que se existe uma mudança de contexto na sociedade e nas instituições é necessário que a atuação do bibliotecário também acompanhe tais mudanças, o que, conseqüentemente também vai se refletir diretamente no ensino formativo desses profissionais, ou seja, no ensino dos cursos de Biblioteconomia. Essas modificações sociais e tecnológicas obrigam as escolas de Biblioteconomia a preparar bibliotecários "para assumir uma grande diversidade de papéis, passando pelos procedimentos técnicos, a automação e chegando ao perfil do gerente". (TARAPANOFF, 1997, p. 50).

Le Coadic (1996) ressalta que a Biblioteconomia, por se tratar da "arte de organizar bibliotecas", deve responder a problemas suscitados:

- pelos acervos (formação, desenvolvimento, classificação, catalogação, conservação);

– pela própria biblioteca como serviço organizado (regulamento, pessoal, contabilidade, local, mobiliário);
– pelos leitores, os usuários (deveres recíprocos do pessoal e do público, acesso aos livros, empréstimo).

Entretanto, a nosso ver, os profissionais que vêm se formando atualmente não tem se prendido apenas às bibliotecas enquanto única opção de trabalho. Ao contrário disso, o mercado de trabalho para esses profissionais tem se estendido desde bibliotecas tradicionais até a organização da informação em páginas web, sites e portais, bibliotecas digitais, educação à distância, empresas de consultoria e uma infinidade de outras opções que vêm surgindo no horizonte da profissão, pois exigem equipes interdisciplinares com a participação de especialistas em informação. Tarapanoff (1997, p.51) nos confirma isso em sua pesquisa quando afirma o seguinte:

> Percebe-se pelo levantamento que tanto os bibliotecários assumem os mais diversos papéis, quando no desempenho de suas atividades, quanto há um numero cada vez maior de profissionais liberais, procedentes das mais diversas áreas, atraídos por atividades relacionadas ao ciclo documentário, inclusive nos aspectos mais modernos que incluem o conhecimento em novas tecnologias, redes, bases de dados e telecomunicação, que requerem novos conhecimentos, obtidos principalmente em nível de pós-graduação.

Diante do exposto, uma vez que a biblioteca deve buscar adaptar-se à sociedade em que está inserida, a Biblioteconomia também deve se adequar aos novos contextos sociais, econômicos, tecnológicos e principalmente mercadológicos com os quais seus profissionais têm se deparado ao sair da academia.

Vale ressaltar, também, que todas as mudanças que têm ocorrido no interior das bibliotecas no que diz respeito principalmente aos suportes informacionais e vêm ao encontro das novas tecnologias que agilizam e facilitam o seu acesso, não marginalizam em nenhum momento o trabalho do bibliotecário. Ao contrário, seus serviços e conhecimentos ainda se fazem necessários como sempre se fizeram, pois, por mais modernas e avançadas que sejam as novas tecnologias e os suportes informacionais, eles não sobrevivem sozinhos.

> O fluxo de informação como sistemas de comunicação, no qual o conhecimento registrado é recuperado diante das demandas do publico, persiste na sua essência. Aquisição, organização, arranjo, armazenamento, recuperação e utilização ainda são etapas de qualquer sistema de informação – manual ou informatizado. O que muda é apenas o suporte físico e não o

> conteúdo e/ou a relevância da informação. (TARGINO, 2006, p.113).

Acrescentamos ainda que o que muda nessas tarefas, além do suporte físico é a maneira de realizá-las, já que agora todos esses processos estão sendo informatizados. Sendo assim, a atuação dos bibliotecários nas bibliotecas e centros de informação continua sendo tão importante como sempre foi principalmente agora que os avanços tecnológicos e o acesso em rede nos fazem deparar com outro problema sério: o da qualidade da informação. Não pretendemos nos aprofundar nessa questão, mas é importante citá-la, uma vez que o crescimento assustador da quantidade de informações disponibilizadas na rede se mistura a uma infinidade de "lixo informacional", ou seja, dados disponibilizados sem nenhum critério, tornando a seleção do que é realmente relevante ainda mais difícil. Dessa maneira, Targino (2006) nos lembra que ainda é muito importante que se administrem os fluxos (crescimento) de informação e que, por isso, a função do bibliotecário continua sendo muito importante enquanto catalisador de informação e difusor do conhecimento no ambiente em que atua.

A questão a ser refletida, para Oliveira e Araújo (2002), é que os profissionais da informação ainda revelam um perfil bastante conservador tanto em sua denominação como em sua formação. Para as autoras as novas conjunturas administrativa e telemática exigem desses profissionais novas estratégias e processos de trabalho, e a unidade informacional e seu profissional devem:

– Flexibilizar processos de trabalho;
– Descentralizar decisões;
– Centrar processos, atividades, produtos e serviços no usuário;
– Desenvolver parcerias;
– Adotar cooperação como estratégia;
– Inovar e competir por novos espaços;
– Formar grupos de apoio e de pressão, para auxiliá-los em decisões administrativas e na elaboração de políticas informacionais;
– Desenvolver bases de dados de formação intelectual gerada e organizada pela própria instituição;
– Organizar, recuperar e preparar para o uso a informação disponível zelando por sua organização em várias redes e sistemas de interesse para o seu usuário;
– Disponibilizar e acessar informações em nível mundial;
– Oferecer os produtos e serviços dentro do conceito de "just in time" e outros conceitos de

qualidade;

– Preocupar-se com o aprendizado e a educação continuados para fazer face às mudanças tecnológicas, gerenciais e comportamentais.

Para que tais habilidades sejam desenvolvidas é necessário não só uma nova postura do profissional da informação como também uma formação de qualidade, que acompanhe as mudanças sociais e tecnológicas do país e do mundo. Para Tarapanoff (1997, p. 58), a resposta para uma melhor formação e atuação desses profissionais está no esforço conjunto do tripé Escolas, Instituições e Profissionais; ela sugere como medidas:

• Sensibilização nas organizações para a necessidade de adaptação aos paradigmas atuais e para o aprendizado e adaptação continuados de seus profissionais;

• Maior oferta de cursos que visem à conscientização, preparação e atuação, dentro dos novos paradigmas;

• Desenho de currículos para profissionais da informação proativos. De preferência em nível de especialização, reciclagem e atualização, visando com ações pontuais e direcionadas formar profissionais com perfis específicos. Estes currículos deverão basear-se em estudos prospectivos de mercado e monitoramento de recursos humanos.

• Oferta de cursos fora do círculo acadêmico, mas em ambientes técnico-científicos, como os que oferecem treinamento em novas tecnologias, a exemplo do IBICT, IBAMA, IEL e outros.

• Experiência com cursos baseados em vídeos, utilizando técnicas mistas de ensino local e à distancia, para levar o treinamento e a educação continuada ao profissional em seu ambiente de trabalho, propiciando o treinamento em serviço;

• Preparação de "multiplicadores" para a realização de treinamento em serviço nos locais de trabalho;

• Convencimento das organizações à utilização da gerência participativa, e para a qualidade, a fim de proporcionar maior envolvimento de seus profissionais;

• Oferta de cursos de curta duração relacionados aos interesses identificados dos profissionais da informação;

• Oferta de cursos em novas tecnologias, qualidade e novos comportamentos gerenciais para dirigentes organizacionais.

A autora sugere ainda que essas sugestões devem ser desenvolvidas em propostas específicas de treinamento e educação continuadas, e sem deixar de lado o treinamento do

usuário, no ambiente da biblioteca e/ou sistema informacional, para que este, possa aprender a conhecer e utilizar recursos informacionais.

Uma vez que todos os autores citados até agora utilizam-se do termo "profissional da informação" para denominar o bibliotecário, julgamos conveniente, nesse momento, abrirmos um parênteses para a colocação feita pela CBO – Classificação Brasileira de Ocupações sobre quem é e qual a formação dos profissionais que atualmente têm tido essa denominação:

**Bibliotecário**

Biblioteconomista, Bibliógrafo, Cientista de informação, Consultor de informação, Especialista de informação, Gerente de informação, Gestor de informação.

**Documentalista**

Analista de documentação, Especialista de documentação, Gerente de documentação, Supervisor de controle de processos documentais, Supervisor de controle documental, Técnico de documentação, Técnico em suporte de documentação.

**Analista de informações (pesquisador de informações de rede)**

Pesquisador de informações de rede.

As funções desempenhadas por esses profissionais são descritas no mesmo site da seguinte maneira:

"Disponibilizam informação em qualquer suporte; gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação. Tratam tecnicamente e desenvolvem recursos informacionais; disseminam informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas. Podem prestar serviços de assessoria e consultoria." (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2009).

Julgamos pertinente a definição dada pela CBO, entretanto hoje os profissionais que têm se ocupado das funções descritas acima superam o rol de formações definidas no site, ou seja, essas funções têm sido desempenhadas por profissionais com formação em outras

áreas e não apenas por bibliotecários, documentalistas e analistas em informações.

Apesar da diversidade de áreas que dão origem a esses profissionais, é comum encontrarmos na literatura da área críticas a respeito de sua formação. Targino (2006), por exemplo, salienta que a formação do bibliotecário sofre de algumas deficiências. Para ela, é urgente que seja feita uma reestruturação dos cursos de graduação visando alguns pontos principais de reflexão, tais como:

– Contato permanente dos alunos com as novas tecnologias de informação e de comunicação;

– Visão gerencial na área de informação, permitindo ao profissional identificar necessidades, planejar ações e gerenciar alternativas;

– Domínio sobre os diferentes suportes e meios físicos;

– Relevância da educação continuada tanto ao longo do curso como depois de sua conclusão;

– Estruturas curriculares mais flexíveis que comportem um número maior de matérias optativas e interdisciplinares, permitindo maior dinamismo e utilização de aportes metodológicos de outras áreas;

A autora segue afirmando que:

> A formação do profissional não está centrada apenas no alunado e no currículo, mas envolve outros fatores, com ênfase para a adaptação dos cursos à realidade, o aparelhamento dos laboratórios e, sobretudo, a capacitação e atualização dos docentes [...] o que pressupõe pós-graduação, dedicação integral a docência, pesquisa e extensão. (TARGINO, 2006, p.173).

Além disso, destaca-se a importância de que o bibliotecário esteja consciente do objeto de sua profissão como sendo a informação e do foco de seus trabalhos como sendo o usuário. Dessa maneira, "deve agir como catalisador e difusor do conhecimento dentro da comunidade, advindo daí o seu potencial político como autor de mudanças sociais. É urgente transformarmos o bibliotecário em instrumento de democratização da informação [...]". (TARGINO, 2006, p.72).

Com base nos autores citados, como Targino (2006), Oliveira e Araújo (2002) e Tarapanoff (1997), colocamos alguns pontos que julgamos de grande importância para a reflexão da profissão atualmente:

- Educação continuada deve ser uma preocupação constante de todos, uma vez que

a área tende a se modificar constantemente tanto em termos metodológicos quanto em termos tecnológicos, sociais e gerenciais. Dessa maneira, é de extrema necessidade que o profissional busque sempre se atualizar nas novidades da profissão.

- Oferta de cursos de atualização profissional tanto por parte das instituições formadoras quanto das empresas contratantes, bem como maior interesse dos profissionais em buscá-los.

- Gerência participativa, descentralização das decisões e cooperação, tanto para incentivar maior participação e envolvimento dos funcionários com a empresa quanto para buscar novas parcerias.

- Fazer planejamento estratégico, traçar objetivos e elaborar políticas informacionais.

- Domínio sobre os diferentes suportes e meios físicos, especialmente nas novas tecnologias de informação.

- Estudo e capacitação de usuários.

- Desenvolver bases de dados e disponibilizar informação on-line em várias redes e sistemas.

Por ultimo, e não menos importante, atemo-nos aos currículos profissionais. Julgamos não ser possível abarcar em uma mesma proposta todas as necessidades que o mercado de trabalho apresenta, uma vez que ele varia de acordo com as diferentes regiões do Brasil. Por isso acreditamos ser necessário currículos mais flexíveis, que visem abarcar disciplinas optativas de acordo com as necessidades regionais. Também deve ser observada a interdisciplinaridade como característica fundamental nessa formação (refletindo a própria Ciência da Informação), mas que não abra mão de um currículo mínimo básico que represente uma base sólida para a formação desse profissional.

Face ao exposto, acreditamos que a formação do profissional bibliotecário hoje deve adaptar-se as transformações sociais, científicas, educacionais e tecnológicas, que vão não só interferir como também contribuir para os afazeres biblioteconômicos. Nesse ponto fazemos nossas as palavras de Castro (2002, p.189) para quem “uma formação profissional que se delineia como ideal é aquela voltada para a construção da cidadania consciente e ativa, que favoreça aos alunos bases culturais as quais lhes permitam posicionar-se frente às transformações em curso e incorporar-se na vida produtiva”.

Complementamos nesse contexto a necessidade de uma fundamentação teórica

sólida, que permita a esses profissionais refletir criticamente sobre sua própria prática e contribuir para o crescimento e reconhecimento da profissão. Nesse sentido, podemos dizer que a formação profissional hoje tem um grande aliado no qual a Biblioteconomia pode e deve se apoiar para estimular seu desenvolvimento científico e tecnológico. Conhecido como IBICT, trata-se de um importante instituto que visa contribuir para o avanço da ciência, da tecnologia e da inovação tecnológica do País do qual falaremos no próximo tópico.

## 3.2 O IBICT e a Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil.

### 3.2.1 IBICT[3] - Breve Histórico

Ainda falando do ensino e da formação do profissional da informação no Brasil não podemos deixar de citar a importante colaboração do IBICT na história da Ciência da Informação Brasileira.

O IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - nasceu a partir do antigo IBBD - Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. O IBBD foi fundado em 1954 como órgão do então Conselho Nacional de desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A criação do IBBD se deu por influência externa, através da Unesco, em ação conjunta com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), que estimulou a implantação do Instituto. Desde a sua criação como IBBD, até o ano de 1976, já denominado IBICT, o Instituto tinha os seguintes objetivos: promover a criação e o desenvolvimento dos serviços especializados de bibliografia e documentação; estimular o intercâmbio entre bibliotecas e centros de documentação, no âmbito nacional e internacional; incentivar e coordenar o melhor aproveitamento dos recursos bibliográficos e documentários do país, tendo em vista, em particular, sua utilização pela comunidade científica e tecnológica.

Durante este período, o Instituto dispunha de um acervo bibliográfico em C&T (Ciência e Tecnologia) que era o suporte para o atendimento direto do IBICT às necessidades de informação da comunidade científica brasileira. O Instituto desenvolvia também atividades

[3] Informações retiradas do site oficial do IBICT, disponível em: < http://www.ibict.br> Acesso em: <16/09/2008>.

de ensino e pesquisa reconhecidas em nível nacional e internacional, tendo sido pioneiro na introdução no país de novas técnicas para o tratamento da informação, acompanhando tendências em nível internacional e contribuindo na formação de recursos humanos no país, na área de informação.

A transformação do IBBD em IBICT, a partir de 1976, teve como objetivo preencher uma lacuna do Sistema Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico quanto à necessidade de fornecimento de informações em Ciência e Tecnologia. A ênfase era desenvolver uma rede de informação no país envolvendo entidades atuantes em C&T, adotando-se, para tanto, um modelo de sistema de informação descentralizado.

Esse novo Instituto atuaria, assim, em âmbito nacional, na proposição e execução de políticas para o setor de informação científica e tecnológica, colaborando para o avanço da ciência e competitividade da tecnologia brasileira.

Hoje, a grande evolução das tecnologias da informação e comunicação provoca mudanças políticas e sociais, e os governos buscam se adequar às crescentes demandas da nova sociedade. Agora, o IBICT enfrenta os desafios de encontrar respostas inovadoras e tem como perspectiva facilitar o acesso de todos os cidadãos brasileiros à informações produzidas no país e no exterior.

O Instituto atualmente vem acompanhando e internalizando as novas tecnologias de informação e comunicação e estimulando o empreendedorismo e a inovação. Nesse contexto, com o auxílio dessas tecnologias, vem assumindo o papel de agregador e integrador das iniciativas de informação científica e tecnológica no país.

O IBICT, como centro nacional de pesquisa, de intercâmbio científico, de formação, treinamento e aperfeiçoamento de pessoal científico, tem por finalidade contribuir para o avanço da ciência, da tecnologia e da inovação tecnológica do País, por intermédio do desenvolvimento da comunicação e informação nessas áreas.

### 3.2.2 A Pós-Graduação em Ciência da Informação

O IBICT também foi o principal responsável pela introdução do ensino de Ciência da Informação em nível de pós-graduação no Brasil. Sua primeira investida nesse sentido foi o oferecimento, em 1956, dois anos após a fundação do Instituto, o Curso de Especialização

de Pesquisas Bibliográficas, para a área de ciências médicas e, em seguida, um outro para a área de extensão agrícola. Esse curso de especialização transformou-se no CDC - Curso de Documentação Científica, em nível de pós-graduação lato sensu, oferecido desde então por cerca de 35 anos praticamente sem interrupções e responsável pela formação de cerca de 600 especialistas. Christovão (1995) pontua que esse curso se interessava pela ação interdisciplinar atraindo alunos de outras áreas e buscava focar-se não mais nos documentos gráficos, mas na informação. Dessa maneira, teve projeção internacional uma vez que também contou com alunos de outros países da América Latina.

Mas seu principal avanço ocorreu a partir de 1970 com a criação do curso de Mestrado Stricto Sensu em Ciência da Informação que foi pioneiro na América Latina. Tratava-se de um convênio entre o IBBD (atual IBICT) com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Esse curso passou a funcionar como uma unidade da Escola de Comunicação da UFRJ (Eco/UFRJ).

De acordo com Ferreira (1995) o mestrado em Ciência da Informação passou por três fases distintas. A primeira delas se estendeu entre 1970 e 1983, focava os sistemas de armazenamento e recuperação da informação e mantinha uma estrutura curricular predominantemente instrumental, na qual a maioria das disciplinas eram obrigatórias para os alunos. Somente a partir de 1983 essa estrutura se tornou mais flexível, com menos disciplinas obrigatórias e possibilitando que cada estudante montasse seu programa de estudos juntamente com seu orientador de acordo com a sua necessidade e a do contexto informacional específico a que iria servir. Os focos das preocupações também mudaram. Agora já se focava a disponibilidade, o acesso e o uso da informação em diferentes contextos sociais. Nesta fase o curso adotou o discurso da interdisciplinaridade, que colocou em prática mais como uma atitude de pensamento do que como uma condição prática.

Essa tendência perdurou até 1992, quando o Doutorado em Ciência da Informação passou a fazer parte do Programa de Pós-Graduação como estrutura independente dentro do Programa da ECO/UFRJ.

Já o Doutorado em Ciência da Informação, conforme Barreto (1995) relata, teve sua primeira manifestação como uma linha de pesquisa específica aberta dentro do Doutorado em Comunicação da ECO/UFRJ em 1986. Foi essa primeira experiência que facilitou a criação, em 1992, do Doutorado em Ciência da Informação, também na UFRJ.

A criação do Doutorado modificou as expectativas do corpo docente e discente em

relação a todo o Programa de Pós-graduação e causou, depois de um ano de reavaliação do programa, uma nova reformulação na estrutura curricular do Mestrado que agora tornava-se mais flexível com menor número de créditos e menor em duração, reduzido a 30 meses.

Em novembro de 2000, a UFRJ cancelou o convênio, interrompendo assim as inscrições para o Programa. Somente em 2003 foi firmado novo convênio, dessa vez com a Universidade Federal Fluminense (UFF), e já no primeiro semestre de 2004 foi aberto novo processo seletivo para o Mestrado e o Doutorado.

Dessa maneira, o Programa de Pós-Graduação do IBICT funcionou de 1956 até 1981 nas dependências do IBICT com mandato acadêmico da UFRJ, e de 1982 a 2000 como parte da estrutura acadêmica da Escola de Comunicação da mesma UFRJ. Em novembro de 2000, com o fim do convênio com a UFRJ o Programa foi descontinuado e reaberto somente em 2003 em convênio com a UFF onde funcionou até outubro de 2008.

Atualmente a Capes traz uma relação de doze Programas e cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) que obtiveram nota igual ou superior a "3" na avaliação da entidade. Isso significa que tais cursos e programas atendem ao requisito básico estabelecido pela legislação vigente para serem reconhecidos pelo Ministério da Educação por meio do Conselho Nacional de Educação (CNE) e que em decorrência, expedirem diplomas de mestrado e/ou doutorado com validade nacional. Desses cursos, onze são de mestrado, seis de doutorado e um de mestrado profissional, como veremos a seguir.

**1) UFF -** ***Universidade Federal Fluminens.***
*Conceito 4.*

**2) UFPB/J.P. - Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa / PB**
Conceito 3.

**3) UFPE -** ***Universidade Federal de Pernambuco / PE***
Conceito 3

**4) UFRJ -** ***Universidade Federal do Rio de Janeiro / RJ***

Conceito 4

***5)*** **UFBA -** ***Universidade Federal da Bahia***
*Conceito 4.*

**6) UFMG -** ***Universidade Federal de Minas Gerais***
*Conceito 4*

**7) UFPB -** ***Universidade Federal da Paraíba***
*Conceito 3.*

**8) UFSC -** ***Universidade Federal de Santa Cantarina***
*Conceito 3*

**9) UNB -** ***Universidade de Brasília***
*Conceito 4*

**10) UNESP -** ***Universidade Estadual Paulista***
*Conceito 5*

**11) USP – ECA -** ***Universidade de São Paulo - Escola de Comunicação e Artes***
*Conceito 4*

***12)*** **UEL - Universidade Estadual de Londrina / PR**
*Mestrado Profissional*

Essas importantes instituições contribuem muito para o crescimento e desenvolvimento da Ciência da Informação no país, além de formar profissionais capacitados e críticos para o mercado de trabalho e torná-los aptos para futuramente exercerem a profissão de educadores e darem uma formação sólida ás turmas que ainda virão.

A Pós-Graduação é a grande responsável pelas pesquisas realizadas em Ciência da Informação hoje. É importante frisarmos, contudo, que para que essas pesquisas sejam

realizadas são necessários apoios e convênios entre as instituições de ensino e as agências de financiamento à pesquisa. É por isso que falaremos no próximo tópico sobre uma dessas importantes agências: o CNPq.

## 3.3 O CNPq[4]

Hoje, no Brasil, a principal agência de financiamento a pesquisa científica é o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), criado em 1951. Trata-se de uma agência do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) destinada ao fomento da pesquisa científica e tecnológica e à formação de recursos humanos para a pesquisa no país. Sua história está diretamente ligada ao desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil contemporâneo.

A estrutura funcional do CNPq compreende uma Diretoria Executiva, responsável pela gestão da instituição, e um Conselho Deliberativo, responsável pela política institucional. Além de participar desses órgãos, a comunidade científica e tecnológica do país participa também de sua gestão e política por meio de Comitês Temáticos e Comitês de Assessoramento.

A história do CNPq também está diretamente associada ao desenvolvimento e institucionalização da ciência e tecnologia no Brasil, e à sua trajetória se vinculam os mais expressivos cientistas e pesquisadores brasileiros. Sua missão foi sempre a de fomentar o desenvolvimento da Ciência e Tecnologia no Brasil, e para tal, desde 1951, vem se valendo de diversos instrumentos como bolsas de estudo e pesquisa, auxílios e programas.

### Estrutura administrativa

A maior instância de poder decisório do CNPq é o Conselho Deliberativo (CD). Ele é formado pelo presidente e vice-presidente da Instituição; pelos presidentes da Finep e da Capes; pelo Secretário Executivo do MCT e por representantes das comunidades de C&T, empresariais e dos servidores do CNPq. Dentre outras questões, esse conselho trata principalmente da aplicação de recursos, da definição do orçamento, bem como de ações concernentes às políticas da Instituição.

---

[4] As informações registradas aqui foram retiradas do site oficial do CNPq, disponível em: http://www.cnpq.br/ Acesso em :<17/09/2008>.

**Diretoria Executiva**

A Diretoria Executiva do CNPq é formada por um presidente, um vice-presidente e por três Diretores - todos nomeados pelo Presidente da República. Suas atribuições estão descritas no Estatuto.

**Comitês Temáticos**

***- Bioética (CT-BE)*** - Coordenação do Programa de Pesquisa em Saúde (COSAU).

***- Defesa (CT-DE)*** - Coordenação do Programa de Pesquisa em Biotecnologia e Recursos Genéticos (COBRG).

***- Desenvolvimento e Inovação Tecnológica em Biologia (CT-IB)*** - Coordenação do Programa de Pesquisa em Biotecnologia e Recursos Genéticos (COBRG).

***- Divulgação Científica (CT-DC)*** - Coordenação do Programa de Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (COCHS).

***- Comitê Especial de Ciências Ambientais (CE-CA)*** - Coordenação de Gestão em Ecossistemas (COGEC).

***- Comitê Multidisciplinar ad hoc*** - Análise de projetos submetidos em resposta ao Edital Universal 2008 que não se enquadrem nos comitês de assessoramento do CNPq.

**Comitês de Assessoramento**

Para a avaliação, análise e seleção dos pedidos de projetos de pesquisa e de formação de recursos humanos, o CNPq conta com o apoio de milhares de pesquisadores que constituem sua **Assessoria Científico-Tecnológica**. Esses pesquisadores, individualmente ou em grupos, têm atribuições específicas e atuam de acordo com suas especialidades. Entre esses comitês destacamos:

- O ***Corpo de Assessores*** – É constituído por mais de 300 pesquisadores, entre titulares e suplentes, selecionados de acordo com sua área de atuação e conhecimento. Eles são escolhidos periodicamente pelo Conselho Deliberativo (CD) com base em consulta feita à comunidade científico-tecnológica nacional e têm a atribuição, entre outras, de julgar as propostas de apoio à pesquisa e de formação de recursos humanos.

- A ***Comissão de Assessoramento Técnico-Científico (CATC)*** - Formada por 14 integrantes, distribuídos entre dois diretores técnicos do CNPq, três representantes da comunidade científica e tecnológica e nove coordenadores de comitês de assessoramento, a CATC é um órgão colegiado criado para auxiliar científica e tecnologicamente a Diretoria Executiva (DEX) e o Conselho Deliberativo (CD).
- Os ***Consultores Ad Hoc*** - São especialistas de alto nível, responsáveis por analisar o mérito científico e a viabilidade técnica dos projetos de pesquisa e das solicitações de bolsas enviadas ao CNPq. Em sua maioria, são bolsistas de Produtividade em Pesquisa que, para o desempenho dessa atividade, são escolhidos pela Diretoria Executiva.

**Bolsas**

O CNPq oferece várias modalidades de bolsas aos alunos do ensino médio, graduação, pós-graduação, recém-doutores e pesquisadores já experientes. As bolsas são divididas em duas categorias principais: bolsas individuais no país e no exterior, e bolsas por quota.

**Auxílios**

Outra forma de apoio oferecido pelo CNPq é o auxílio à pesquisa. Entre as várias modalidades de auxílio, há o subsídio a publicações científicas, o apoio à capacitação de pesquisadores por meio de intercâmbios científicos ou da promoção e o atendimento a reuniões e congressos científicos.

Para atender aos procedimentos legais e constitucionais e fazer o acompanhamento dos recursos financeiros, o CNPq esclarece que é obrigatória a Prestação de Contas dos auxílios e bolsas concedidas.

## 3.4 Políticas de Informação para a Ciência e Tecnologia no Brasil

Como podemos ver, o CNPq representa uma importante agência de fomento à pesquisa no Brasil, com um número expressivo de bolsas e auxílios concedidos a estudantes e pesquisadores que vem aumentando significativamente através dos anos.

A criação dessa entidade, bem como a de outras agências e planos governamentais de incentivo à pesquisa, desenvolvimento, tecnologia e informação no Brasil é de vital importância para o crescimento e desenvolvimento econômico, cultural e científico do país. Essas agências, no geral, têm suas ações direcionadas pelas políticas de informação, ciência e tecnologia, que, por sua vez, são definidas pelo Estado. Isso porque é o Estado que gerencia a informação científica e tecnológica, utilizando-se para isso, de ministérios e conselhos de pesquisa que direcionam tais políticas de acordo com seus interesses.

Essas políticas começaram a ser definidas pelo Estado a partir do momento em que este reconheceu a informação como mola propulsora para o desenvolvimento da nação. Desde a segunda metade da década de 40, mais precisamente ao final da Segunda Guerra Mundial o mundo começou a tomar consciência da importância e do valor estratégico da informação para o desenvolvimento dos países, e o início da Guerra Fria só fez aumentar essa disputa silenciosa pelo poder. Quando a primeira bomba atômica foi lançada sobre o Japão, estava definitivamente decidido que todas as atenções deveriam ser voltadas à ciência e a informação como fator determinante para viabilizar o desenvolvimento das tecnologias, especialmente nos campos bélico e nuclear, aumentando assim o poderio militar e a expansão política dos países.

Breglia e Rodrigues (1998, p.103) afirmam que:

> Um dos marcos históricos da informação/conhecimento é balizado pela Revolução Industrial, onde o conhecimento passa a ser sinônimo de mudança. A partir daí, a informação vem desempenhando papel importante nas sociedades e está intrinsicamente ligada ao desenvolvimento cientifico e tecnológico, atuando como insumo e produto na geração e organização do conhecimento.

A informação tornou-se recurso propulsor fundamental do desenvolvimento em todos os setores da sociedade, conforme Ferreira (2003, p. 36 ):

* *No âmbito do mercado* – Visando a geração de vantagem competitiva sobre a concorrência, descoberta de novos nichos de consumidores, pesquisa e desenvolvimento de novos produtos e serviços, bem como o monitoramento do ambiente externo, a fim de identificar ameaças e/ou novas oportunidades de negócios para as empresas que o compõem.

* *No campo do Estado* - Tem por finalidade a manutenção de sua soberania; manter a ordem por intermédio de suas instituições legislativas, executivas e judiciárias; além

de fazer uso dela para a análise da realidade social e subseqüente elaboração, aplicação e controle de políticas públicas.

* *Para a sociedade civil* – Tem como propósito desenvolver o potencial criativo e intelectual dos indivíduos, entreter, dar sentidos ás ações dos homens no cotidiano, tornar públicas as proposições políticas e decisões que têm reflexos diretos na qualidade de vida da população, além de permitir o exercício da cidadania, o que só é possível se os cidadãos tiverem o pleno conhecimento de seus direitos e deveres enquanto membros da nação.

Completamos que para a sociedade civil, a relevância da informação é realmente fundamental, uma vez que, como nos falam Breglia e Gusmão (1986, apud, BREGLIA E RODRIGUES, 1998, p.103)

> Nas sociedades contemporâneas [...], tem-se como certo a ligação da informação como progresso social, sua condição de bem comum, sua atuação como fator de integração, democratização, igualdade e sua vinculação com os direitos humanos, cidadania, libertação e dignidade pessoal.

No Brasil, temos um longo trajeto percorrido pelas políticas de informação que diferem de acordo com cada governo. Baseado nessa premissa, Martins (2004) realiza minucioso relato dos últimos 50 anos de sistema governamental do país e sua influência determinante nas políticas públicas de Ciência, Tecnologia e Informação, bem como sua influência nos caminhos percorridos pela própria Ciência da Informação. Com base nesse autor destacaremos a seguir algumas das principais políticas de informação definidas pelo governo e em prol da ciência e tecnologia ao longo da história política brasileira.

Segundo Martins, ao final da Segunda Guerra Mundial o Brasil vivenciava o fim do governo Vargas e a entrada de Eurico Dutra. Com o reconhecimento da importância da informação e da ciência um grupo de pesquisadores cria, em 1948, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), como forma de afirmação do pensamento científico e luta pelo progresso da ciência. Em 1951 é criado o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) já visionado desde 1946, com o objetivo de "promover o desenvolvimento da investigação científica e tecnológica em todos os domínios do conhecimento" (art. 1º da Lei 1310 de 15/11/1951). A partir desse ano, o próprio CNPq passou a formular as políticas de ciência e tecnologia no país.

O período de 1951 a 1955 foi marcado pelo retorno de Vargas à presidência e

também por muitos acontecimentos no país. Chegou-se a conclusão de que para alcançar os objetivos do atual governo de tornar o país auto suficiente em produtos básicos e para fazer políticas de desenvolvimento científico era necessário tratar a informação a partir de seu conteúdo e não mais apenas dos dados da publicação. Dessa maneira e em acordo com a forte influência européia predominante no país, criou-se em 1954 o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), que nos anos seguintes ofereceu vários cursos de formação para diversos profissionais e abriu espaço para discussões e reflexões sobre os caminhos da informação no país.

Outra importante criação foi o programa Unisist (Sistema Mundial de Informação Científica e Tecnológica) pela Organização das Nações Unidas pela Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que criou e incentivou não apenas este, mas muitos outros centros nacionais de documentação para apoiar as instituições científicas, técnicas e industriais.

O período de 1956 a 1960, do governo de Juscelino Kubitschek, foi marcado segundo Martins pela influência do capital e da ideologia norte-americana sobre a política brasileira. Foi nesse período que os Estados Unidos implantaram seu sistema de informação científica para conhecer o estado-da-arte da pesquisa no país, possibilitando, mais tarde, o estabelecimento de políticas nacionais para os programas espacial e militar. Foram também esses acontecimentos que começam a influenciar a criação da própria Ciência da Informação naquele país.

Na década de 60, vivenciando um período conturbado de grande instabilidade política após a renúncia de Jânio Quadros e de João Goulart após o Golpe de Estado em 64, não houve condições políticas para a criação de políticas de informação sólidas. Mesmo assim, as discussões acadêmicas sobre informação continuaram e em 1963 aconteceu o 4º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBD), com o tema "A Biblioteca como fator de progresso". As principais discussões nesse congresso giravam em torno da informação científica, empresarial e industrial.

A partir de 1964 viveu-se mais de 20 anos sob os governos militares, passando pela presidência cinco governos diferentes. Resumidamente, destacam-se as seguintes ações nos governos de cada um:

* *Castello Branco (1964-1967)* – Nessa fase marcada por fortes perseguições políticas, o governo criou na área econômica o Plano de Ação Econômica do Governo (Paeg) e ficou conhecido pela alta dependência econômica dos Estados Unidos. Nesse período há

também a "reorganização" do IBBD para torná-lo mais "moderno, dinâmico, com documentação mais agressiva, e para reformular os programas de ensino e expandir o preparo de bibliotecários e documentalistas".

* *Costa e Silva (1967-1969)* – Formulou o Programa Estratégico de Crescimento (PEG) para uma política técnico científica de crescimento industrial, realizou a Reforma Universitária aumentando a oferta de cursos e especialidades tecnológicas e desconcentrando os estudantes nas unidades de ensino para diminuir as manifestações contra o governo. Em 1968 o IBBD realizou o Seminário de Informática, marcando o início da Ciência da Informação no Brasil.

* *Médici (1969-1974)* – Teve início em 1970 o primeiro mestrado em Ciência da Informação no Brasil, com a atuação de vários professores dos Estados Unidos e Inglaterra. Este governo criou os Planos PND – I Plano Nacional de Desenvolvimento e PBDCT – I Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, com o intuito de estabelecer uma rede nacional de intercambio no campo da documentação vinculado ao CNPq, que não chegou a ser implantada.

* *Geisel (1974-1978)* – Entre os vários acontecimentos desse governo como a criação do II PBDCT que incluía o apoio à informação científica e tecnológica, destacam-se a substituição em 1976 do IBBD pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) "[...] como órgão de fomento e coordenação com a missão de promover a efetivação do Sistema Nacional de Informação em Ciência e Tecnologia" (PINHEIRO, 1997 apud MARTINS, 2004, p.6).

* *Figueiredo (1980-1985)* – Durante esse governo foi editado o III PBDCT que atribuiu ao IBICT o papel de "Órgão central com condições institucionais e materiais para desempenhar funções de coordenação descentralizada das atividades de informação em ciência e tecnologia no país". Entre as ações programadas do IBICT estavam muitos programas e participação em muitos sistemas como: Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU), Rede Antares (Acesso descentralizado as bases de dados), Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CCN), Programa de Comutação Bibliográfica (COMUT), a produção de bancos de dados para Rede Nacional de Pesquisa (RNP), entre outros.

De 1985 a 1989 teve fim a ditadura militar e ascendeu ao poder o governo Sarney criando o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). A partir de 1990, com o governo Collor,

apesar da crise da indústria Nacional acontece a disseminação dos microcomputadores nas instituições e residências, além do amplo acesso a bases de dados e à internet, causando o advento da comunicação e da informação. Depois de 1995, essa tendência continua com o governo de Fernando Henrique Cardoso e os discursos agora são ligados a termos como cultura, pós modernidade, comunicação em massa, globalização, era da informação, sociedade da informação e do conhecimento, entre outros.

O que quisemos mostrar, de maneira resumida, por meio da abordagem histórica feita por Martins (2004), foi que políticas de informação, ações e programas para o desenvolvimento da ciência e tecnologia são criadas pelos governos brasileiros há mais de 50 anos, tendo começado formalmente com a criação, em 1951, do CNPq. Essa foi uma forma de resposta ao reconhecimento de que a informação, assim como a ciência e a tecnologia são as estruturas básicas para o desenvolvimento econômico do país.

Todas essas ações, especialmente as dos governos Vargas, com a criação do CNPq e da Capes, o PED no governo Costa e Silva, os I e II PBDCT e o MCT de Sarney são exemplos de políticas e programas que muito contribuíram para o crescimento e fortalecimento não só das políticas informacionais como da própria Ciência da Informação no Brasil, e continuam atuantes até hoje.

Valentim (2002), por sua vez, faz um levantamento sobre as condições das políticas governamentais em Ciência e Tecnologia (C&T) no Brasil na atualidade e afirma que as iniciativas governamentais deveriam ser mais agressivas no que diz respeito à informação. Segundo ela, um dos maiores problemas para o desenvolvimento científico e tecnológico no Brasil é a falta de investimento em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) pelo setor privado:

> No Brasil, sistematicamente o índice percentual aplicado em P&D pela indústria brasileira é menor do que o índice percentual aplicado pelo governo. Atualmente as indústrias investem em torno de 37,6%, enquanto o investimento governamental é de 62,5%. Existe a necessidade de o setor privado investir de maneira mais agressiva em ciência e tecnologia, assim como em P&D industrial (VALENTIM, 2002, p.2).

Para a autora, são necessárias ações governamentais de incentivo a esses empresários brasileiros para estimulá-los no desenvolvimento tecnológico, pois, apesar de todas as ações e programas criados ao longo dos anos para estimular os avanços científicos e tecnológicos, os investimentos ainda são historicamente baixos, em torno de 0,7% do PIB.

De acordo com Valentim (2002), atualmente quase todos os programas e políticas

de financiamento em C&T disponíveis no Brasil são administrados por instituições vinculadas ao MCT e ao MEC, com destaque para o FINEP, o CNPq e a Capes, que subsidiam programas como:

* PADCT – Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico, visa "ampliar, melhorar e consolidar a competência tecno-científica nacional no âmbito das universidades, centros de pesquisa e empresas, mediante financiamento de projetos integrados".

* RHAE – Programa de Capacitação de Recursos Humanos para o Desenvolvimento Tecnológico, pretende o aperfeiçoamento de recursos humanos, em todos os níveis, nas áreas consideradas prioritárias em termos do desenvolvimento tecnológico e industrial.

* FNDCT – Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, principal fundo de financiamento à infra-estrutura da ciência e tecnologia brasileira.

Esses são apenas alguns dos programas de financiamento à ciência e à tecnologia desenvolvidos no Brasil, embora ainda representem um pequena parcela do investimento total necessário para equiparar o país aos países desenvolvidos. Finalizamos dessa maneira, lembrando a importância dessas e de outras políticas de informação nacional para o desenvolvimento social, econômico e industrial do país utilizando-nos, mais uma vez, das palavras de Valentim (2002, p.100) quando afirma que:

> A importância do estabelecimento de uma política de informação nacional é inquestionável. Evidentemente, o Brasil possui várias ações e programas governamentais que contribuem para a consolidação de uma política nacional voltada para à informação. Entretanto, é fundamental uma política que privilegie a produção de bases de dados (conteúdos informacionais), primeiramente porque no Brasil as informações ainda estão dispersas ou em núcleos de excelência e estão disponíveis de forma restrita a alguns segmentos produtivos da sociedade. Em segundo lugar porque a globalização exige uma comercialização de duas vias, isto é, se as informações não estão consolidadas, como será a troca? Ou qual será o poder de troca de informação no país? O Brasil será um eterno consumidor de informações estrangeiras?
> Criar uma estrutura nacional que priorize a informação para C&T, por meio de subsídios à industria da informação, do fomento aos produtores de base de dados e do apoio à comercialização/acesso a estas bases de dados pela sociedade, deve ser prioridade da política de informação nacional.

Dessa maneira, "a situação que se apresenta não deixa dúvidas quanto a importância da informação hoje, quer nas ditas sociedades pós-industriais, quer nas

sociedades terceiro-mundistas [...]. Daí a pertinência do estabelecimento, não de prioridades sociais, mas também de inter-relação dessas prioridades" (BREGLIA E RODRIGUES, 1998, p.104)

Acrescentamos ainda que o Estado deve tomar a posição de incentivador dessas políticas e que estas devem representar maneiras de inclusão do cidadão no contexto informacional na nova "sociedade da informação". Como um exemplo de proposta a ser seguida, citamos a própria ANCIB, uma associação sem fins lucrativos que visa incentivar o ensino de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil projetando-se no país e fora dele. A ANCIB é um exemplo a ser seguido por outros campos científicos e incentivado pelo Estado como uma importante associação de divulgação e inclusão científica da qual também falaremos em nosso próximo capítulo.

# 4 UNIVERSO DA PESQUISA

## 4.1 A ANCIB e o ENANCIB

De acordo com o site oficial da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), disponível no endereço eletrônico < http://www.ancib.org.br/>, a ANCIB trata-se de uma sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em junho de 1989 através de alguns Cursos e Programas de Pós-Graduação da área. A associação trabalha com sócios institucionais (os Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação) e com sócios individuais (professores, pesquisadores, estudantes de pós-graduação e profissionais egressos dos programas).

A finalidade da ANCIB é acompanhar e estimular as atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. Desde sua criação, tem se projetado, no país e fora dele, como uma instância de representação científica e política importante para o debate das questões pertinentes à área de informação.

As atividades da ANCIB são estruturadas através dos Programas de Pós-Graduação stricto sensu, representados pelos seus coordenadores, e através da realização do ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – forum de debates e reflexões que reúne pesquisadores interessados em temas especializados da Ciência da Informação. Esse encontro visa agregar pesquisadores e programas de pós-graduação brasileiros e promover um foro privilegiado para o debate da pesquisa conduzida pela Ciência da Informação.

A primeira edição do ENANCIB foi realizada em 1994 em Belo Horizonte (MG) organizada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG, foram publicados em seus anais 23 resumos de trabalhos apresentados. Sua segunda edição aconteceu em 1995 na cidade de Valinhos organizada pelo Departamento de Biblioteconomia e Ciência da Informação da PUCCAMP, sendo apresentados agora 56 trabalhos. O III ENANCIB aconteceu em 1997 no Rio de Janeiro organizada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação IBICT/UFRJ e com um significativo aumento no número de apresentações de trabalhos que contou com 135 resumos apresentados. Em todas as edições esses trabalhos foram divididos em grupos de trabalho (GT), mas foi só a partir do IV ENANCIB ocorrido em Brasília no ano 2000 organizado pelo Programa de Pós-Graduação

em Ciência da Informação da UNB que criou-se a temática "Epistemologia da Ciência da Informação" no GT8, tal encontro contou dessa vez com 250 trabalhos apresentados, sendo 13 direcionados ao GT8. Depois desse encontro a temática manteve-se nas 4 edições seguintes.

Em Belo Horizonte, no ano de 2003, o quinto encontro organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG contou com a apresentação de 139 trabalhos, sendo 14 deles pesquisas em Epistemologia da CI. Em 2005, o VI ENANCIB aconteceu em Florianópolis, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFSC, contando com 125 trabalhos expostos; o GT8 agora se torna GT1, denomina-se "Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação" e tem 16 apresentações. Os VII e VIII Enancibs mantiveram o GT1, sendo que o VII ocorreu em 2006 em Marília (SP) promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP, apresentando um total de 110 trabalhos e 14 no GT1 e o VIII aconteceu no ano seguinte, em 2007, em Salvador (BA) organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFBA, tendo contado com a apresentação de cerca de 190 trabalhos, 20 deles apresentados no GT1.

Assim foram realizados um total de 8 encontros, mantendo-se a organização de apresentação de trabalhos distribuídos em grupos de trabalho (GT), sendo cada um responsável por um tema de pesquisa. Atualmente os grupos são os seguintes:

GT1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação.
GT2 – Organização e Representação do Conhecimento.
GT3 – Mediação, Circulação e Uso da Informação.
GT4 – Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações.
GT 5 – Política e Economia da Informação.
GT6 – Informação, Educação e Trabalho.
GT7 – Produção e Comunicação da Informação em CT&I.
GT8 – Informação e Tecnologia.
GT9 – Museu, Patrimônio e Informação.

Assim, pretende-se nesta investigação analisar especificamente um desses Grupos de Trabalho, o que trata do tema "Estudos históricos e epistemológicos da Informação" (GT1), através da análise da ementa desse grupo e das palavras-chaves de cada uma das

pesquisas apresentadas. Nossa intenção é verificar em que medida as pesquisas apresentadas nesse grupo vão ao encontro dos pressupostos enunciados pela ementa, tratando de identificar os temas de pesquisas que vêm sendo realizadas nos últimos oito anos nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil para assim, podermos evidenciar as preocupações epistemológicas dos pesquisadores da área.

## 4.2 População Estudada - O GT1 do ENANCIB.

Como já vimos, o tema "Epistemologia da Ciência da Informação" foi criado na 4º edição do ENANCIB realizado no ano 2000 como GT8. Em 2005, esse tema migra para a primeira posição nos grupos (GT1) e passa a se chamar "Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação" e, desde então, fez parte das cinco edições posteriores, tendo sido elas realizadas respectivamente:

| **Edição** | **Ano** | **Cidade** |
|---|---|---|
| IV ENANCIB | 2000 | Brasília |
| V ENANCIB | 2003 | Belo Horizonte (MG) |
| VI ENANCIB | 2005 | Florianópolis (SC) |
| VII ENANCIB | 2006 | Marília (SP) |
| VIII ENANCIB | 2007 | Salvador (BA) |
| IX ENANCIB | 2008 | São Paulo (SP) |

O GT1 tem como ementa discutir pesquisas que tratem dos paradigmas da Ciência da Informação, constituição do seu campo científico e questões epistemológicas subjacentes. Inclui discussões sobre disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade da área, bem como a construção do conhecimento em CI do ponto de vista histórico. Atualmente, a responsável por coordenar esse tema é a Prof. Dra. Lena Vânia Ribeiro Pinheiro (IBICT).

É importante mencionarmos também que na IX edição do ENANCIB, em 2008, foi lançado o primeiro número da Revista da ANCIB. De acordo com a divulgação no próprio site da ANCIB, essa é uma revista publicada anualmente pela ANCIB, avaliada pelos pares da área de Ciência da Informação, alcançando professores, pesquisadores e alunos de pós-graduação da área de Ciência da Informação.

O vol. 1, nº 1 (2008): "Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação" trouxe um artigo da Profª Drª Isa Maria Freira intitulado "Um olhar sobre a produção científica brasileira na temática epistemologia da ciência da informação". Esse artigo apresenta resultados de pesquisa sobre a produção científica brasileira nessa temática entre os anos de 2005 e 2008 apresentados tanto no GT1 do ENANCIB quanto nos artigos publicados em periódicos científicos brasileiros disponíveis na Internet. Além de comentar o desenvolvimento do campo da Ciência da Informação no Brasil e sugerir a realização de "pesquisas sobre as redes de relações entre pesquisadores da temática abordada e o papel dos programas de pós-graduação no desenvolvimento da área" o que julgamos, assim como a pesquisadora, de extrema importância para a área.

Lembramos, também, que a apresentação de trabalhos nessa temática tem mantido seu nível de relevância entre seus pesquisadores, além de manter também uma média padrão na quantidade de pesquisas apresentadas uma vez que o número de trabalhos estipulado para apresentação em cada GT é 12. Não podendo superar muito essa quantidade, o números de trabalhos apresentados até agora foi respectivamente:

| **Ano** | **Número de pesquisas** |
|---|---|
| 2000 | 13 |
| 2003 | 14 |
| 2005 | 16 |
| 2006 | 14 |
| 2007 | 20 |
| 2008 | 21 |

Foram, portanto, um total de 98 pesquisas apresentadas no grupo temático "Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação" no decorrer de seis edições do ENANCIB, e serão as palavras-chaves dessas 98 pesquisas que comporão o corpus de nossa investigação.

**4.3 Córpus da pesquisa.**

| TITULO | PALAVRAS-CHAVES |
|---|---|
| Um olhar da consciência possível sobre o campo científico | Teoria da Ciência da Informação, Sociologia da informação, história da ciência da informação, comunicação científica, responsabilidade social. |
| A determinação do campo cientifico da Ciência da Informação: Uma abordagem terminológica | Não apresentou palavras-chaves |
| Epistemologia da Ciência da Informação revisitada | Não apresentou palavras-chaves |
| A teia dos sentidos: o discurso da ciência da Informação sobre a atual condição da informação. | Ciência da Informação – Discurso, informação na contemporaneidade, análise do discurso. |
| Informação: conceitos e terminologia na área de Ciência da Informação | Informação, conceito de informação, ciência da informação, informação e ciência da informação. |
| A ciência da Informação discutida à luz da perspectiva cognitiva: resultados de pesquisas e perspectivas | cognição, ciência da informação, ciências cognitivas. |
| Equação do impacto informacional: uma proposta paradigmática | Informação - Impacto Social; Equação do Impacto Informacional; Informação e Sociedade. |
| O paradigma holográfico e a utopia de Vannevar Bush. | Paradigma; Holografia; Ciência da Informação; Tecnologia da Informação; Hipertexto; Complexidade; Interatividade; Virtual; Totalidade |
| Para uma cartografia das representações de livros e leituras | Transmissão Cultural, Transmissão de Informação, Idade Média, Iconografia da leitura. |
| Os vínculos e os conhecimentos: pensando o sujeito da pesquisa trans-disciplinar | Não apresentou palavras-chaves |
| Transdisciplinaridade na Ciência da Informação. | Não apresentou palavras-chaves |
| Uma reflexão filosófica sobre o conceito de forma e sua relação com a organização do conhecimento no ciberespaço | Organização do conhecimento; Ciberespaço; Forma; Rizoma; Virtual |
| Quem é o sujeito da pesquisa inter e transdisciplinar: buscando desenvolver um modelo de analise | Não apresentou palavras-chaves |
| Metáfora: identidade a serviço da recuperação da informação | metáfora; representação; identidade; recuperação da informação |

**Quadro 1 - V ENANCIB – Títulos e Palavras-Chaves**

| TITULO | PALAVRAS-CHAVES |
|---|---|
| O Campo da Ciência da Informação: Sua definição no discurso coletivo dos pesquisadores brasileiros em Ciência da Informação | Representações sociais; ciência da informação; campo científico; pesquisadores – ciência da informação |
| Para além dos discursos: Imagens de Inclusão social/racial da sociedade do conhecimento | Inclusão social/racial, informação para educação; afrodescendentes |
| O movimento da memória: Um desafio metodológico ao campo informacional | Memória social; memória institucional; representação da informação |
| A Ciência da Informação e a crítica ao Modelo Científico: uma revisão histórica. | Epistemologia; ciência da informação; história das idéias; teoria do conhecimento; classificação |
| Por uma ciência formativa e indiciária: Proposta epistemológica para a Ciência da Informação | Epistemologia-ciência da informação; paradigma indiciário-ciência da informação; ciência formativa-ciência da informação |
| Contributo para entender a Ciência da Informação | Informação; ciência da Informação; história; ação de informação |
| V ENANCIB: Análise dos caminhos de pesquisas. | Metodologia; abordagem metodológica; métodos quantitativos; métodos qualitativos; técnicas de coleta de dados |
| Aproximações teóricas em Ciência da Informação. | Cência da informação; filosofia da linguagem; recuperação da informação; linguagem natural; Wittgenstein |
| Mediações nos estudos de informação e comunicação. | Teorias da recepção; abordagem histórico-cultural; análise de domínio |
| Lydia de Queiroz Sambaquy e a Ciência da Informação no Brasil. | Informação científica; biblioteconomia; documentação |
| Análisis semiótica de la información a través del lenguaje visual. | Semiótica; imagen; información y comunicación |
| Evolução e tendências da Ciência da Informação, no exterior e no Brasil: quadro comparativo a partir de pesquisas históricas e empíricas. | Ciência da informação no Brasil; história da ciência da informação no Brasil; epistemologia da ciência da informação; disciplinas de ciência da informação no Brasil; ciência da informação no exterior |
| Faces da pesquisa e da interdisciplinaridade em Ciência da Informação no Brasil. | Ciência da informação; epistemologia; conceitos; pesquisa; interdisciplinaridade |
| Questões sobre o locus acadêmico-institucional da arquivologia na Ciência da Informação. | Arquivologia; universidades; ciência da informação. |
| Informação, Memória e História: a instituição de um sistema de informação na corte do Rio de Janeiro. | Informação e memória; sistema de informação; imagens da clausura; espaço prisional |

| | |
|---|---|
| As metáforas da identidade nas redes do conhecimento em tempo de comunicação globalizada. | Grupos de pesquisa; grupos interdisciplinares; tecnologias de informação |

**Quadro 2 - VI ENANCIB - Títulos e Palavras-Chaves**

| **TITULO** | **PALAVRAS-CHAVES** |
|---|---|
| Leitura e Cognição: Possíveis entrelaçamentos. | Leitura e cognição; Introjeção de conhecimentos; Informação e sociedade |
| A abordagem sócio-cultural da informação. | prática informacional, comunidades discursivas, análise de domínio |
| Fronteiras institucionais e de identidade entre a Arquivística e a Ciência da Informação | Arquivística, Ciência da Informação, vínculos institucionais, identidade, interdisciplinaridade. |
| Interfaces entre os campos da Comunicação e da Informação. | Ciência da Informação. Comunicação. Pós-Graduação - estudos. Interfaces |
| A equação fundamental da Ciência da Informação e a importância de Brookes enquanto referência para o campo da Ciência da Informação. | Ciência da Informação - Informação – Conhecimento - Equação Fundamental da Ciência da Informação – Paradigma cognitivo |
| Movimentos interdisciplinares e rede conceitual na Ciência da Informação. | Epistemologia da Ciência da Informação, interdisciplinaridade, conceitos e metáforas de interdisciplinaridade, sistema, redes |
| Um 'olhar' construtivista do processo de busca e uso de informação aquisição de competência em informação. | Competência em Informação, Construtivismo, Ensino Superior, Piaget, *Information Literacy* |
| Linguagens e cenários de referências para formação de competências em novos contextos de aprendizagem. | Formação de competências. Profissionais que pensam-conhecem-agem sobre a informação |
| A relação conceitual entre conhecimento e documento no contexto da Organização do Conhecimento: elementos para uma reflexão. | Conhecimento; Documento; Informação; Organização do Conhecimento; Ciência da Informação. |
| Da ordem do livro à ordem da internet. | Informação, Teoria da Informação, Sistemas Complexos, Ordem do Livro, Ordem da Internet. |
| Práticas, inscrições e redes sociais: contribuições da teoria social para a reflexão sobre a identidade da Ciência da Informação. | Informação – Conhecimento – Ciência – Sociedade – Redes Sociais |
| As metáforas na interdisciplinaridade: uma proposta possível? | interdisciplinaridade; informação; discurso; identidade; metáfora. |
| Ciência da Informação, Pragmatismo e Virtualidade. | Ciência da informação. Pragmatismo. Internet. Busca informacional. |

| | |
|---|---|
| | *Information seeking*. |
| Infra-estrutura de informação: Classificações e padronizações como fatores de convergência em gestão de ciência e tecnologia. | Infra-estrutura de Informação; Indicador de Ciência e Tecnologia; Organização do Conhecimento; Gestão da Informação; Inversão de Infra-estrutura |

**Quadro 3 - VII ENANCIB - Títulos e Palavras-Chaves**

| **TITULO** | **PALAVRAS-CHAVES** |
|---|---|
| Interfaces da informação: *Tendências temáticas da Pós-Graduação* | Ciência da Informação. Pós-Graduação. Linha de Pesquisa. Análise Temática. Interface. |
| Gestão do conhecimento: A realização da proposta de Brookes para a Ciência da Informação? | Epistemologia em Ciência da Informação. Gestão do Conhecimento. Filosofia da Mente. Karl Popper. Bertram Brookes. |
| Capital informacional e construção do poder simbólico: Uma proposta epistemológica a partir de Pierre Bourdieu. | Ciência da Informação – Pierre Bourdieu. Informação, Comunicação e dominação simbólica. |
| Ciência da Informação e Gestão do Conhecimento: convergência a partir da sociedade da informação. | Epistemologia da Informação. Evolução da Gestão do Conhecimento. Sociedade da Informação. |
| Ciência da Informação e a ação comunicativa no cenário web. | Filosofia da Linguagem. Pragmatismo. J. Habermas. Web. |
| Paradigmas e modelos em Ciência da Informação | Ciência da Informação. Epistemologia. Paradigmas e modelos |
| Análise do discurso na divulgação científica: Uma reflexão na Ciência da Informação. | Divulgação da ciência; discurso; práticas discursivo-epistemológicas |
| Diversidade na visão dos docentes da Ciência da Informação sobre sua área. | Pesquisa em Ciência da Informação. Campo científico da Ciência da Informação. Estudos em Ciência da Informação. Epistemologia da Ciência da Informação. |
| Ciberespaço, Memória e Esquecimento. | Memória. Esquecimento. Ciência da Informação. Tecnologias da Informação e Comunicação. |
| A constituição do campo científico da arquivística e suas relações com a Ciência da Informação. | Arquivística. Ciência da Informação. Vínculos institucionais. Formação docente. Produção científica. |
| A análise do discurso e o campo informacional: Usos atuais e alcance epistemológico. | Ciência da Informação. Metodologia. Epistemologia. Análise do Discurso. Discurso. |
| Epistemologia Genética e Ciência da Informação: Consonâncias estruturantes | Epistemologia genética. Construtivismo. Ciência da Informação. Conhecimento. Informação. |
| Ciência da Informação e Filosofia: Reflexões. | Filosofia. ciência. tecnologia. ciência da informação. filosofia contemporânea |

| | |
|---|---|
| Contribuição dos estudos históricos para o mapeamento da introdução da informação científica no Brasil. | Conhecimento cientifico. Ciência – historia. Livros científicos |
| O conceito de informação e de conhecimento no contexto empresarial: do cognitivismo ao paradigma sócio-cognitivo. | Informação. Conhecimento. Ciência Cognitiva. Cognitivismo. Paradigma sócio-cognitivo. |
| A Ciência da Informação como rede de atores: Reflexões a partir de Bruno Latour | Estudos da ciência. Teoria ator-rede. Bruno Latour. Ciência da Informação em ação. |
| Novas configurações do conhecimento e validade da informação. | Conhecimento em rede. Autoridade epistêmica. Precisão. Credibilidade. Validade da informação. |
| A documentação como origem e base fértil para a fundamentação da ciência da informação. | História da Documentação. História da Ciência da Informação. |
| Epistemologia da Ciência da Informação: a presença do paradigma social de Capurro na literatura. | Ciência da Informação. Epistemologia. Paradigmas. Paradigma social. Rafael Capurro. |
| Cenário da Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil, influências e tendências. | Ciência da Informação no Brasil. Pós-graduação em Ciência da Informação. Programas e cursos de pós-graduação. Formação de cientistas da informação. Institucionalização da Ciência da Informação. |

**Quadro 4 - VIII ENANCIB - Títulos e Palavras-Chaves**

| **TITULO** | **PALAVRAS-CHAVES** |
|---|---|
| Entre o silêncio e o alarido: Wittgenstein na Ciência da Informação**.** | Epistemologia. Ciência da Informação. Wittgenstein. Pragmatismo. Fisicalismo. |
| Tematizando o objeto da Ciência da Informação: uma arqueologia da escrita**.** | Epistemologia da Ciência da Informação. Cultura escrita. Arqueologia da Escrita. Memória.Documento. |
| Geração de conhecimento teórico em Ciência da Informação no Brasil: questões e paradigmas nas abordagens da elite. | Ciência da Informação. Epistemologia da Ciência da Informação. Paradigmas. Produção científica. Abordagem teórica. |
| Dimensões teórico-metodológicas da Ciência da Informação: dos desafios à consolidação epistemológica. | Consolidação da Ciência da Informação. Desafios da Ciência da Informação. Epistemologia da Ciência da Informação. |
| Imago e vivência: uma reflexão filosófica sobre o essencialismo e o pragmatismo na Ciência da Informação. | Essencialismo. Pragmatismo. Filosofia. Epistemologia. Ciência da Informação. |
| Inteligência informacional: revisitando a informação na história. | Informação. Epistemologia histórica. Inteligência informacional. História. |
| Documento e informação, conceitos necessariamente relacionados no âmbito da | Documento. Informação. Informatividade. |

| | |
|---|---|
| Ciência da Informação**.** | |
| Ciência da Informação: desafios atuais para a consolidação do campo. | Articulação Ensino de Graduação. Pós-graduação e Pesquisa em Ciência da Informação. Desafios atuais. |
| As concepções da memória na Ciência da Informação no Brasil. | Memória. Memória Social. Ciência da Informação. Arquivística. |
| Do campo informacional e seu capital simbólico: reflexões a partir do Estado-nação. | Estado-nação. Campo Informacional. Capital Informacional. |
| Epistemologia da Ciência da Informação: um estudo das comunicações do GT 1 do ENANCIB**.** | Ciência da Informação. Epistemologia. ENANCIB. Pós-graduação. |
| Museus, informação e cultura material: o desafio da interdisciplinaridade. | museu, informação, interdisciplinaridade, cultura material. |
| As relações interdisciplinares e a Ciência da Informação. | Ciência da informação. Interdisciplinaridade. Transdisciplinaridade. |
| Ciência da Informação e Museologia em tempo de conhecimento fronteiriço: aplicação ou interdisciplinaridade? | Ciência da Informação. Museologia e Interdisciplinaridade. Ciência da Informação. Museus e Interdisciplinaridade. |
| Ciência da Informação e Museologia: diálogos e interfaces possíveis. | Ciência da Informação. Museologia. Interdisciplinaridade. |
| A representação da divulgação científica no início do século XIX: reflexos do paradigma científico. | Divulgação científica. Representação da Ciência. Informação Científica. Discurso Científico. Memória discursiva. |
| Construindo a informação não-científica sobre ciência. | Informação Científica. Informação não-científica. Ficção-científica. |
| Os estudos de gênero na Ciência da Informação. | Ciência da Informação. Estado da arte. Publicações científicas. Mulher. Gênero feminino. |
| Reflexões sobre fundamentos da Arquitetura da Informação. | Arquitetura da informação. Fundamentos da ciência da informação. |
| Tendências temáticas das disciplinas da pós-graduação em Ciência da Informação. | Ciência da Informação. Pós-Graduação. Disciplinas. Análise Temática. |

**Quadro 5 - IX ENANCIB - Títulos e Palavras-Chaves**

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De maneira geral, a pesquisa consistiu em analisar as pesquisas apresentadas no GT1 (GT8 até 2003) do ENANCIB nas últimas seis edições realizadas. Pretendemos, por meio das palavras-chaves dos artigos, refletir sobre os temas de pesquisas realizadas nos últimos oito anos nos Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil e apresentados no GT1 do ENANCIB. É nosso objetivo, também, analisar a ementa do GT1 verificando em que medida as pesquisas apresentadas nesse grupo vão de encontro aos pressupostos anunciados Por ela.

Para isso, buscamos, num primeiro momento, na literatura da área, base teórico/conceitual sobre a Ciência da Informação visando refletir sobre suas características, aspectos históricos e mudanças de paradigmas vivenciadas pela área nas últimas décadas, tanto com relação ao seu surgimento e desenvolvimento no Brasil como em todo o mundo, especialmente nos Estados Unidos onde, acredita-se, ela teria sido criada. Enfatizamos o surgimento da Bibliografia, Documentação e Ciência da informação em um período em que essas três, juntamente com a Biblioteconomia, viviam um período de transição e mudanças.

Outro aspecto importante que tem feito parte de nossa base teórica e bibliográfica são os avanços no ensino de Biblioteconomia e na formação desses profissionais. Tal tema justifica-se à medida que buscamos contextualizar as modificações ocorridas na Ciência da Informação e estudar o aparecimento e desenvolvimento da pós-graduação. É, portanto, condição imprescindível para tal pesquisa estudar as relações históricas da área com o IBICT e o CNPQ enquanto instituições de fundamental importância no desenvolvimento das pesquisas em Ciência da Informação.

Também buscamos entender e contextualizar a ANCIB enquanto uma sociedade que acompanha e estimula as atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil e a sua representatividade na área em nível nacional e internacional. Delineamos, também, um histórico sobre todas as edições do ENANCIB, seu crescimento e o desenvolvimento dos GTs, de maneira especial o GT1, “Estudos históricos e Epistemológicos da Informação”, entendendo o porquê de sua criação e a importância de seus estudos para o desenvolvimento da Ciência da Informação.

A coleta de dados (além de livros, artigos e principalmente dos sites oficiais) foi realizada através dos anais publicados nas últimas seis edições do ENANCIB,

correspondendo estas IV, V, VI, VII, VIII e IX encontros num total de 98 pesquisas que foram apresentadas no GT8 - “Epistemologia da Ciência da Informação” (durante o IV e V ENANCIB) e posteriormente GT1 - “Estudos históricos e Epistemológicos da Informação” (VI, VII, VIII e IX ENANCIB).

O principal item analisado em cada artigo foram as palavras-chaves. Entretanto, para complementar e abranger nossa análise, nos valemos também dos títulos e resumos, isso para nos certificarmos de que, de fato, extraímos o principal assunto abordado em cada pesquisa. Esse método foi escolhido porque acreditamos que as palavras-chaves de um artigo devem sintetizar, ou seja, condensar o assunto desenvolvido e acreditamos ser o autor uma autoridade competente para representar sua própria obra.

Com esse objetivo, baseamos nossa análise, entre outras coisas, nos princípios defendidos pela Análise Documentária, mais precisamente, a Análise de Assunto, que objetiva identificar conceitos para fins de indexação sobre a qual falaremos brevemente a seguir.

Fujita (2003, p.64), relata que, de acordo com os "Princípios de indexação", formulados em 1981 a indexação é definida como “[...] o ato de descrever ou identificar um documento em termos de seu conteúdo”. A indexação consiste em dois estágios principais. O primeiro é a análise de assunto, ou seja a compreensão do texto para identificação e seleção de conceitos. O segundo visa traduzir esses conceitos, ou seja, representá-los por meio de termos pré estabelecidos em uma linguagem de indexação. Em nossa pesquisa interessa-nos o primeiro estágio, a análise de assunto, que consiste em uma das etapas mais importantes na indexação, isso porque ela objetiva identificar e selecionar os conceitos que melhor representem o conteúdo de um documento através de um processo minucioso de análise (FUJITA, 2003).

É a identificação desses conceitos que vai determinar o assunto do documento. Fujita (2003) também recorda que a palavra assunto pode ter muitas interpretações, portanto é comum se utilizar denominações como Análise temática, Análise conceitual ou Análise de conteúdo para substituir o termo assunto. A mesma autora também traz a noção de vários outros autores acerca do termo assunto. A seguir descrevemos alguns deles:

- Assunto, do ponto de vista de Cutter, é tema ou tópico de pesquisa, estando ou não determinado no título;
- Kaiser descreve assunto como coisas em geral, reais ou imaginárias, e as condições que estão ligadas a elas, noções estabelecidas pelas categorias concreto e processo;

• Coates identifica o assunto como uma abstração da idéia geral que está contida no contexto de uma unidade da literatura;

• Borko e Benier definem assunto como "the foci of work", o tema central para o qual a atenção e os esforços do autor foram direcionados.

Dessa maneira, consideramos ser as palavras-chaves a própria representação do assunto envolvido em cada artigo. E quanto ao termo "assunto", consideraremos a definição de Borko e Benier que o definem como "o tema para o qual a atenção e os esforços do autor foram direcionados."

Feitos esses esclarecimentos, cabe dizer que os procedimentos metodológicos pautaram-se na fragmentação da ementa do GT1 do ENANCIB em seis palavras-chaves, ou seja, seis grandes categorias de assunto nas quais distribuímos as 323 Palavras-chaves. Aquelas palavras que não se encaixavam nas seis categorias foram destinadas a uma sétima classe de palavras, das quais falaremos logo mais. Dessa maneira, transcrevemos a ementa do referido GT abaixo:

*"Paradigmas da Ciência da Informação, constituição do seu campo científico e questões epistemológicas subjacentes. Inclui discussões sobre disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade da área, bem como a construção do conhecimento em Ciência da Informação do ponto de vista histórico."*

Tal ementa foi fragmentada nas seguintes palavras-chaves, que chamaremos, a partir de agora de categorias de assunto:

1 - Paradigmas da Ciência da Informação.
2 - Campo científico - Ciência da Informação.
3 - Estudos epistemológicos em Ciência da Informação.
4 – Disciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade.
5 – Estudos do Conhecimento em Ciência da Informação.
6 – Estudos históricos em Ciência da Informação.
7 - Palavras-chaves que não se encaixam na ementa.

As palavras-chaves dos artigos, por sua vez, somaram um total de 323 termos (simples ou compostos). Distribuímos então esse total pelas sete categorias determinadas acima, e para essa distribuição consideramos cada categoria de assunto segundo as definições

que seguem.

**1 - Paradigmas da Ciência da Informação:**

Consideramos nessa pesquisa o termo paradigma em sua forma mais literal, como um modelo ou padrão a ser seguido (ou sugerido). Trata-se de uma teoria (ou um conjunto delas), um pressuposto filosófico que serve como referência inicial para outros estudos.

Assim, as palavras-chaves que se encaixaram nessa categoria ou se reportaram diretamente ao termo em questão ou sugeriram teorias paradigmáticas como propostas de estudos para a Ciência da Informação.

**2 - Campo científico - Ciência da Informação:**

Nesta categoria consideramos as palavras-chaves que buscavam uma compreensão da Ciência da Informação enquanto campo científico. Para isso, consideramos "campo" tal qual nos coloca Pierre Bourdieu (2004), como um "mundo social" que busca estabelecer e obedecer suas próprias regras no seu processo de autonomia.

Nesse campo, diferentes sujeitos (individuais, coletivos, institucionais) são caracterizados pela posse de um dado "capital" (neste caso específico, o "capital científico", estabelecido pelo próprio Bourdieu como uma espécie particular do capital simbólico). O fato é que cada cientista participa da estruturação desse campo, seja mantendo ou modificando sua estrutura e seus posicionamentos.

Dessa maneira, consideramos como já dissemos, palavras que faziam referência à estruturação do campo científico da Ciência da Informação e as agrupamos nesta categoria.

**3 - Estudos epistemológicos em Ciência da Informação:**

Podemos entender a Epistemologia, segundo Machado Neto (1987, p.3), como "a vertente do conhecimento filosófico, que está voltada para a ciência". Enquanto disciplina filosófica a epistemologia busca formular uma 'teoria do conhecimento' que visa "determinar o valor e os limites do próprio conhecimento, a fim de extrair sua natureza, seu mecanismo geral e seu alcance" (JAPIASSU, 1992, p.30), estabelecendo uma relação entre filosofia e ciência, num discurso que encontraria na filosofia seus princípios e na ciência seu objeto.

Pautados nessas premissas, consideramos nesta categoria palavras que faziam alusão aos fundamentos epistemológicos da Ciência da Informação ou introduziam teorias

com esse fim.

**4 – Disciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade:**

Conforme Le Coadic (1996, p.22), a interdisciplinaridade "traduz-se por uma colaboração entre diversas disciplinas, que leva à interações, isto é, uma certa reciprocidade, de forma que haja, em suma, enriquecimento mútuo". Podemos, então, caracterizar a interdisciplinaridade como uma "troca de especialidades", sejam elas teóricas ou aplicação de técnicas para a fundamentação de um conhecimento, são disciplinas que se integram para consolidar um único campo científico.

Dessa maneira, consideramos nesta categoria todos os níveis de interação entre conhecimentos, seja por meio da disciplinaridade, da interdisciplinaridade ou da Transdisciplinaridade, bem como termos que representavam outras disciplinas. Isso porque, analisando os títulos e resumos dos artigos, pudemos verificar que a grande maioria se tratava de pesquisas que buscavam verificar as interfaces teórico, metodológicas ou institucionais entre a Ciência da Informação e essas respectivas disciplinas.

**5 – Estudos do Conhecimento em Ciência da Informação:**

Não discutiremos neste tópico o conceito do termo conhecimento, pois além de que essa discussão iria despender várias páginas não é objetivo desta pesquisa fazê-lo. No entanto, face ao crescente número de pesquisas voltadas a discussão do termo ou das propriedades do conhecimento, dedicamos esta categoria aos termos diretamente ligados a esses estudos.

**6 – Estudos históricos em Ciência da Informação:**

Em "estudos históricos em Ciência da Informação", consideramos termos que estavam diretamente ligados a pesquisas de cunho histórico, ou seja, estudos que visavam fazer uma abordagem histórica ou cultural da Ciência da Informação ou de elementos ligados a ela.

**7 - Palavras-chaves que não se encaixam na ementa:**

Esta categoria foi criada para aqueles termos que, segundo nossa concepção, não se encaixavam em nenhuma das seis categorias anteriores e, portanto, parecem não ser

contemplados na ementa do GT1, como discutiremos posteriormente.

# 6 ANÁLISE E DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS

## 6.1 Distribuição das palavras-chaves

As 323 palavras-chaves foram distribuídas da seguinte maneira entre as sete categorias criadas:

* **Categoria 1 -** Paradigmas da Ciência da Informação – 11 termos
*** Categoria 2 -** Campo científico - Ciência da Informação – 51 termos
*** Categoria 3 –** Estudos epistemológicos em Ciência da Informação – 52 termos
*** Categoria 4 -** Disciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade – 33 termos
*** Categoria 5 -** Estudos do Conhecimento em Ciência da Informação – 13 termos
*** Categoria 6 -** Estudos históricos em Ciência da Informação – 14 termos
*** Categoria 7 –** Palavras-chaves que não se encaixam na ementa – 149 termos

Para melhor apresentação dos resultados da distribuição das palavras-chaves, distribuímos as categorias em quadros, como demonstraremos a seguir:

| **1 - Paradigmas da Ciência da Informação:** |
|---|
| |
| Equação do impacto informacional |
| Equação fundamental da ciência da informação |
| Holografia |
| Paradigma |
| Paradigma cognitivo |
| Paradigma indiciário - ciência da informação |
| Paradigma social |
| Paradigma sócio-cognitivo |
| Paradigmas |
| Paradigmas |
| Paradigmas e modelos |
| |
| **TOTAL 11** |

**Quadro 6: Categoria 1 - Paradigmas da Ciência da Informação**

| **2 - Campo Científico - Ciência da Informação:** | |
|---|---|
| | |
| Bruno Latour | Consolidação da ciência da informação |
| Campo científico | Desafios da ciência da informação |
| Campo científico da ciência da informação | Estado da arte |
| Ciência da informação (35 repetições) | Estudos em ciência da informação |
| Ciência da informação em ação | Fundamentos da ciência da informação |
| Ciência da informação no Brasil<br>Ciência da informação no Brasil | Informação e ciência da informação |
| Ciência da informação no exterior | Institucionalização da ciência da informação |
| Ciência formativa - ciência da informação | |
| Conceitos | |
| | |
| **TOTAL – 51** | |

**Quadro 7: Categoria 2 - Campo Científico - Ciência da Informação**

| **3 - Estudos epistemológicos em Ciência da Informação:** | |
|---|---|
| | |
| Autoridade epistêmica | Filosofia da mente |
| Bertram brookes | Fisicalismo |
| Ciência<br>Ciência | J. Habermas |
| Construtivismo<br>Construtivismo | Karl Popper |
| Epistemologia<br>Epistemologia<br>Epistemologia<br>Epistemologia<br>Epistemologia<br>Epistemologia<br>Epistemologia<br>Epistemologia | Piaget |
| Epistemologia – ciência da informação | Pierre Bourdieu |
| Epistemologia da ciência da informação<br>Epistemologia da ciência da informação<br>Epistemologia da ciência da informação<br>Epistemologia da ciência da informação<br>Epistemologia da ciência da informação<br>Epistemologia da ciência da informação | Pragmatismo<br>Pragmatismo<br><br>Pragmatismo<br>Pragmatismo |
| Epistemologia da informação | Praticas discursivo-epistemológicas |
| Epistemologia em ciência da informação | Rafael Capurro |

| | |
|---|---|
| Epistemologia genética | Representação da ciência |
| Epistemologia histórica | Teoria ator-rede |
| Essencialismo | Teoria da ciência da informação |
| Estudos da ciência | Teoria da informação |
| Filosofia<br>Filosofia | Teoria do conhecimento |
| Filosofia contemporânea | Teorias da recepção |
| Filosofia da linguagem<br>Filosofia da linguagem | Wittgenstein<br>Wittgenstein |
| | |
| **TOTAL – 52** | |

**Quadro 8: Categoria 3 - Estudos epistemológicos em Ciência da Informação**

| **4 – Disciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade:** | |
|---|---|
| | |
| Arquivística<br>Arquivística<br>Arquivística<br>Arquivística | Grupos interdisciplinares |
| Arquivologia | Interdisciplinaridade<br>Interdisciplinaridade<br>Interdisciplinaridade<br>Interdisciplinaridade<br>Interdisciplinaridade<br>Interdisciplinaridade<br>Interdisciplinaridade |
| Biblioteconomia | Interface<br>Interfaces |
| Ciência cognitiva | Leitura e cognição |
| Ciências cognitivas | Museologia |
| Cognição | Museologia e interdisciplinaridade |
| Cognitivismo | Museu |
| Comunicação | Museus e interdisciplinaridade |
| Comunicação e dominação simbólica | Transdisciplinaridade |
| Conceitos e metáforas de interdisciplinaridade | Vínculos institucionais<br>Vínculos institucionais |
| Disciplinas | |
| Disciplinas de ciência da informação no Brasil | |
| | |
| **TOTAL – 33** | |

**Quadro 9: Categoria 4 - Disciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade**

| **5 – Estudos do Conhecimento em Ciência da Informação:** |
|---|
| |
| Conhecimento<br>Conhecimento<br>Conhecimento<br>Conhecimento<br>Conhecimento |
| Conhecimento científico |
| Conhecimento em rede |
| Evolução da gestão do conhecimento |
| Gestão do conhecimento |
| Introjeção de conhecimentos |
| Organização do conhecimento<br>Organização do conhecimento<br>Organização do conhecimento |
| |
| **TOTAL – 13** |

**Quadro 10: Categoria 5 - Estudos do Conhecimento em Ciência da Informação**

| **6 – Estudos históricos em Ciência da Informação:** | |
|---|---|
| | |
| Abordagem histórico-cultural | História<br>História |
| Arqueologia da escrita | História da ciência da informação<br>História da ciência da informação |
| Ciência – História | História da ciência da informação no Brasil |
| Cultura escrita | História da documentação |
| Cultura material | História das idéias |
| Documentação | Idade média |
| | |
| **TOTAL – 12** | |

**Quadro 11: Categoria 6 - Estudos históricos em Ciência da Informação**

| **7 – Palavras-chaves que não se encaixam na ementa:** | | |
|---|---|---|
| | | |
| Abordagem metodológica | Grupos de pesquisa | Pesquisadores - ciência da informação |
| Abordagem teórica | Hipertexto | Pós-graduação<br>Pós-graduação<br>Pós-graduação |
| Ação de informação | Iconografia da leitura | Pós-graduação – estudos |
| Análise de domínio<br>Analise de domínio | Identidade<br>Identidade<br>Identidade | Pós-graduação e pesquisa em ciência da informação |
| Análise do discurso<br>Análise do discurso | Imagem | Pós-graduação em ciência da informação |
| Análise temática<br>Análise temática | Imagens da clausura | Prática informacional |
| Arquitetura da informação | Indicador de ciência e tecnologia | Precisão |
| Articulação ensino de graduação | Informação (12 repetições) | Produção científica<br>Produção científica |
| Busca informacional | Informação científica<br>Informação científica<br>Informação científica | Profissionais que pensam-conhecem-agem sobre a informação |
| Campo informacional | Informação e memória | Programas e cursos de pós-graduação |
| Capital informacional | Informação e sociedade<br>Informação e sociedade | Publicações científicas |
| Ciberespaço | Informação na contemporaneidade | Recuperação da inf.<br>Recuperação da inf.<br>Recuperação da inf. |
| Ciência da informação – discurso | Informação não-científica | Redes |
| Classificação | Informação-impacto social | Redes sociais |
| Competência em informação | Información y comunicación | Representação |
| Complexidade | Information literacy | Representação da informação |
| Comunicação científica | Information seeking | Representações sociais |
| Comunidades discursivas | Informatividade | Responsabilidade social |
| Conceito de informação | Infra-estrutura de informação | Rizoma |
| Credibilidade | Inteligência informacional | Semiótica |
| Desafios atuais | Interatividade | Sistema de informação |
| Discurso | Internet | Sistemas |
| Discurso<br>Discurso | Inversão de infra-estrutura | Sistemas complexos |
| Discurso científico | Linguagem natural | Sociedade |

| | | |
|---|---|---|
| Divulgação científica | Linha de pesquisa | Sociedade da informação |
| Divulgação da ciência | Livros científicos | Sociologia da informação |
| Documento<br>Documento<br>Documento | Memória<br>Memória<br>Memória | Técnicas de coleta de dados |
| ENANCIB | Memória discursiva | Tecnologia |
| Ensino superior | Memória institucional | Tecnologia da informação |
| Espaço prisional | Memória social<br>Memória social | Tecnologias da informação e comunicação |
| Esquecimento | Metáfora<br>Metáfora | Tecnologias de informação |
| Estado-nação | Metodologia<br>Metodologia | Totalidade |
| Ficção-científica | Métodos qualitativos | Transmissão cultural |
| Forma | Métodos quantitativos | Transmissão de informação |
| Formação de cientistas da informação | Mulher | Universidades |
| Formação de competências | Ordem da internet | Validade da informação |
| Formação docente | Ordem do livro | Virtual<br>Virtual |
| Gênero feminino | Pesquisa | Web |
| Gestão da informação | Pesquisa em ciência da informação | |
| | | |
| **TOTAL – 149** | | |

**Quadro 12: Categoria 7 - Palavras-chaves que não se encaixam na ementa**

Ainda com o mesmo objetivo, de melhor apresentação dos resultados da distribuição das palavras-chaves, distribuímos as categorias em gráficos comparativos de distribuição e porcentagem:

Gráfico 1 – Distribuição das Palavras-Chaves

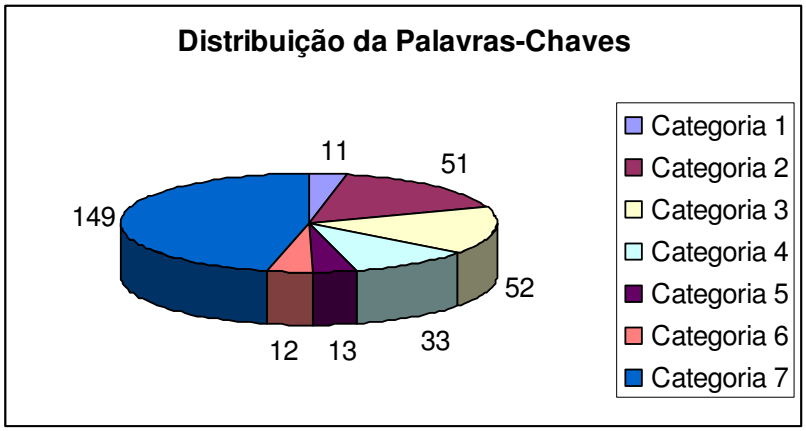
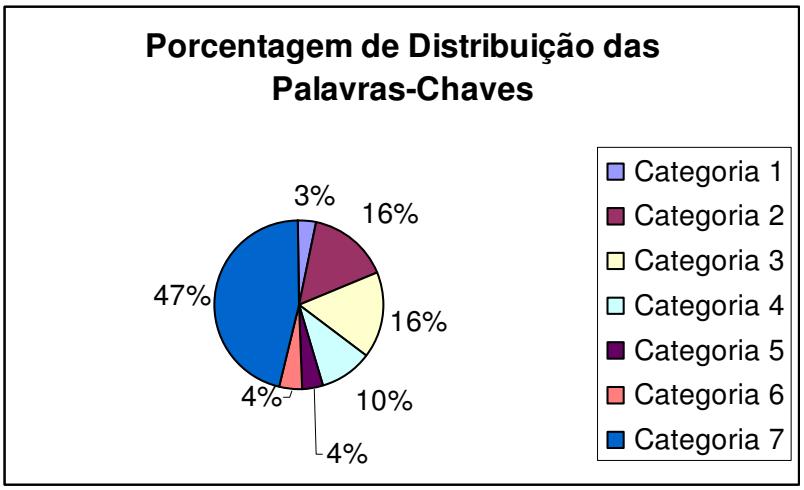



Gráfico 2 – Porcentagem de Distribuição das Palavras-Chaves.




Por fim, para melhor comparar os dados e para representarmos o desenvolvimento de cada categoria ano a ano fizemos dois outros modelos de gráficos. No primeiro modelo, apresentamos um grupo com sete gráficos sendo um gráfico para cada categoria demonstrando seu crescimento em cada um dos cinco anos do ENANCIB por meio de barras. No segundo modelo agrupamos outros cinco gráficos, um para cada ano, demonstrando a distribuição das sete categorias naquele ano. Assim, demonstramos a seguir o primeiro modelo, ou seja, os sete gráficos que demonstram cada uma das categorias.

Gráfico 3 – Categorias 1 – Paradigmas da Ciência da Informação

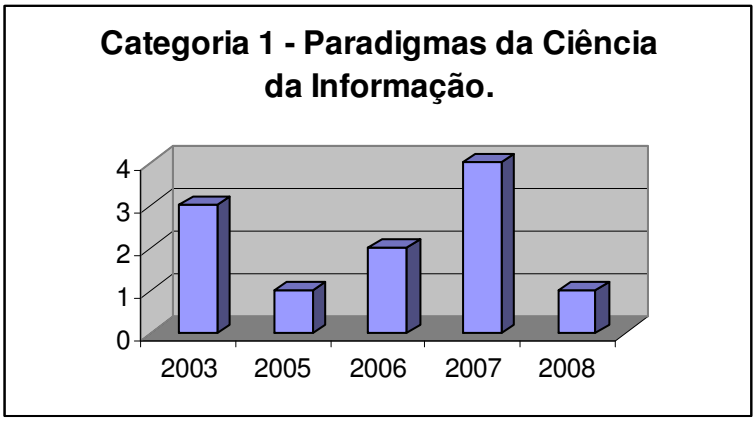



Gráfico 4 – Categorias 2 – Campo Científico – Ciência da Informação

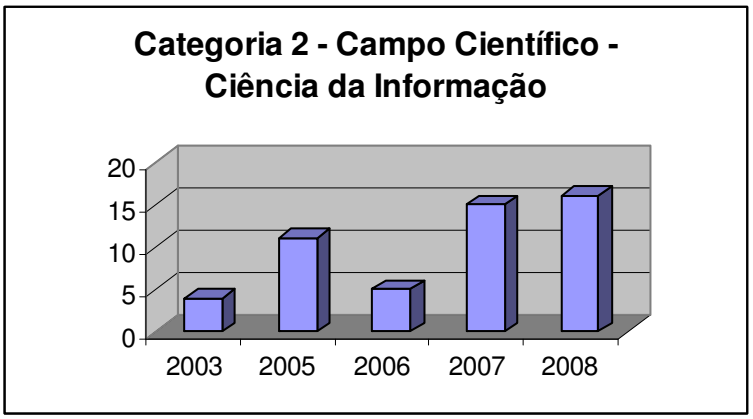



Gráfico 5 – Categorias 3 – Estudos Epistemológicos da Ciência em Informação.

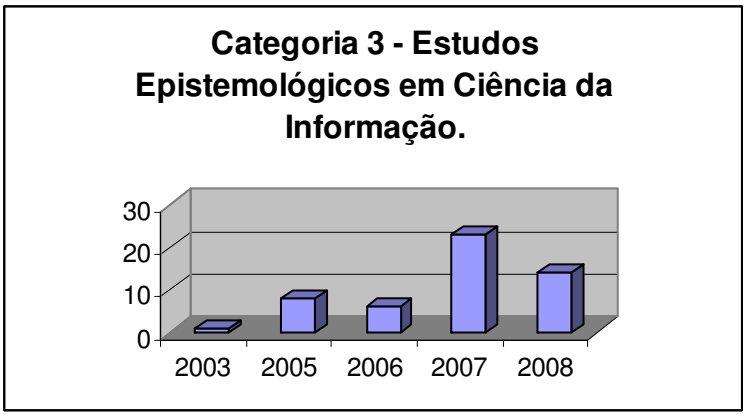


Gráfico 6 – Categorias 4 – Disciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade.

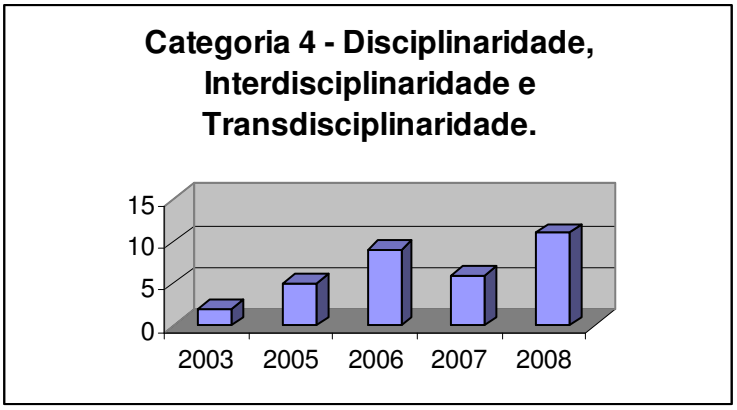



Gráfico 7 – Categorias 5 – Estudos do Conhecimento em Ciência da Informação.

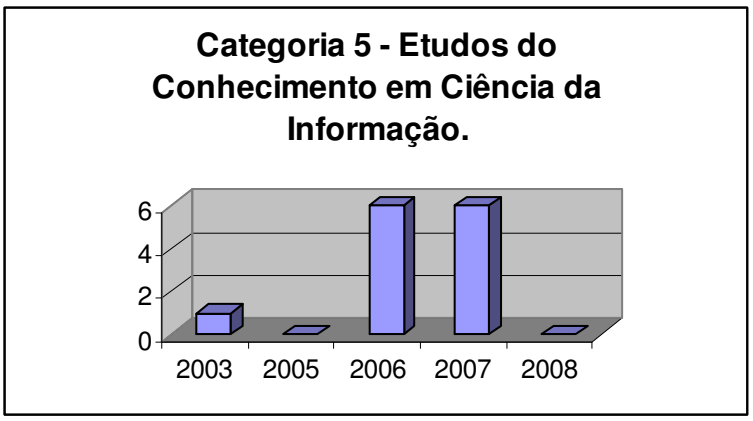



Gráfico 8 – Categorias 6 – Estudos Históricos em Ciência da Informação

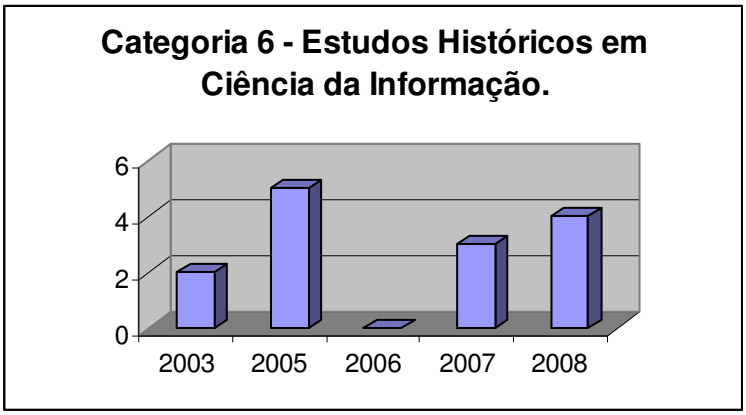
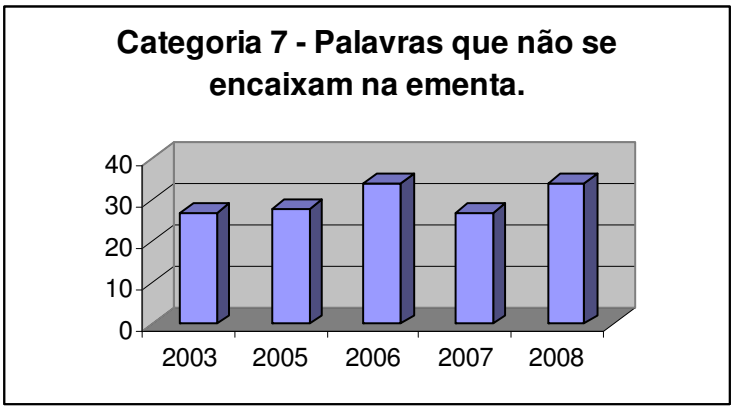


Gráfico 9 – Categoria 7 – Palavras que não se encaixam na ementa.




Finalmente, o segundo modelo de comparação de dados, constitui-se em um conjunto com cinco gráficos, sendo um para cada ano do ENANCIB (2003, 2005, 2006, 2007 e 2008), demonstrando por meio de barras a proporção de cada categoria no respectivo ano.

Gráfico 10 – Distribuição das categorias por ano: 2003

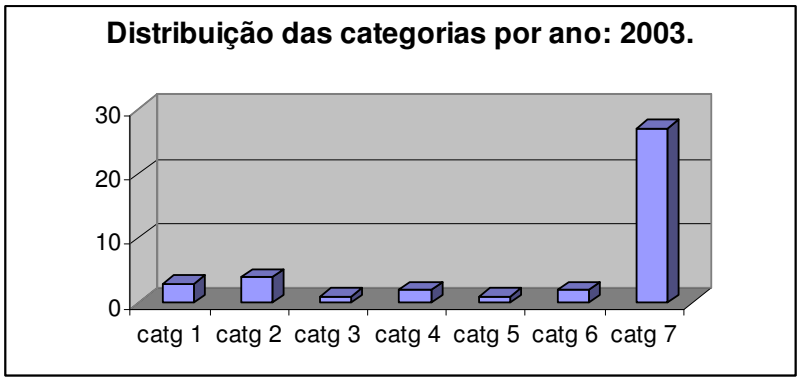


Gráfico 11 – Distribuição das categorias por ano: 2005

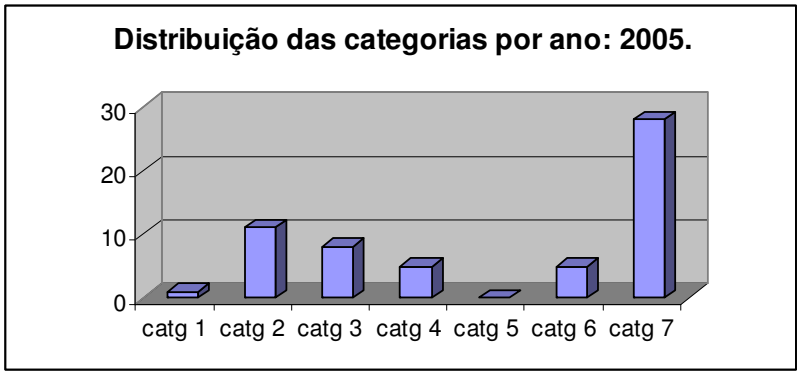



Gráfico 12 – Distribuição das categorias por ano: 2006

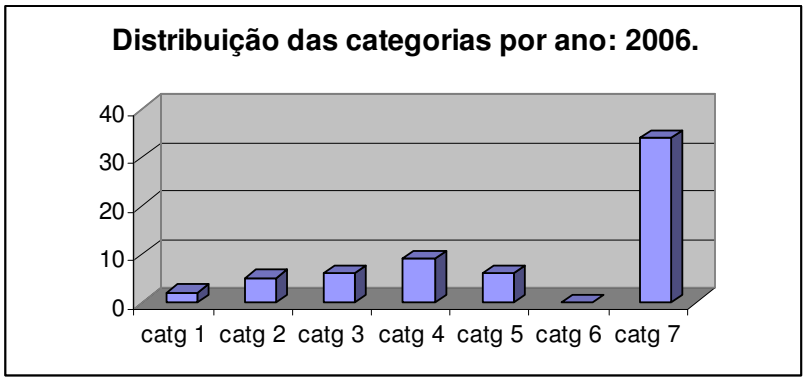



Gráfico 13 – Distribuição das categorias por ano: 2007

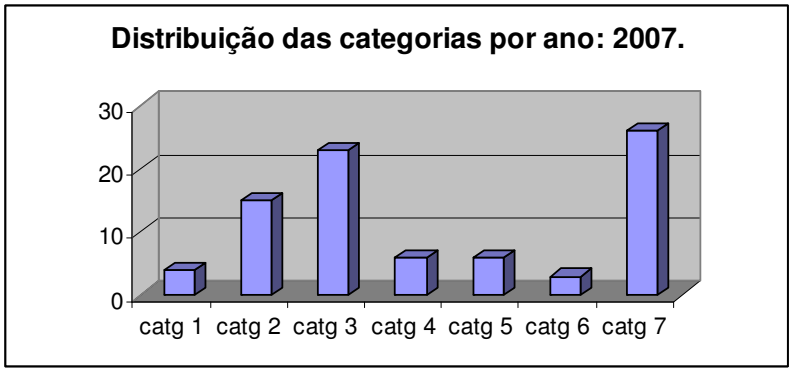
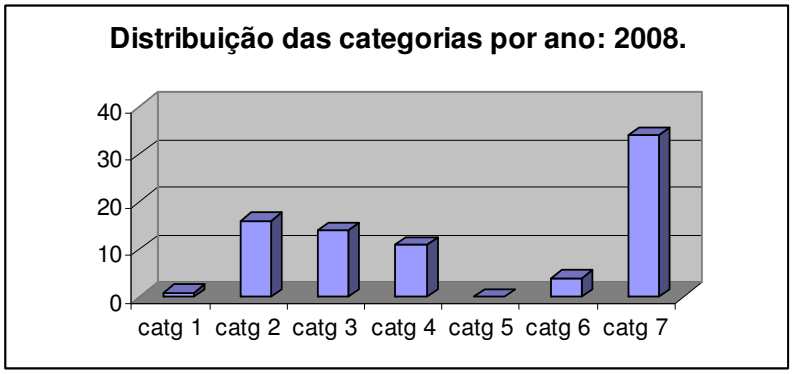


Gráfico 14 – Distribuição das categorias por ano: 2008




## 6.2 Apresentação dos Resultados.

Uma vez analisadas as palavras-chaves de cada artigo, bem como os títulos e resumos, distribuímos cada uma delas pelas respectivas categorias que representavam o assunto nelas contido. Quando alguma dessas palavras não estava contemplada em nenhuma das seis categorias que representavam a ementa, esse termo era incluído numa sétima categoria denominada "**Palavras-chaves que não se encaixam na ementa",** criada para esse fim. Além disso, criamos uma grande tabela geral dividida por ano que indicava a incidência de cada uma das 323 palavras em cada ano do ENANCIB. Nessa tabela geral encontram-se os anos: o V ENANCIB de 2003, com 40 palavras-chaves, o VI ENANCIB de 2005, com 58 palavras-chaves; o VII ENANCIB de 2006, contando com 62 palavras-chaves no seu total, o VIII ENANCIB que ocorreu em 2007 e acumulou 83 termos em suas palavras-chaves e finalmente o IX encontro em 2008 que reuniu 80 palavras-chaves apresentadas no GT1. O IV ENANCIB realizado em 2000 não contou com palavras-chaves nos artigos apresentados no GT1 e por isso não participou de nosso quadro geral. Dessa maneira, analisaremos agora cada uma dessas categorias apresentando os resultados aos quais chegamos através de nossas análises.

A primeira categoria, "**Paradigmas da Ciência da Informação",** segue fielmente os termos utilizados na ementa. Foram agrupados 11 termos em seu total e, como podemos

observar no gráfico 2, ela equivale a três por cento de um total de 214 palavras, porcentagem essa que pode ser considerada baixa se comparada, por exemplo, com a segunda e terceira categorias, com 16 por cento cada uma. Entretanto, se observamos o quadro geral (anexo 1), veremos que essa categoria esteve presente pelo menos em uma pesquisa em todas as edições do ENANCIB, provando sua relevância para o GT1 e mostrando que apesar de pouco representativo, numericamente falando, a discussão permanece contida nas discussões desse GT.

A segunda categoria, por sua vez, **"Campo científico - Ciência da Informação"** está descrita na ementa pela expressão "constituição do seu campo científico". Reuniu ao todo 51 termos representando dezesseis por cento do total. Parece-nos ser uma das classes mais contempladas nas pesquisas do GT1, demonstrando a grande preocupação dos pesquisadores da área em estudar a constituição do campo, bem como as questões epistemológicas subjacentes à ele, já que esse tema representa a nossa terceira categoria, também com dezesseis por cento do total e reunindo 52 palavras-chaves, quase empatando, portanto, com a categoria de número dois. No quadro geral, podemos observar que esse fato se dá, principalmente, pela incidência dos termos "Ciência da Informação" (com ou sem complemento) repetidos trinta e nove vezes na categoria dois e sendo contemplados em todas as edições do GT1 sendo sua maior concentração no IX ENANCIB em 2008, e pelo termo "epistemologia" (com ou sem complemento) repetido dezenove vezes na categoria três. Esta última, no entanto, nos parece mais variada, apresentando termos como "Construtivismo", "Filosofia", "Pragmatismo", entre outros que demonstram a amplitude das abordagens desse GT1.

A quarta categoria, denominada **"Disciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade",** também apresenta esses mesmos termos contemplados na ementa. Optamos por colocá-los juntos (os três termos) por causa da proximidade dos temas e, portanto, das pesquisas. Mesmo assim a incidência de palavras-chaves não foi muito alta pois contou com apenas trinta e três termos, representando dez por cento do total devido principalmente a incidência do termo "interdisciplinaridade" repetido sete vezes sem complemento (embora ele não tenha sido contemplado em todas as edições do GT1), além de abrangermos nessa categoria nomes dados a outras disciplinas, como é o caso de "Arquivologia", "Arquivística", "Biblioteconomia", "Ciências Cognitivas", "Comunicação", "Museologia" e outras.

Optamos por separar a quinta a sexta categorias para melhor observar os temas discutidos pelo GT1. Entretanto, podemos dizer que na ementa elas se encontram ligadas na seguinte expressão: "construção do conhecimento em Ciência da Informação do ponto de vista histórico". Dessa maneira, desmembramos essa expressão e formamos as duas categorias diferentes, sendo a categoria cinco **"Estudos do Conhecimento em Ciência da Informação"** e a sexta categoria **"Estudos históricos em Ciência da Informação".**

Essa divisão se deve ao crescente número de discussões em torno do termo Conhecimento na área de Ciência da Informação. Prova disso é que todas as palavras-chaves reunidas na categoria cinco (treze no total) continham o próprio termo conhecimento (com ou sem complemento), correspondendo, portanto, a quatro por cento do total de palavras.

O sexto tema (Estudos históricos) reuniu 14 termos e também quatro por cento do total, sendo que nove dessas 14 palavras eram representadas pelo próprio termo história com ou sem complemento. Dessa maneira, os dois temas praticamente empataram na divisão de palavras-chaves. Se fossem contabilizados juntos, como uma única categoria, somariam vinte e sete palavras e oito por cento do total.

Finalmente a sétima e última categoria foi denominada **"Palavras-chaves que não se encaixam na ementa"**, isso porque percebemos que muitos (quase a metade) dos termos utilizados nas palavras-chaves para condensar os assuntos envolvidos nas pesquisas apresentadas não se encaixavam nos temas descritos pela ementa do GT1. O total de termos acumulados nessa categoria foi de cento e quarenta e nove, somando, portanto quarenta e sete por cento de um total de 323 palavras-chaves. Nessa categoria somaram-se termos que julgamos de grande relevância para esse GT, como, por exemplo, os aspectos metodológicos representados pelos termos "Abordagem metodológica", "Abordagem teórica", "metodologias", "Análise de domínio", "Análise do discurso" e outros muito utilizados pelos autores. Outro tema com bastante reincidência diz respeito ao objeto da Ciência da Informação. O termo "informação" aparece diversas vezes e com diversos complementos para representar os temas de pesquisa. Alguns exemplos são o termo, "informação" com doze reincidências, além de vários termos compostos, como "Informação científica", "Informação e memória", "Informação e sociedade", "Informação na contemporaneidade", "Informação não-científica" e outros que demonstram a importância dos estudos do objeto da Ciência da Informação para o GT1, ainda que esse tema não se encontre claramente explícito em sua ementa. Além disso, surgiram outros temas bastante reincidentes como os termos "Pesquisa",

"Pós-graduação" e "Produção científica". Ou seja, o fazer profissional da área representa uma nítida preocupação desses profissionais, até mesmo porque, essa é uma maneira de verificarmos os rumos que o campo vem tomando através das pesquisas realizadas por seus cientistas e da formação dada a eles. Os aspectos tecnológicos da Ciência da Informação são mais uma discussão que vem ganhando espaço nesse GT. Apesar de terem foco diferente dos estudos puramente tecnológicos, essas pesquisas têm aumentado, pelo menos no que diz respeito aos termos atribuídos para representá-las como é o caso das palavras "Recuperação da informação", "Redes", "Sistema de informação", "Sistemas complexos", "Tecnologias da informação", "Tecnologias da informação e comunicação" e outras.

Além da análise geral das categorias que acabamos de comentar podemos, por meio dos gráficos, analisar o desenvolvimento de cada categoria em cada um dos anos do ENANCIB. Assim, o primeiro grupo de gráficos (gráficos de 03 a 09) equivalem a cada uma das sete categorias demonstrando seu desenvolvimento ano a ano, dessa forma cada gráfico equivale a uma das categorias. Quanto ao segundo grupo de gráficos (gráficos de 10 a 14) equivalem a cada ano do ENANCIB (2003, 2005, 2006, 2007 e 2008) e analisam a freqüência de cada categoria em cada um desses anos.

Através desses gráficos podemos notar que (desconsiderando a categoria 7, da qual falaremos mais adiante), não existe necessariamente uma tendência de crescimento entre as categorias, isso porque, hora elas apresentam um crescimento, hora uma diminuição sem seguir uma linha contínua crescente ou decrescente. É o caso, por exemplo, das categorias 1 (Paradigmas da Ciência da Ciência da Informação) e da categoria 5 (Estudos do conhecimento em Ciência da Informação), de uma maneira geral, essas foram as categorias que apresentaram menor crescimento (em relação as demais), mesmo assim tiveram um aumento em 2007 mas voltaram a cair em 2008.

Por outro lado, podemos considerar as categorias 2 (Campo científico da Ciência da Informação) e categoria 3 (Estudos epistemológicos da Ciência da Informação) os dois temas mais relevantes nesse GT, uma vez que apresentam sempre os maiores níveis de apresentação em relação aos demais, apesar de uma leve queda em 2006 esses temas continuam representando os assuntos mais pesquisados nesse GT.

Assim, a categoria 2 representou o tema mais pesquisado em 3 dos 5 anos do ENANCIB (2003, 2005 e 2008), a categoria 3, por sua vez, predominou no ano de 2007 e a categoria 4 em 2006. Consideramos que esses dados refletem exatamente a principal função

do GT1, que em nossa opinião é discutir os aspetos teóricos da Ciência da Informação relativos ao seu campo epistemológico e é por causa da amplitude desse tema que outras discussões ligadas a ele tem sido freqüentes, como por exemplo, os aspectos referentes a interdisciplinaridade (categoria 4) que surgiu timidamente em 2003 e demonstra crescimento a cada ano, inclusive predominando em 2006.

A categoria 6 (Estudos históricos em Ciência da Informação) é outro tema importante para esse GT uma vez que busca resgatar a história do campo, essa categoria teve seu maior crescimento em 2005, queda em 2006 para novamente crescer em 2007 e 2008. Apesar de sua relevância, esse não um dos temas mais pesquisados nesse GT.

Com relação à categoria 7 (Palavras que não se encaixam na ementa), manteve-se uma média entre 20 e 30 em todos os anos do ENANCIB, exceto nos anos de 2006 e 2008 quando esse número ultrapassou a marca dos 30 como podemos ver no gráfico 9. Essa é a maior categoria entre as sete pré-estabelecidas uma vez que nenhuma outra ultrapassou essa média em nenhum dos cinco anos de ENANCIB. Isso nos mostra que alguns temas, mesmo não contemplados explicitamente pela ementa, mantêm sua funcionalidade no GT e demonstra interesse entre seus pesquisadores que encontram no GT1 um espaço para sua discussão.

Foi com base nessa categoria 7, utilizando as 149 palavras aparentemente deslocadas da ementa que criamos cinco novas categorias, além das sete já existentes. O diferencial dessas que chamaremos a partir de agora de categorias A, B, C, D e E é que, ao contrário das sete primeiras, elas não se encaixam na ementa, mas demonstram a amplitude de temas abordados nesse GT. Para isso agrupamos os termos que consideramos dentro de uma mesma classe de assunto e a partir desse grupo criamos uma categoria. Os resultados alcançados foram os seguintes:

**A- Estudos Metodológicos em CI –** 22 termos
**B - Estudos do objeto da CI –** 34 termos
**C - Estudos tecnológicos para a CI –** 24 termos
**D – Graduação e Pós-Graduação em Ciência da Informação – Pesquisas –** 26 termos.
**E – Imagem e memória –** 9 termos

Assim como fizemos com as sete primeiras categorias, optamos por também

demonstrá-las em quadros para melhor visualização de seus resultados.

| **A- Estudos Metodológicos em Ciência da Informação** | |
|---|---|
| | |
| Abordagem metodológica | Discurso |
| Abordagem teórica | Discurso |
| Ação de informação | Discurso científico |
| Análise de domínio | Metáfora |
| Análise de domínio | Metáfora |
| Análise do discurso | Metodologia |
| Análise do discurso | Metodologia |
| Análise temática | Métodos qualitativos |
| Análise temática | Métodos quantitativos |
| Classificação | Semiótica |
| Discurso | Técnicas de coleta de dados |
| | |
| **TOTAL 22** | |

**Quadro 13 – Categoria A - Estudos Metodológicos em Ciência da Informação**

| **B - Estudos do objeto da Ciência da Informação** | |
|---|---|
| | |
| Busca informacional | Informação na contemporaneidade |
| Campo informacional | Informação não-científica |
| Capital informacional | Informação-impacto social |
| Competência em informação | Información y comunicación |
| Conceito de informação | Information literacy |
| Credibilidade | Information seeking |
| Documento | Informatividade |
| Documento | Infra-estrutura de informação |
| Documento | Inteligência informacional |
| Gestão da informação | Prática informacional |
| Informação (12) | Precisão |
| Informação científica | Representação |
| Informação científica | Representação da informação |
| Informação científica | Sociedade da informação |
| Informação e memória | Sociologia da informação |
| Informação e sociedade | Transmissão de informação |
| Informação e sociedade | Validade da informação |
| | |
| **TOTAL 34** | |

**Quadro 14 – Categoria B - Estudos do objeto da Ciência da Informação**

| C - Estudos Tecnológicos para a Ciência da Informação | |
|---|---|
| | |
| Arquitetura da informação | Redes |
| Ciberespaço | Redes sociais |
| Complexidade | Sistema de informação |
| Hipertexto | Sistemas |
| Indicador de ciência e tecnologia | Sistemas complexos |
| Interatividade | Tecnologia |
| Internet | Tecnologia da informação |
| Linguagem natural | Tecnologias da informação e comunicação |
| Ordem da internet | Tecnologias de informação |
| Recuperação da informação | Virtual |
| Recuperação da informação | Virtual |
| Recuperação da informação | Web |
| | |
| **TOTAL 24** | |

**Quadro 15 – Categoria C - Estudos Tecnológicos para a Ciência da Informação**

| D – Graduação e Pós-Graduação em Ciência da Informação – Pesquisas | |
|---|---|
| | |
| Articulação ensino de graduação | Pesquisadores – ciência da informação |
| Comunicação científica | Pós-graduação |
| Divulgação científica | Pós-graduação |
| Divulgação da ciência | Pós-graduação |
| Ensino superior | Pós-graduação – estudos |
| Formação de cientistas da informação | Pós-graduação e pesquisa em ciência da informação |
| Formação de competências | Pós-graduação em ciência da informação |
| Formação docente | Produção científica |
| Grupos de pesquisa | Produção científica |
| Linha de pesquisa | Profissionais que pensam-conhecem-agem sobre a informação |
| Livros científicos | Programas e cursos de pós-graduação |
| Pesquisa | Publicações científicas |
| Pesquisa em ciência da informação | Universidades |
| | |
| **TOTAL 26** | |

**Quadro 16 – Categoria D - Graduação e Pós-Graduação em Ciência da Informação – Pesquisas**

| **E – Imagem e Memória** |
|---|
| |
| Imagem |
| Imagens da clausura |
| Memória |
| Memória |
| Memória |
| Memória discursiva |
| Memória institucional |
| Memória social |
| Memória social |
| |
| **TOTAL 9** |

**Quadro 17 – Categoria E - Imagem e Memória**

Redistribuindo as 149 palavras da categoria sete que não se encaixavam na ementa chegamos, então, a essas cinco novas categorias que somaram 126 palavras. A categoria sete, agora reformulada, que chamaremos de 7.1, ficou agora com apenas vinte e três termos do seu total de 149, como veremos no último quadro abaixo:

| **7 - Palavras-chaves que não se encaixam na ementa:** | |
|---|---|
| | |
| Ciência da informação – discurso | Identidade |
| Comunidades discursivas | Identidade |
| Desafios atuais | Inversão de infra-estrutura |
| ENANCIB | Mulher |
| Espaço prisional | Ordem do livro |
| Esquecimento | Representações sociais |
| Estado-nação | Responsabilidade social |
| Ficção-científica | Rizoma |
| Forma | Sociedade |
| Gênero feminino | Totalidade |
| Iconografia da leitura | Transmissão cultural |
| Identidade | |
| | |
| **TOTAL – 23** | |

**Quadro 18 – Categoria 7.1 - Palavras-chaves que não se encaixam na ementa**

Dessa maneira, verificamos que o GT1 do ENANCIB desempenha um papel fundamental para o desenvolvimento não só do Encontro Nacional de Pesquisadores em Ciência da Informação (ENANCIB), como também para o crescimento da área como um todo

sendo que suas discussões enriquecem e ajudam a desenvolver o campo. No entanto, é preciso a devida atenção não só por parte de suas autoridades como dos pesquisadores que o compõem no sentido de ir ao encontro das necessidades que o campo demonstra, além de verificar o rumo que suas pesquisas estão tomando.

Assim observamos os temas mais pesquisados no GT1 do ENANCIB de acordo com as seguintes porcentagens:

**1º - Estudos epistemológicos em Ciência da Informação** - 52 termos e 17% do total de pesquisas.
**2º - Campo científico da Ciência da Informação** - 51 termos e 16% do total de pesquisas.
**3º – Estudos sobre o objeto da CI -** 34 termos e 11% do total de pesquisas.
**4º – Estudos sobre a Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade do campo** - 32 termos e 10% do total de pesquisas.
**5º – Estudos sobre a Graduação e Pós-Graduação em Ciência da Informação -** 26 termos e 8% do total de pesquisas.
**6º - Estudos tecnológicos para a CI –** 24 termos e 8% do total de pesquisas.
**7º - Estudos Metodológicos em CI –** 22 termos e 7% do total de pesquisas.
**8º - Estudos históricos em Ciência da Informação** – 14 termos e 5% do total de pesquisas.
**9º - Estudos do Conhecimento em Ciência da Informação** – 13 termos e 4% do total de pesquisas
**10º - Paradigmas da Ciência da Informação** - 11 termos e 4% do total de pesquisas
**11º – Imagem e memória –** 9 termos e 3% do total de pesquisas

E, por fim, apenas 23 termos ou 7% de um total de 323 palavras não se encaixaram em nenhum dos grandes temas selecionados, muito embora deve-se considerar que muitas vezes o autor não seleciona palavras suficientemente relevantes para a condensação de sua pesquisa. Para esses casos, com base na pesquisa realizada, sugerimos um mine tesauro para o GT1 do ENANCIB que facilitaria a seleção de assunto dos autores na hora de representar suas pesquisas por meio de palavras-chaves, bem como na de verificar a adequação de seu tema no referido GT.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa consistiu em verificar em que medida as pesquisas apresentadas no GT1 do ENANCIB vão ao encontro dos pressupostos enunciados pela ementa desse grupo, tratando de identificar os temas de pesquisas que vêm sendo realizados nos últimos oito anos nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil. Pretendemos assim, evidenciar as preocupações epistemológicas dos pesquisadores da área.

O levantamento teórico deste estudo discorreu sobre a história da Ciência da Informação desde a Documentação, algumas das principais definições da área elaboradas por seus estudiosos, os avanços da Biblioteconomia e a criação da pós-graduação em Ciência da Informação. Duiscorreu ainda, sobre questões mais recentes como a colaboração de institutos, conselhos e associações como o IBICT, o CNPq e a ANCIB e a importância de se elaborar políticas de informação para a Ciência e tecnologia no Brasil.

Nossa intenção foi reunir elementos que pudessem servir com fio condutor para uma reflexão crítica e histórica acerca do desenvolvimento das pesquisas e estruturação da Ciência da Informação no contexto das ciências atuais.

Dessa maneira, consideramos, assim como outros autores, como Ortega (2007), que a "Ciência da Informação" pode e deve ser considerada como anterior ao surgimento dessa expressão. Como já comentamos, o percurso histórico que propiciou a criação da Ciência da Informação passou antes pela Bibliografia, Biblioteconomia e Documentação. Esta última, em especial, teve um papel fundamental na criação das técnicas documentárias hoje amplamente difundidas (considerando, é claro, as possibilidades tecnológicas da época). Seu principal representante, Paul Otlet, foi, a nosso ver, um visionário que anteviu até mesmo a criação da internet entre outros meios de comunicação e difusão do conhecimento científico. Sua visão de Documentação coincide com a Ciência da Informação tal qual a conhecemos hoje, ou pelo menos podemos dizer, que a primeira contribuiu fortemente para a criação da segunda.

Embora tenhamos traçado um contexto histórico para justificar a criação da Ciência da Informação na década de 1960, como defendem alguns autores, acreditamos ser essa uma questão que ainda gera muitas discussões. Isso porque os pressupostos para a

criação dessa área já existiam como o acumulo na quantidade de documentos e a preocupação com a organização e recuperação dos mesmos e já se sentiam as necessidades de técnicas e instrumentos mais eficazes na realização dessas etapas.

O grande fator que impulsionou a expansão da área (ou do termo), a nosso ver, foi o advento das tecnologias de informação e comunicação. Após reconhecer o valor estratégico da informação, os governos (especialmente o dos EUA) iniciaram uma fase de criação, investimentos e incentivos às políticas de informação, ciência e tecnologia, que, consequentemente, afetou todos os setores da sociedade e impulsionou o advento da nova área, o que não significa que ela não existisse antes disso. Alguns de seus pressupostos já eram discutidos o que se criou nesse período, foram condições para que ela emergisse na sociedade e se solidificasse graças aos investimentos feitos nela, atraindo para si a atenção e atuação de vários profissionais.

Com relação aos conceitos elaboradas ao longo dos anos para definir a Ciência da Informação, consideramos, como já dissemos, a definição de Saracevic (1996) uma das mais consistentes até agora. O autor aborda as três características mais marcantes da área que seriam: sua interdisciplinaridade, sua ligação com as tecnologias de informação e sua participação na sociedade da informação. Mas, se aprofundássemos nossa pesquisa nesse assunto perceberíamos que existem muitas outras definições que poderiam dar ricas contribuições na conceituação da área. Entretanto, esse é um trabalho que nunca se esgotará, uma vez que o conhecimento não é estático e sofre mutações de acordo com as mudanças ocorridas no seu meio. Todo conhecimento científico muda, assim como mudarão seus métodos e seus paradigmas, acompanhando a evolução da sociedade.

Assim, todos os esforços nesse sentido são válidos e preciosos para a área, tanto que pudemos constatar ao longo dos anos que essas definições têm se afunilado cada vez mais. A cada nova elaboração percebemos a área se desvendando diante de nossos olhos, bem como sentimos que seus pesquisadores estão mais seguros ao defini-la. Novos paradigmas vão surgindo e a Ciência da Informação vai cada vez mais ganhando um perfil de ciência adulta, sedimentando suas características, consolidando seus objetivos, explicando seu objeto e se expandindo a olhos vistos.

No Brasil a Ciência da Informação seguiu a tendência americana, surgiu como uma nova e forte corrente, embora muito ligada à documentação desde o início. É difícil sabermos exatamente quando se originou a CI no país, uma vez que desde 1954 com a criação

do antigo IBBD, já foram criadas muitas atividades com o objetivo de preparar os profissionais (principalmente os bibliotecários) para uma nova postura profissional, contemplando um atendimento diferenciado e garantindo eficiência na utilização das novas tecnologias de informação. Mesmo assim, sua principal manifestação foi mesmo a criação, em 1970, do primeiro mestrado em Ciência da Informação no Brasil, que veio consolidar um processo de mudança já iniciado na formação e atuação de vários profissionais brasileiros.

Entre as profissões mais influenciadas pela Ciência da Informação no Brasil, podemos dizer que a Biblioteconomia foi a que mais sofreu influências, tanto por causa da introdução das novas tecnologias de informação e comunicação quanto em decorrência das mudanças na formação profissional. Atualmente, apesar de ainda sofrer com o estereótipo de profissional essencialmente técnico, consideramos que o bibliotecário (profissional da informação) tem buscado cada vez mais se preparar para as mudanças sociais e tecnológicas ocorridas na sociedade e principalmente no mercado de trabalho, e deve ser incentivado nessa busca especialmente em seus cursos de formação profissional. Também tem crescido, cada vez mais, o numero de bibliotecários que buscam uma formação mais crítica e teórica por meio dos cursos de pós-graduação, enriquecendo assim a área com importantes pesquisas realizadas nesses cursos como pudemos constatar neste estudo através das comunicações do ENANCIB.

Reafirmamos, também, a importância e representatividade da ANCIB enquanto instituição que acompanha e estimula as atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. Essa é uma iniciativa que deveria servir como exemplo para outras áreas científicas muitas vezes carentes de representatividade, divulgação científica e espaço que propicie a integração e discussão entre cientistas.

O GT1 do ENANCIB, por sua vez, representa um importante espaço que propicia os avanços sobre o pensamento científico da área. Como forum de debates, desempenha um papel fundamental para o desenvolvimento não só do Encontro Nacional de Pesquisadores em Ciência da Informação (ENANCIB) como também para o crescimento da área como um todo e suas discussões enriquecem e ajudam a desenvolver o campo.

Conforme nos descreve Freire (2008, p.28):

> É possível observar que a temática do GT1 é um padrão que une vários fios conceituais e institucionais no tear da Ciência da Informação: pesquisas teóricas e experimentais, filosofia da informação, questões epistemológicas e metodológicas, ética e de responsabilidade social, próprias do nosso

> campo científico, encontram seu espaço de comunicação e discussão nesse grupo. É um espaço de reflexão sobre o próprio campo cientifico, para comunicação e discussão de resultados de pesquisa, um grupo de pesquisadores que, pelo numero crescente de trabalhos apresentados, apresenta um crescimento discreto, mas significativo na área.

A ementa desse grupo traz a tona discussões de temas fundamentais para a sedimentação de qualquer área, especialmente um campo como a Ciência da Informação, que está caminhando para a maturidade e, portanto, depende muito das pesquisas que têm sido apresentadas no ENANCIB como um todo, de maneira especial no GT1, já que trata de temas tão significativos para sua construção teórico/epistemológica.

O evento, assim como o GT1, representa também um importante espaço para a divulgação científica em nível nacional, possibilitando a troca de experiências entre pesquisadores e evitando assim a duplicação de esforços entre eles.

A ressalva que fazemos é somente em relação tanto à ementa do GT1 quanto às palavras-chaves utilizadas para a representação das pesquisas apresentadas. No primeiro caso, lembramos que nenhum conhecimento (especialmente o científico) é pronto e acabado, ao contrário disso, ele deve estar sempre em construção, mudando de acordo com as mudanças ocorridas a sua volta que inevitavelmente o afetam. Assim, todos os esforços devem ser realizados no sentido de ir ao encontro das necessidades que o campo demonstra, uma maneira de fazermos isso é verificarmos em qual direção caminham os esforços daqueles que a constroem, ou seja, seus pesquisadores.

Uma vez que a ciência está sempre mudando, mudanças ainda maiores estão previstas para os canais que a divulgam e ajudam a construir o conhecimento. O GT1, como um dos mais importantes canais para divulgação da Ciência da Informação, no Brasil não deve ficar à margem dessas mudanças. Com esta pesquisa, verificamos entre outros aspectos, que talvez a ementa do GT1 não esteja indo ao encontro de uma boa parte dos trabalhos apresentados nesse GT. Como vimos na distribuição de dados, um total de 47 por cento dos termos não se encaixaram na ementa, portanto quase metade do total trabalhado. Embora consideremos que essa ementa seja muito bem elaborada e dê conta de grandes e importantes temas, outra gama de assuntos pode estar ganhando força dentro da área sugerindo, talvez, maior atenção não só de suas autoridades como dos pesquisadores que os compõem para uma possível revisão da ementa que representa esse GT.

Como vimos, por meio dos gráficos, todos os temas continuam ainda bastante

atuais e embora tendam a crescer em determinados anos e decrescer em outros não deixam de ser abordados pelos pesquisadores da área. Os principais assuntos pesquisados continuam sendo os representados pelas categorias 2 e 3, ou seja, "Campo científico da Ciência da Informação" e "Estudos epistemológicos em Ciência da Informação" seguidos pela categoria 4 "Interdisciplinaridade" esses temas predominam em quase todos os anos e demonstram a necessidade de se manter esse GT ativo e de se aumentar as atenções sobre ele e sobre a elaboração de sua ementa.

Outra questão que não poderíamos deixar de comentar é com relação às palavras-chaves escolhidas pelos autores para representar suas pesquisas. Consideramos que muitas delas podem não estar traduzindo fielmente os assuntos abordados pela pesquisa, o que pode causar interpretações errôneas. Dessa maneira, tomamos a liberdade de sugerir a esse GT, com base no estudo realizado, um mine tesauro que possivelmente facilitaria a seleção de assuntos dos autores na hora de representar seus trabalhos por meio de palavras-chaves, bem como verificar a adequação de seu tema ao referido GT e é claro, facilitando a interpretação desses trabalhos pelos leitores. Lembramos, entretanto, que é de suma importância que nesse mine tesauro seja direcionado um espaço para propostas e sugestões de novos termos pelos autores dos artigos e que periodicamente esse mine tesauro seja revisto com a intenção de avaliar a inclusão desses termos candidatos fazendo, assim, um instrumento útil e flexível aos pesquisadores da área.

Por ultimo, é importante mencionarmos que no ultimo ENANCIB (2008), foi aprovada uma nova ementa para o GT1 a qual transcrevemos a baixo:

> Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação. Constituição do campo científico e questões epistemológicas e históricas da Ciência da informação e seu objeto de estudo - a informação. Reflexões e discussões sobre a disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, assim como a construção do conhecimento na área. (ANCIB, 2009)

Ao analisarmos essa nova ementa, percebemos que alguns dos indicadores levantados por essa pesquisa já estão sendo contemplados nesse novo texto, como por exemplo, os aspectos relacionados ao objeto da Ciência da Informação – a informação. Apesar de não ser mencionado na ementa anterior, esse tema representava o terceiro mais pesquisado no GT1 e agora, com a reformulação da mesma, passou a fazer parte dela.

O contrário também ocorreu com o tema "Paradigmas da Ciência da Informação",

apesar de ser contemplado pela ementa anterior, ocupava o décimo (penúltimo) lugar entre os assuntos pesquisados pelo GT1, na reformulação da ementa esse tema passa a ser excluído do texto.

Essas alterações demonstram que os dados levantados na presente pesquisa refletem necessidades reais do GT1 e que essas necessidades já tem sido detectadas pelos organizadores desse grupo, bem como, estão sendo atendidas por eles refletindo, mais uma vez, a competência e profissionalismo desse grupo.

Assim, esperamos ter dado a nossa contribuição para o fortalecimento da área e principalmente para a divulgação desse importante evento, além de ter colaborado para a organização e adequação do GT1 indo ao encontro das necessidades que a área tem demonstrado. Esperamos ainda, incentivar outros pesquisadores a também se aventurarem nessa empreitada que busca enfrentar os desafios da pesquisa em Ciência da Informação, especialmente nesse grandioso e interessante tema que é a "Epistemologia da Ciência da Informação".

## REFERÊNCIAS


Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), disponível em: < http://www.ancib.org.br/> Acesso em: 20 de maio de 2009.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Uma elegante esperança. In: **Ciência da Informação**. Brasília, v.24, n.1, p.5-6, jan/abr. 1995.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. O tempo e o espaço da Ciência da Informação. **Transinformação**, v.14, n.1, p.17-24, jan/jun, 2002.

BORKO, Harold. Information Science: What is it! **American Documentation,** v.19, n.1, p.3-5, Jan. 1968. (Tradução livre).

BOURDIEU, Pierre.. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

BRAGA, Gilda Maria. Informação, ciência da informação: breves reflexões em três tempos. In. **Ciência da Informação.** Brasília, v. 24, n.1, p. 84-88, jan.\ abr. 1995.

BREGLIA, Vera L.Alves e RODRIGUES, Mara E. Fonseca. Um exercício de reflexão sobre a atuação dos profissionais de informação em uma sociedade do terceiro mundo: o caso Brasil. In. **Estudos e pesquisas:** Algumas reflexões sobre o ensino e práticas na área de informação. Niterói: EDUFF, 1998. p. 103-119.

BUSH, V. **As we may thing.** Atlantic Monthly, v.176, n.1, p. 1o1-108, 1945. Disponível em: <www.theatlantic.com/flashbks/computer/bushf.htm>. Acesso em: 28 fevereiro 2004. (Tradução livre de Fábio Mascarenhas e Silva)

CASTRO, César Augusto (Org.). **Conhecimento, Pesquisa e Práticas Sociais em Ciência da Informação**. São Luís: EDUFMA, 2007.

CBO – Classificação Brasileira de Ocupações. **2612 :: Profissionais da informação.** Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf> Acesso em: <15/06/2009>

CHRISTOVÃO, Heloísa Tardin. A ciência da informação no contexto da pós-graduação do IBICT. **Ciência da Informação.** Brasília, v. 24, n.1, p. 31-35, jan/abr, 1995.

CYSNE, Fátima Portela. **Biblioteconomia: dimensão social e educativa**. Fortaleza: Ed. UFC, 1993.

IV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), 2000, Brasília. **Anais**... Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), 2003, Belo Horizonte. **Anais**... Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

VI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), 2005, Florianópolis. **Anais**... Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

VII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), 2006, Marília. **Anais**... Marília: Universidade Estadual de São Paulo, 2005.

VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), 2007, Salvador. **Anais.**.. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007.

IV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), 2008, São Paulo. **Anais**... São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

FERREIRA, José Rincon. 25 anos do Programa de Pós-Graduação do IBICT. In: **Ciência da Informação**. Brasilia, v.24, n.1, p.5-6, jan/abr. 1995.

FERREIRA, Rubens da Silva. A sociedade da informação no Brasil: um ensaio sobre os desafios do Estado. **Ciência da Informação.** Brasília, v. 32, n.1, p. 36-41, jan/abr, 2003

FONSECA, Edson Nery. **Introdução a Biblioteconomia.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1992. 153 p.

FOSKETT, D. J. et al. **Ciência da Informação ou Informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980. 105p.

FUJITA, Mariângela S, Lopes. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.1, n.1, p. 60-90, jul./dez. 2003.

GOMEZ, Maria Nélida González. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**. V.6, n.1, p.5-18, jan./jun. 2001.

LE COADIC, Y. F. **A Ciência da Informação.** Brasília: Brinquet Lemos, 1996. 119 p.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. Ciência da Informação: nem ciência social, nem humana, apenas uma ciência diferente. In. PINHEIRO. Lena Vania R. **Ciência da Informação, ciências sociais e interdisciplinaridade.** Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1995 ou 1999**.** 182p.

MACHADO NETO, Antônio Luís. **O problema epistemológico em Sociologia Jurídica**. 6 ed. São Paulo: Saraiva, 1987. 420p.

MARTINS, Eduardo Vieira. O contexto político e o discurso da ciência da informação no Brasil: uma análise a partir do Ibict. **Ciência da Informação.** Brasília, v. 33, n.1, jan/abr, 2004.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Disponível em: < http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf > Acesso em: 31 de junho de 2009.

MOSTAFÁ, Solange Puntel. **Epistemologia da Biblioteconomia**. 1985. 140f. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1985.

NEHMY, Rosa M. Quadros et al. A ciência da informação como disciplina cientifica. In. **Perspectivas em ciência da Informação**. Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 9-25, jan\jun 1996.

ODONNE, Nanci. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a Ciência da Informação no Brasil. **Ciência da Informação**, v.35, n.1, Brasília, jan./abr. 2006.

OLIVEIRA, Marlene de; ARAÚJO, Eliany Alvarenga. Os paradigmas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação e os novos contextos de informação. In: CASTRO (Org.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia:** Múltiplos discursos. São Luís: Edufma; Edfama, 2002. 210p.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **Datagramazero.** v. 5, n.5, out/2004. Disponível em: <www.dzg.org.br/out04/Art_03.htm> Acesso em: 23 novembro 2006.

ORTEGA, Cristina Dotta. A documentação como origem e base fértil para a fundamentação da Ciência da Informação. **VIII ENANCIB**. Salvador, 2007.

PINHEIRO, Lena V. Ribeiro; LOUREIRO, José M. Matheus. Traçados e limites da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 24, n.1, p. 42-53, jan.\ abr. 1995.

KOBASHI, Nair Yumiko; TÁLAMO, Maria F. G. Moreira. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. **Transinformação**. Campinas, v. 15 (Edição especial), p. 07-21, set.\ dez. 2003

RAYWARD, W.B. The origins of Information Science and the International Institute of Bibliography/International federation for Information and Documentation (FID). **Journal of the American Society for Information Science**, v.48, n.4, p.289-300, 1997. (Tradução livre de Marcos Zarahi).

RIECKEN, Rinalda Francesca. Frame de temas potenciais em Ciência da Informação. **Revista digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Campinas, v. 3, n.2, p. 43-63, jan\jun. 2006.

ROBREDO, Jaime. **Documentação de hoje e de amanhã:** uma abordagem informatizada da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. 2 ed. Brasília: 1986. 400p.

ROBREDO, Jaime. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus; 2003. 245 p.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações**. Perspectivas em ciência da informação**. Belo Horizonte: v.1, n.1, p. 41-62, jan/jun. 1996.

SILVA, Armando Malheiro; RIBEIRO, Fernanda. **Das ciências documentais à ciência da informação:** ensaio epistemológico para um novo modelo curricular. Porto: Afrontamentos, 2002. 174p.

TARAPANOFF, Kira. **Perfil do profissional da informação no Brasil.** Brasília: IEL/DF, 1997. 134 p.

TARGINO, Maria das Graças. **Olhares e fragmentos**: Cotidiano da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Teresina: Edufpi, 2006. 266p.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Informação em ciência e tecnologia: políticas, programas e ações governamentais - uma revisão de literatura. **Ciência da Informação** [online]. 2002, vol.31, n.3. p.92-1002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010019652002000300010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 23 novembro 2008.

ZAHER, Célia Ribeiro. Da documentação à informática. In: Seminário sobre documentação e informática. 1971, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974. p.49-64.

## APÊNDICES

Apêndice 1 – Quadro geral de palavras-chaves.

| Palavras-chave | V Enancib (2003) | VI Enancib (2005) | VII Enancib (2006) | VIII Enancib (2007) | IX Enancib (2008) | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|
| abordagem histórico-cultural | | 1 | | | | 1 |
| abordagem metodológica | | 1 | | | | 1 |
| Abordagem teórica | | | | | 1 | 1 |
| ação de informação | | 1 | | | | 1 |
| análise de domínio | | 1 | 1 | | | 2 |
| análise do discurso | 1 | | | 1 | | 2 |
| análise temática | | | | 1 | 1 | 2 |
| Arqueologia da Escrita | | | | | 1 | 1 |
| Arquitetura da informação | | | | | 1 | 1 |
| Arquivística | | | 1 | 1 | 2 | 4 |
| Arquivologia | | 1 | | | | 1 |
| Articulação Ensino de Graduação | | | | | 1 | 1 |
| autoridade espitêmica | | | | 1 | | 1 |
| bertram brookes | | | | 1 | | 1 |
| biblioteconomia | | 1 | | | | 1 |
| bruno latour | | | | 1 | | 1 |
| busca informacional | | | 1 | | | 1 |
| Campo Científico | | 1 | | | | 1 |
| campo científico da ciência da informação | | | | 1 | | 1 |
| Campo Informacional | | | | | 1 | 1 |
| Capital Informacional | | | | | 1 | 1 |
| Ciberespaço | 1 | | | | | 1 |
| Ciência | | | 1 | 1 | | 2 |
| ciência – história | | | | 1 | | 1 |
| ciência cognitiva | | | | 1 | | 1 |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Ciência da Informação | 3 | 6 | 5 | 8 | 12 | 35 |
| ciência da informação – discurso | 1 | | | | | 1 |
| ciência da informação em ação | | | | 1 | | 1 |
| ciência da informação no Brasil | | 1 | | 1 | | 2 |
| ciência da informação no exterior | | 1 | | | | 1 |
| Ciência formativa - Ciência da Informação | | 1 | | | | 1 |
| ciências cognitivas | 1 | | | | | 1 |
| Classificação | | 1 | | | | 1 |
| Cognição | 1 | | | | | 1 |
| Cognitivismo | | | | 1 | | 1 |
| competência em informação | | | 1 | | | 1 |
| Complexidade | 1 | | | | | 1 |
| Comunicação | | | 1 | | | 1 |
| Comunicação científica | 1 | | | | | 1 |
| Comunicação e dominação simbólica | | | | 1 | | 1 |
| Comunidades discursivas | | | 1 | | | 1 |
| conceito de informação | 1 | | | | | 1 |
| Conceitos | | 1 | | | | 1 |
| conceitos e metáforas de interdisciplinaridade | | | 1 | | | 1 |
| Conhecimento | | | 3 | 2 | | 5 |
| conhecimento científico | | | | 1 | | 1 |
| conhecimento em rede | | | | 1 | | 1 |
| Consolidação da Ciência da Informação | | | | | 1 | 1 |
| construtivismo | | | 1 | 1 | | 2 |
| Credibilidade | | | | 1 | | 1 |
| Cultura escrita | | | | | 1 | 1 |
| Cultura material | | | | | 1 | 1 |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Desafios atuais | | | | | 1 | 1 |
| Desafios da Ciência da Informação | | | | | 1 | 1 |
| Disciplinas | | | | | 1 | 1 |
| disciplinas de ciência da informação no Brasil | | 1 | | | | 1 |
| Discurso | | | 1 | 2 | | 3 |
| Discurso Científico | | | | | 1 | 1 |
| Divulgação científica | | | | | 1 | 1 |
| divulgação da ciência | | | | 1 | | 1 |
| documentação | | 1 | | | | 1 |
| Documento | | | 1 | | 2 | 3 |
| ENANCIB | | | | | 1 | 1 |
| ensino superior | | | 1 | | | 1 |
| Epistemologia | | 2 | | 3 | 3 | 8 |
| Epistemologia – Ciência da Informação | | 1 | | | | 1 |
| Epistemologia da ciência da informação | | 1 | 1 | 1 | 3 | 6 |
| Epistemologia da informação | | | | 1 | | 1 |
| Epistemologia em ciência da informação | | | | 1 | | 1 |
| Epistemologia genética | | | | 1 | | 1 |
| Epistemologia histórica | | | | | 1 | 1 |
| equação do impacto informacional | 1 | | | | | 1 |
| equação fundamental da ciência da informação | | | 1 | | | 1 |
| espaço prisional | | 1 | | | | 1 |
| Esquecimento | | | | 1 | | 1 |
| Essencialismo | | | | | 1 | 1 |
| Estado da arte | | | | | 1 | 1 |
| Estado-nação | | | | | 1 | 1 |
| estudos da ciência | | | | 1 | | 1 |
| estudos em ciência da informação | | | | 1 | | 1 |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| evolução da gestão do conhecimento | | | | 1 | | 1 |
| Ficção-científica | | | | | 1 | 1 |
| filosofia | | | | 1 | 1 | 2 |
| filosofia contemporânea | | | | 1 | | 1 |
| filosofia da linguagem | | 1 | | 1 | | 2 |
| filosofia da mente | | | | 1 | | 1 |
| Fisicalismo | | | | | 1 | 1 |
| forma | 1 | | | | | 1 |
| formação de cientistas da informação | | | | 1 | | 1 |
| formação de competências | | | 1 | | | 1 |
| formação docente | | | | 1 | | 1 |
| Fundamentos da ciência da informação | | | | | 1 | 1 |
| Gênero feminino | | | | | 1 | 1 |
| gestão da informação | | | 1 | | | 1 |
| gestão do conhecimento | | | | 1 | | 1 |
| grupos de pesquisa | | 1 | | | | 1 |
| grupos interdisciplinares | | 1 | | | | 1 |
| Hipertexto | 1 | | | | | 1 |
| Historia | | 1 | | | 1 | 2 |
| historia da ciência da informação | 1 | 1 | | 1 | | 2 |
| história da ciência da informação no Brasil | | | | | | 1 |
| história da documentação | | | | 1 | | 1 |
| história das idéias | | 1 | | | | 1 |
| Holografia | 1 | | | | | 1 |
| iconografia da leitura | 1 | | | | | 1 |
| idade média | 1 | | | | | 1 |
| Identidade | 1 | | 2 | | | 3 |
| Imagem | | 1 | | | | 1 |
| imagens da clausura | | 1 | | | | 1 |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| indicador de ciência e tecnologia | | | 1 | | | 1 |
| Informação | 1 | 1 | 5 | 3 | 3 | 12 |
| informação científica | | 1 | | | 2 | 3 |
| informação e ciência da informação | 1 | | | | | 1 |
| informação e memória | | 1 | | | | 1 |
| informação e sociedade | 1 | | 1 | | | 2 |
| informação na contemporaneidade | 1 | | | | | 1 |
| Informação não-científica | | | | | 1 | 1 |
| informação-impacto social | 1 | | | | | 1 |
| información y comunicación | | 1 | | | | 1 |
| information literacy | | | 1 | | | 1 |
| information seeking | | | 1 | | | 1 |
| Informatividade | | | | | 1 | 1 |
| infra-estrutura de informação | | | 1 | | | 1 |
| institucionalização da ciência da informação | | | | 1 | | 1 |
| Inteligência informacional | | | | | 1 | 1 |
| interatividade | 1 | | | | | 1 |
| interdisciplinaridade | | 1 | 3 | | 3 | 7 |
| interface | | | 1 | 1 | | 2 |
| interfaces | | | | | | 1 |
| internet | | | 1 | | | 1 |
| introjeção de conhecimentos | | | 1 | | | 1 |
| inversão de infra-estrutura | | | 1 | | | 1 |
| j. habermas | | | | 1 | | 1 |
| karl popper | | | | 1 | | 1 |
| Leitura e cognição | | | 1 | | | 1 |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| linguagem natural | | 1 | | | | 1 |
| linha de pesquisa | | | | 1 | | 1 |
| livros científicos | | | | 1 | | 1 |
| memória | | | | 1 | 2 | 3 |
| Memória discursiva | | | | | 1 | 1 |
| memoria institucional | | 1 | | | | 1 |
| Memória social | | 1 | | | 1 | 2 |
| metáfora | 1 | | 1 | | | 2 |
| metodologia | | 1 | | 1 | | 2 |
| métodos qualitativos | | 1 | | | | 1 |
| métodos quantitativos | | 1 | | | | 1 |
| Mulher | | | | | 1 | 1 |
| Museologia | | | | | 1 | 1 |
| Museologia e Interdisciplinaridade | | | | | 1 | 1 |
| Museu | | | | | 1 | 1 |
| Museus e Interdisciplinaridade | | | | | 1 | 1 |
| ordem da internet | | | 1 | | | 1 |
| ordem do livro | | | 1 | | | 1 |
| organização do conhecimento | 1 | | 2 | | | 3 |
| paradigma | 1 | | | 1 | | 1 |
| paradigma cognitivo | | | 1 | | | 1 |
| Paradigma Indiciário - Ciência da Informação | | 1 | | | | 1 |
| paradigma social | | | | 1 | | 1 |
| paradigma sócio-cognitivo | | | | 1 | | 1 |
| Paradigmas | | | | | 1 | 1 |
| paradigmas e modelo | | | | 1 | | 1 |
| pesquisa | | 1 | | | | 1 |
| pesquisa em ciência da informação | | | | 1 | | 1 |
| Pesquisadores - Ciência da Informação | | 1 | | | | 1 |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| piaget | | | 1 | | | 1 |
| **Pierre bourdieu** | | | | | | 1 |
| pós-graduação | | | | 1 | 2 | 3 |
| pós-graduação – estudos | | | 1 | | | 1 |
| Pós-graduação e Pesquisa em Ciência da Informação | | | | | 1 | 1 |
| pós-graduação em ciência da informação | | | | 1 | | 1 |
| pragmatismo | | | 1 | 1 | 2 | 4 |
| prática informacional | | | 1 | | | 1 |
| praticas discursivo-epistemológicas | | | | 1 | | 1 |
| precisão | | | | 1 | | 1 |
| produção científica | | | | 1 | 1 | 2 |
| profissionais que pensam-conhecem-agem sobre a informação | | | 1 | | | 1 |
| programas e cursos de pós-graduação | | | | 1 | | 1 |
| Publicações científicas | | | | | 1 | 1 |
| Rafael Capurro | | | | 1 | | 1 |
| recuperação da informação | 1 | 1 | | | 1 | 3 |
| redes | | | 1 | | | 1 |
| redes sociais | | | 1 | | | 1 |
| representação | 1 | | | | | 1 |
| Representação da Ciência | | | | | 1 | 1 |
| representação da informação | | 1 | | | | 1 |
| Representações sociais | | 1 | | | | 1 |
| responsabilidade social | 1 | | | | | 1 |
| Rizoma | 1 | | | | | 1 |
| semiótica | | 1 | | | | 1 |
| Sistema de informação | | 1 | | | | 1 |
| sistemas | | | 1 | | | 1 |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| sistemas complexos | | | 1 | | | 1 |
| sociedade | | | 1 | | | 1 |
| sociedade da informação | | | | 1 | | 1 |
| sociologia da informação | 1 | | | | | 1 |
| *técnicas* de coleta de dados | | 1 | | | | 1 |
| tecnologia | | | | 1 | | 1 |
| Tecnologia da informação | 1 | 1 | | | | 1 |
| tecnologias da informação e comunicação | | | | 1 | | 1 |
| Tecnologias de informação | | | | | | 1 |
| teoria ator-rede | | | | 1 | | 1 |
| teoria da ciência da informação | 1 | | | | | 1 |
| teoria da informação | | | 1 | | | 1 |
| teoria do conhecimento | | 1 | | | | 1 |
| teorias da recepção | | 1 | | | | 1 |
| Totalidade | 1 | | | | | 1 |
| Transdisciplinaridade | | | | | 1 | 1 |
| transmissão cultural | 1 | | | | | 1 |
| transmissão de informação | 1 | | | | | 1 |
| universidades | | 1 | | | | 1 |
| validade da informação | | | | 1 | | 1 |
| vínculos institucionais | | | 1 | 1 | | 2 |
| Virtual | 2 | | | | | 2 |
| Web | | | | 1 | | 1 |
| Wittgentein | | 1 | | | 1 | 2 |
| **TOTAL** | **40** | **58** | **61** | **84** | **80** | **323** |